

J. F. BELCHIOR



O
ALEMAO
QUE EU AMO



editoraifrn

J. F. BELCHIOR

O
ALEMÃO
QUE EU AMO



editoraifrn

Natal, 2019

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Abraham Weintraub

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Ariosto Antunes Culau



Reitor

Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo

Coordenadora da Editora IFRN
Kadydja Karla Nascimento Chagas

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Ana Paula Borba Costa
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri
Kadydja Karla Nascimento Chagas
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Sílvia Regina Pereira de Mendonça
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Hanna Andreza Fernandes Sobral

Coordenação de Design

Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística

Sayara de Medeiros Xavier

Coordenação de Revisão

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Prefixo editorial: 54885

Linha Editorial: Artístico-Literária

Disponível para *download* em:

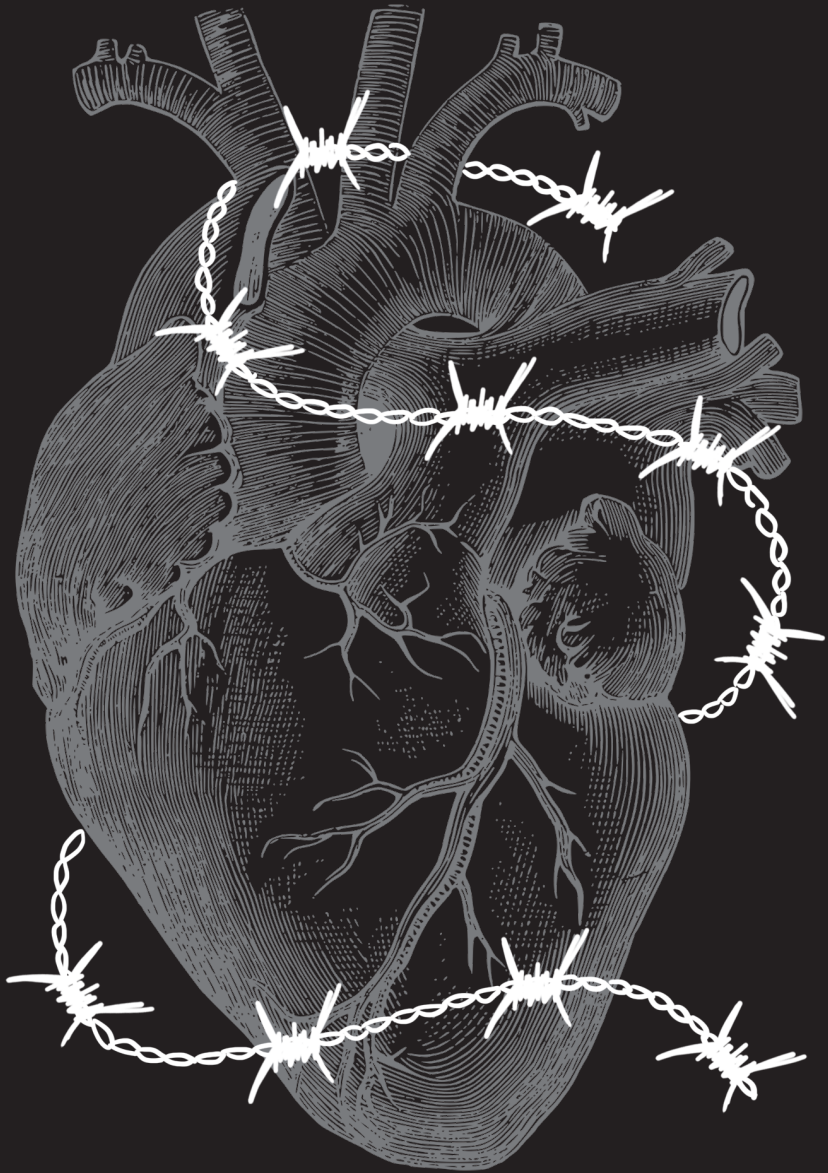
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. Natal-RN.

CEP: 59015-300. Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br





Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Belchior, J. F.
B427a O alemão que eu amo / J.F. Belchior; projeto gráfico, diagramação e capa Hanna Andreza Fernandes Sobral; coordenação de Design Charles Bamam Medeiros de Souza; revisão linguística Sayara de Medeiros Xavier; coordenação da revisão linguística Rodrigo Luiz Silva Pessoa. – Natal: IFRN, 2019. 222 p. il.

ISBN: 978-85-94137-89-0

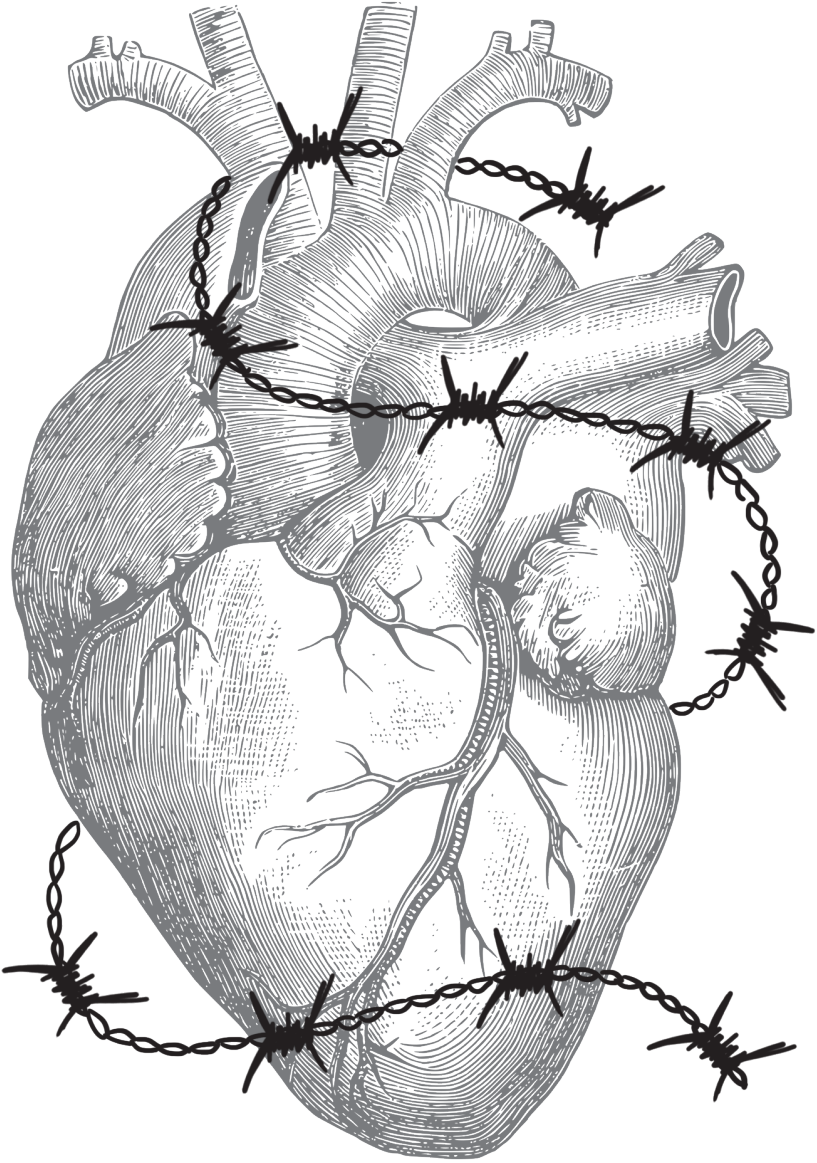
1. Literatura - Romance. 2. Literatura alemã - Ficção. 3. Romance alemão. I. Belchior, J. F.. II. Título.

CDU 82(430)-31

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

Dedico este livro a todas as pessoas que acreditaram em meu potencial para desenvolver esta obra e mais outras vindouras.



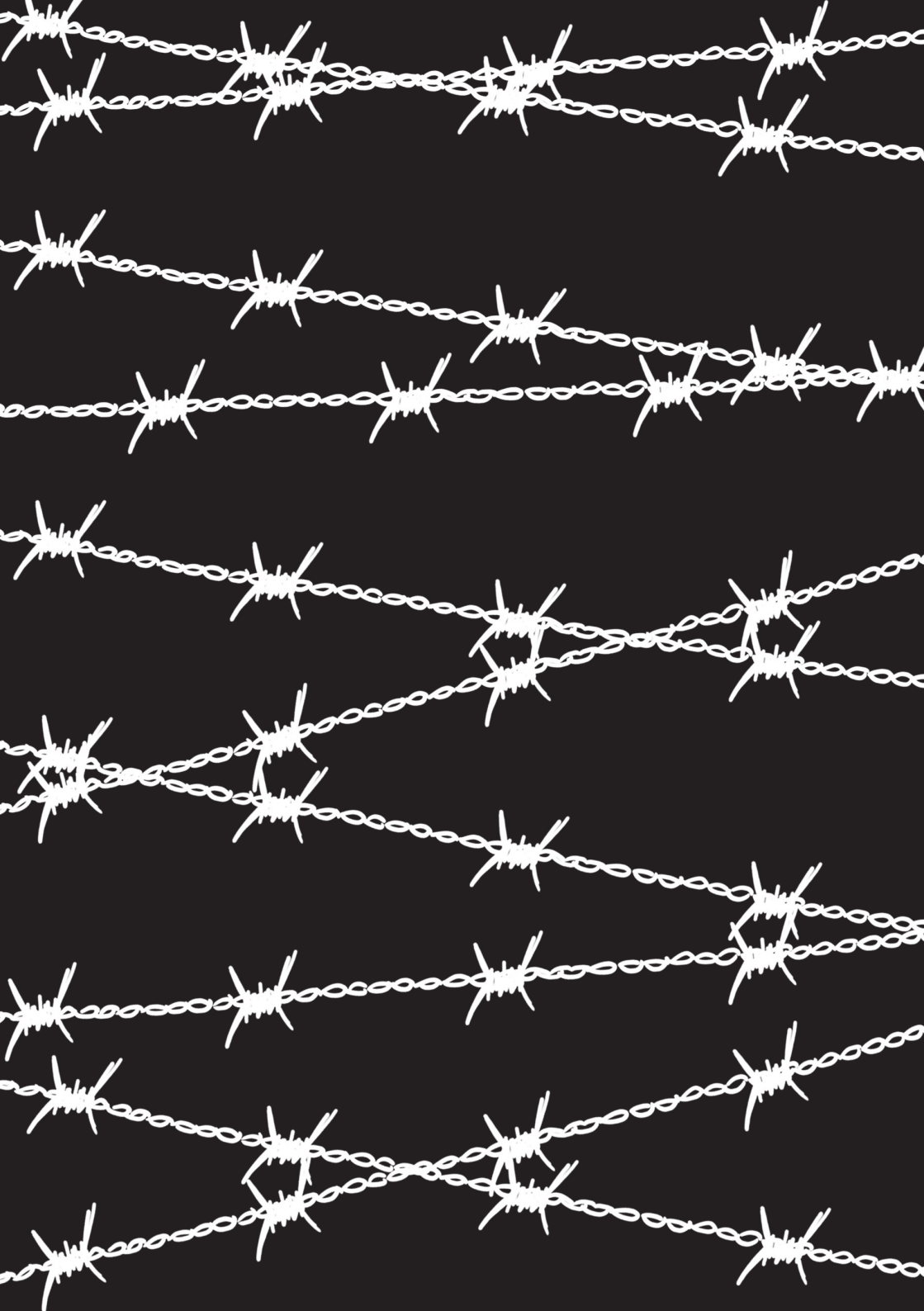


SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
Capítulo 1 • <i>Amar em segredo</i>	15
Capítulo 2 • <i>Coin fleurs</i>	21
Capítulo 3 • <i>O capitão</i>	27
Capítulo 4 • <i>Amiga desconfiada</i>	33
Capítulo 5 • <i>Sherman's Bar</i>	39
Capítulo 6 • <i>Choque de realidade</i>	47
Capítulo 7 • <i>Uma nova vida</i>	55
Capítulo 8 • <i>O cafajeste</i>	63
Capítulo 9 • <i>Aquela tarde em Southampton</i>	71
Capítulo 10 • <i>Palace of The Seas</i>	77
Capítulo 11 • <i>Cadê você?</i>	85
Capítulo 12 • <i>Noite tortuosa</i>	91
Capítulo 13 • <i>Velhos amigos</i>	97
Capítulo 14 • <i>Em terras brasileiras</i>	103
Capítulo 15 • <i>Não confie nele!</i>	109
Capítulo 16 • <i>O perigo em nossa casa?</i>	115
Capítulo 17 • <i>Jamais saberão onde eles estão</i>	121
Capítulo 18 • <i>A primeira noite</i>	127
Capítulo 19 • <i>Quem sou eu?</i>	133
Capítulo 20 • <i>Para quê viver se tudo eu perdi?</i>	139
Capítulo 21 • <i>Fuga para a paz</i>	147
Capítulo 22 • <i>Vivendo como britânicos</i>	153

Capítulo 23 • <i>Decisão</i>	159
Capítulo 24 • <i>Os caminhos da vida</i>	165
Capítulo 25 • <i>Rumo a Londres ou à morte?</i>	171
Capítulo 26 • <i>De volta para o mar</i>	179
Capítulo 27 • <i>Nos vemos em breve</i>	185
Capítulo 28 • <i>Leve-a e a proteja</i>	193
Capítulo 29 • <i>Estarei sempre com você</i>	199
Capítulo 30 • <i>Depois do Dia D</i>	207
Capítulo 31 • <i>A carta</i>	213

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
----------------------------------	-----







PRÓLOGO

Houve uma época em que, por seis anos, uma enorme e devastadora guerra existiu, marcada pela busca do poder, pelo sadismo, batalhas sangrentas, mortes e crueldades que jamais serão esquecidos. Em meio a tanto horror, uma paixão, um amor inesperado surge entre duas pessoas de lados opostos, de realidades opostas, vidas opostas, porém que se atraem, se conhecem, se apaixonam.

O amor entre este casal ficará oculto, resguardado apenas por seus descendentes, parentes e amigos. Este amor que foi posto à prova, entre a ética e a moral, entre a vida e a morte. Um amor que ultrapassa posição social, preconceito e críticas, um amor que supera tudo.

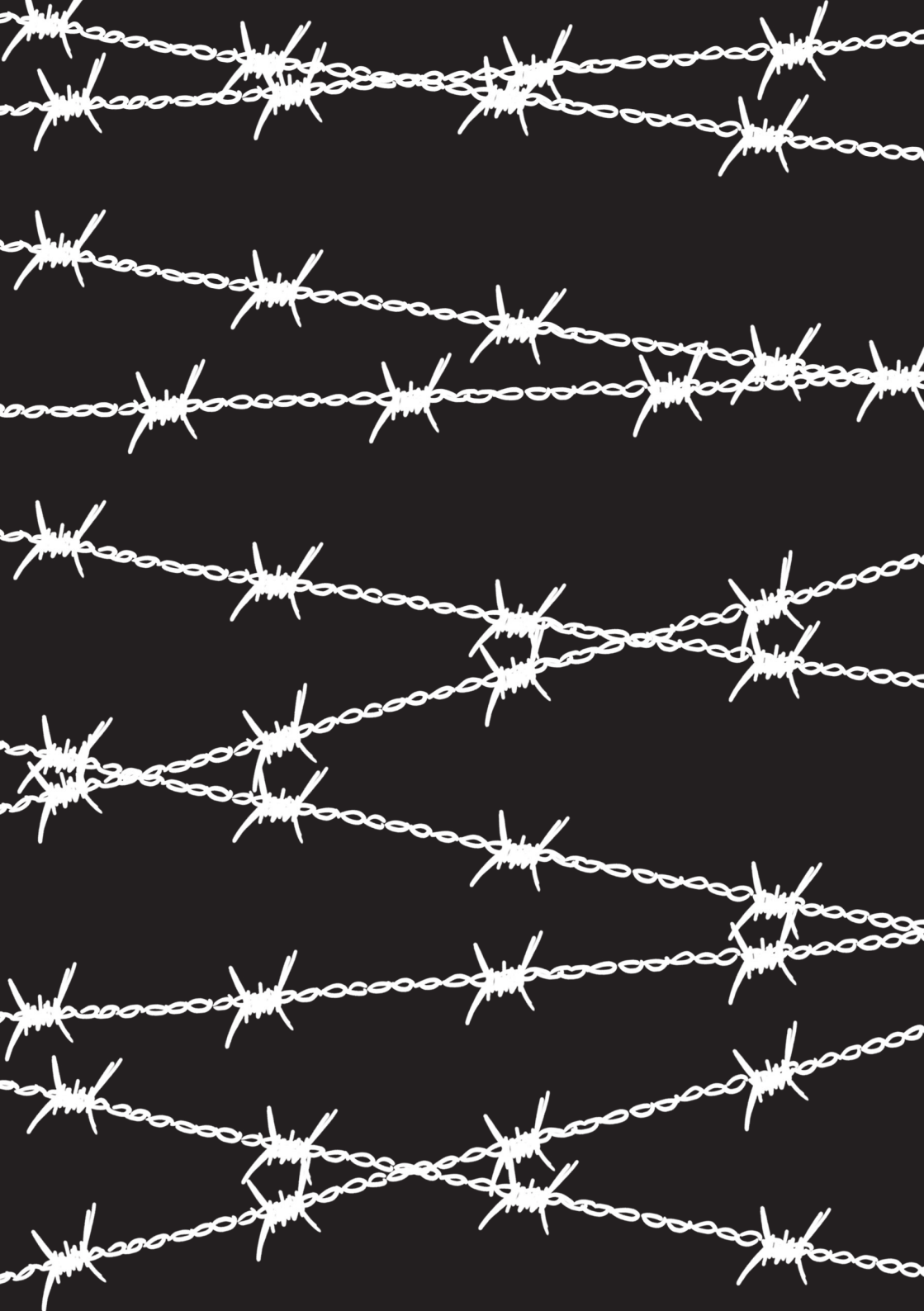
Pessoas que se amaram desde o primeiro momento em que se viram, almas gêmeas sem dúvida alguma. Um amor proibido, sem medo de ser exposto ao público. Capaz de superar quaisquer barreiras, inclusive as leis entre as nações às quais pertenciam aquele homem e aquela mulher.

Neste romance, não se trata de o mocinho salvar a dama em perigo, ou de fazer declarações melosas e cansativas. Não. Este livro retrata um verdadeiro amor entre duas pessoas que tiveram que passar por muitos problemas, brigas, dores e sofrimentos em meio àqueles anos difíceis. Eram anos de guerra, mas os lados pelos quais optaram por permanecer já não tinham importância.

De um lado, um capitão desertor, e do outro, uma simples

enfermeira. Juntos, eles deverão passar por inúmeros obstáculos que colocarão à prova o seu amor proibido. Seu amor que ultrapassa qualquer limite, qualquer um, qualquer ordem. Ninguém os separaria, ou estão eles errados.

Desejo retratar neste livro um caso baseado em fatos que tenho certeza que são reais, ambientado numa época em que poucos tinham direitos, e que simples decisões poderiam mudar o destino de uma nação e das pessoas que lá habitavam. Apesar de que neste romance também seja retratado um pouco das atrocidades e batalhas ocorridas durante a Segunda Grande Guerra, quero também mostrar aos leitores que não importa religião, nacionalidade, cor ou posição social, somos todos filhos da mesma Terra. Como já foi dito, somos seres humanos, e um verdadeiro amor ultrapassa qualquer limitação entre nós.





CAPÍTULO 1:

AMAR EM SEGREDO

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1943.

Naquele dia, o sol nascia de forma radiante por trás do Corcovado. Seus raios iluminavam toda a Baía de Guanabara e fazia resplandecer a estátua do Cristo Redentor, inaugurado há 11 anos. Na cidade, em um quiosque perto do porto, pessoas faziam um lanchinho matinal enquanto escutavam pelo rádio uma melodia que servia de introdução para a música *amar em segredo*.

Neste mesmo quiosque, três amigas se encontravam e encantavam a todos por sua beleza. As moças eram conhecidas pelos apelidos de Bibi, Lulu e Mila, e todas eram enfermeiras do mais prestigiado navio hospital do Brasil, e talvez até do mundo. O navio era chamado de Aurora, o alvorecer do amanhã que socorre aos necessitados.

— Que música linda! — Admitiu Bibi, encantada com a música que tocava no rádio naquela manhã.

— Sim, eu concordo — Escutou mais um pouco. — Essa voz é conhecida! — Mila falou de forma suave, parecia “saborear” a música com os ouvidos.

— Ah meninas, é *amar em segredo*! Famosíssima de Augusto Calheiros. Eu adoro as músicas dele! — Explicitou Lulu sorridente. A canção continuava a tocar.

*Lua, eterna inspiração de mágoa essa canção.
Lá, o azul do firmamento, aplaca este tormento!
Vem, com tua claridade,
E, com a cintilação traz amenidade ao coração.*

Após um breve silêncio para a apreciação da música, Mila puxou o assunto:

— Alguém já sabe qual será o nosso itinerário?

— Não ouvi falar em nada! — Bibi olhou para sua amiga.

Lulu assumiu a postura e lhes disse:

— Eu muito menos! Mas sei que quando voltarmos ao navio, terá uma reunião para a equipe médica na AMH! — A sigla era a abreviação usada para referir-se a Ala Médica Hospitalar do navio Aurora.

As jovens permaneceram por mais um tempo no aconchegante quiosque, com suas mesas de madeira e suas cadeiras simples pintadas com um marrom bastante escuro, fazendo-lhes parecer que eram novas. Sua tenda de couro que cobria dois terços das mesas, era segurada por duas hastes de ferro ligadas a um estabelecimento onde ficavam uma cozinha, um depósito de comidas e bebidas e um balcão para o atendimento dos clientes.

— Hum, temos que ir! — Lulu deu um salto da cadeira.

— Calma, criatura! Que horas são essas? — Mila assustou-se.

— Já está na hora gente, o navio parte daqui a cinco minutos!

— Alertou a moça. A embarcação zarparia às 8h em ponto.

— Então vamos! — Bibi intrometeu-se. Todas levantaram-se e foram pagar o que pediram. Ao aproximarem-se do balcão, um garanhão levantou e abordou o trio.

— Estão indo pagar? Que absurdo! Deixem que eu pago para vocês. Mulher nenhuma deve pagar um café da manhã! — O ho-

mem com um bigode fino argumentou às moças.

— Não, muito obrigada! — Mila fechou a cara.

— Trabalhamos e ganhamos dinheiro! Não precisamos que homem nenhum pague para nós! — Bibi olhou diretamente para o homem, que tinha uma aparência de meia-idade.

As pessoas que ali estavam observaram o grande fora que o garanhão levou das mulheres, que o fez sentar novamente e calar-se. O trio feminino pagou e se dirigiu para o navio, onde conseguiram chegar antes que ele zarpasse.

Sua grandiosidade impressionava. Suas dimensões de duzentos e oitenta metros de comprimento e cinquenta e oito de altura o tornavam majestoso. O navio era pintado com cores brancas, com três cruzeiros vermelhas no casco em ambos os lados. As quatro chaminés de cor amarela soltavam nuvens intensas de fumaça. Um sinal de aviso ecoou pelo porto por três vezes, alertando a partida do navio hospital da então capital do Brasil.

O trio de amigas foi até os seus quartos para deixar os seus pertences e logo em seguida, partiram para a AMH. Quando chegaram, avistaram o Dr. Silveira, diretor da ala médica do navio, junto com os demais médicos, enfermeiros e ajudantes.

— Pessoal, bom dia a todos! — Iniciou Silveira.

— Bom dia! — Todos responderam parecendo um coral.

— Bom, segundo as ordens e informações passadas pelo Capitão Moreira — Fez uma breve pausa. — Vamos rumar para Nova York, onde devemos receber um destacamento de médicos e uma tropa de soldados americanos!

As demais pessoas na sala, entre elas, Lulu, ficaram entusiasmadas pela futura chegada dos mocinhos americanos. O diretor continuou:

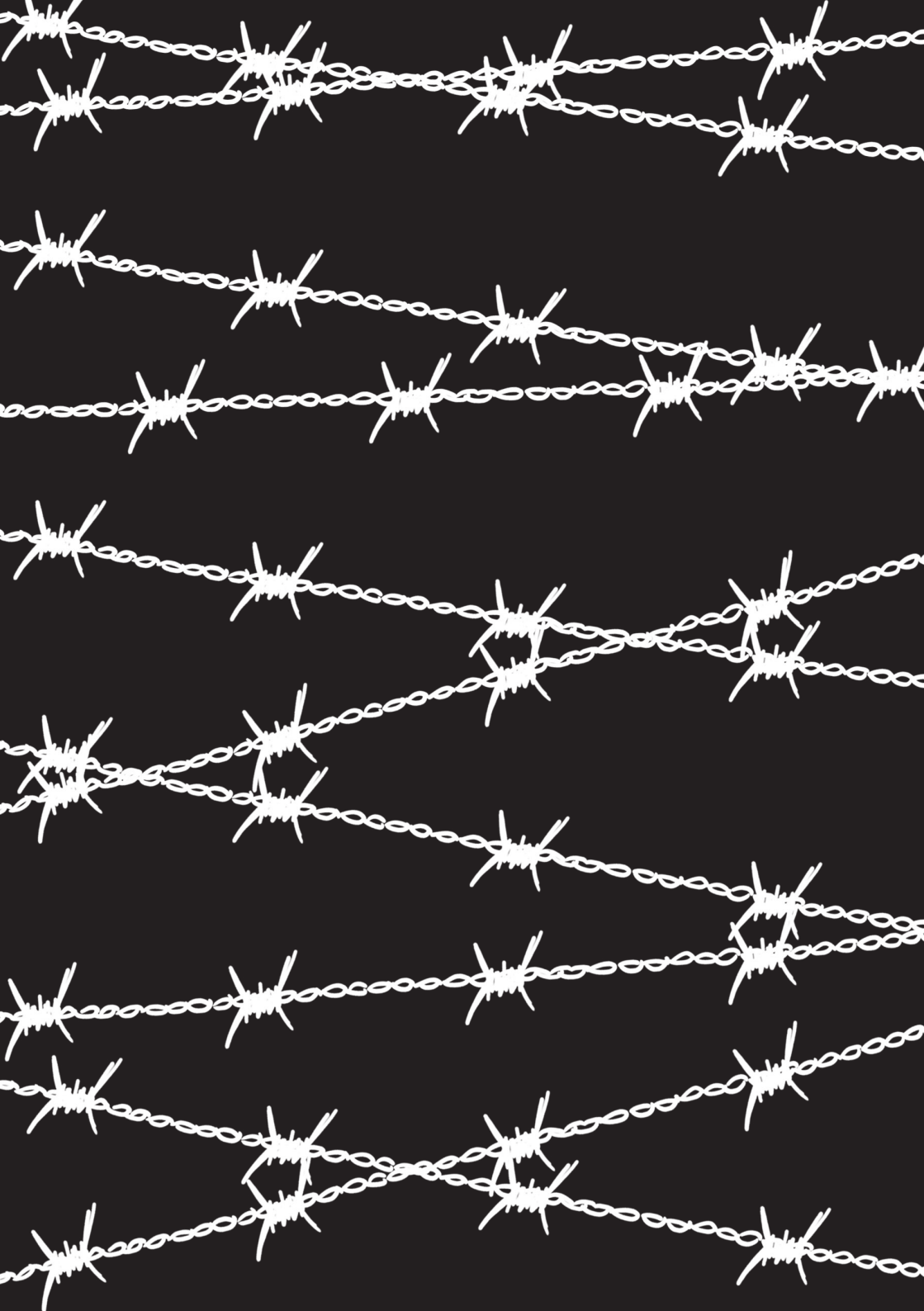
— De Nova York, seguiremos para a Europa!

— Para onde, mais precisamente? — Um dos ajudantes perguntou.

— Sobre isso não fui informado, o Capitão optou por não me dizer! — Respondeu Silveira.

— Ah, quase esqueci também! — O médico tornou a falar. — Quando estivermos na “cidade que nunca dorme”, vocês terão uma folga, dependendo do horário de chegada. Obrigado pela atenção!

Quase todos se animaram. Alguns juntaram-se em grupos para conversar sobre possíveis aventuras vindouras. Outros retornaram aos seus quartos, pois eram indiferentes. De fato, todos precisavam descansar, tirar um dia de folga antes de tudo. Aquela era a primeira atuação oficial do navio Aurora após o Brasil, no ano anterior, declarar guerra contra os países do Eixo. Não seria fácil para ninguém, desde os médicos e enfermeiros até o capitão e sua tripulação. Muito trabalho haveria de vir pela frente. Era inevitável, afinal, eram tempos de guerra.





CAPÍTULO 2: COIN FLEURS

França, 1940.

Entre setembro de 1939 e maio de 1940, não houve nenhuma movimentação por parte dos países europeus em guerra (França, Alemanha e Reino Unido). Porém, isso mudou quando Hitler orquestrou uma invasão pela Holanda e Bélgica, em maio de 1940, dando início ao que ficou conhecido como a batalha da França.

Os franceses foram enganados pelas estratégias alemãs, que fizeram uso de três grupos de exércitos para executar suas táticas, sendo eles os grupos A, B e C. Enquanto os dois últimos atuavam na região dos Países Baixos, o grupo de exércitos A invadia a França pelas Ardenas, um local densamente florestado e de difícil locomoção de tropas. Liderados pelo marechal Von Rundstedt, o grupo A avançava cada vez mais e surpreendeu os franceses, que estavam com a defesa despreparada.

Entre as várias batalhas que se desenvolviam em solo francês, e os feitos de alguns homens considerados heroicos por parte dos franceses e alemães, um tenente do grupo A, por sua aptidão para a liderança, chamou a atenção do comandante do qual era subordinado.

Em 13 de junho, antes do avanço alemão a Paris, o que seria efetuado no dia seguinte, o tal tenente foi convocado por Rundstedt para ir até o seu encontro.

— Senhor! — O Rapaz bateu continência.

— Descansar! — Ordenou com uma voz grave. Após um breve silêncio, tornou a falar. — Como é mesmo seu nome meu rapaz?

— Stein, Ernest Stein! Senhor! — Respondeu, um pouco nervoso. Ele nunca havia falado com o seu comandante uma vez sequer, apenas obedecia às suas ordens transmitidas pelos capitães e demais superiores.

— Sente-se meu jovem! Está nervoso? — Por ser experiente, o marechal notou algo de estranho no tenente.

— Fui pego de surpresa! Não passava pela minha cabeça ter uma audiência com o senhor! — Explicou o rapaz olhando diretamente para o seu superior. Rundstedt ergueu a cabeça e olhou para o rapaz que parecia tímido.

— Não considere isto como uma audiência, mas como uma conversa, se isto o deixar mais tranquilo!

Um aceno de cabeça foi demonstrado por Stein como forma de compreensão. O marechal escrevia algo em um papel, que o tenente não conseguiu decifrar. Parecia ser um breve relatório sobre o avanço das tropas em solo francês. De repente, um charuto foi tirado de uma caixa, que continha mais onze. O marechal experiente sacou do bolso da calça um isqueiro encrustado com a suástica nazista que tivera ganhado como presente de um companheiro também militar. O homem levou o charuto até a boca e o acendeu. Deu uma boa tragada e soltou uma fumaça cinza pela boca, como as chaminés de uma fábrica.

— Me perdoe interrompê-lo, senhor — O jovem deu um goto. — Mas, porque necessariamente eu estou aqui?

— Eu o vi no campo de batalha — Deu outra tragada. — Observei como você tem aptidão para a liderança! — Suspirou

jorrando fumaça. — E tenho uma missão importante para você!

— Para mim? — Ele ficou confuso.

— Exato! Quero que você lidere um destacamento de trezentos e cinquenta homens amanhã durante a ofensiva! — O marechal achava que haveria alguma resistência em Paris, porém mais tarde, ele estaria enganado.

— O senhor tem certeza do que está dizendo? — O tenente retrucou, não estava preparado para afazeres tão importantes. Sentia-se como um soldado comum, embora sua patente dissesse o contrário.

— Mas é claro que tenho! — O comandante do grupo de exércitos A deu uma última tragada no charuto. — Tanto sei, quanto um mais um é dois!

— Está bem! É só isso? — Foi ríspido.

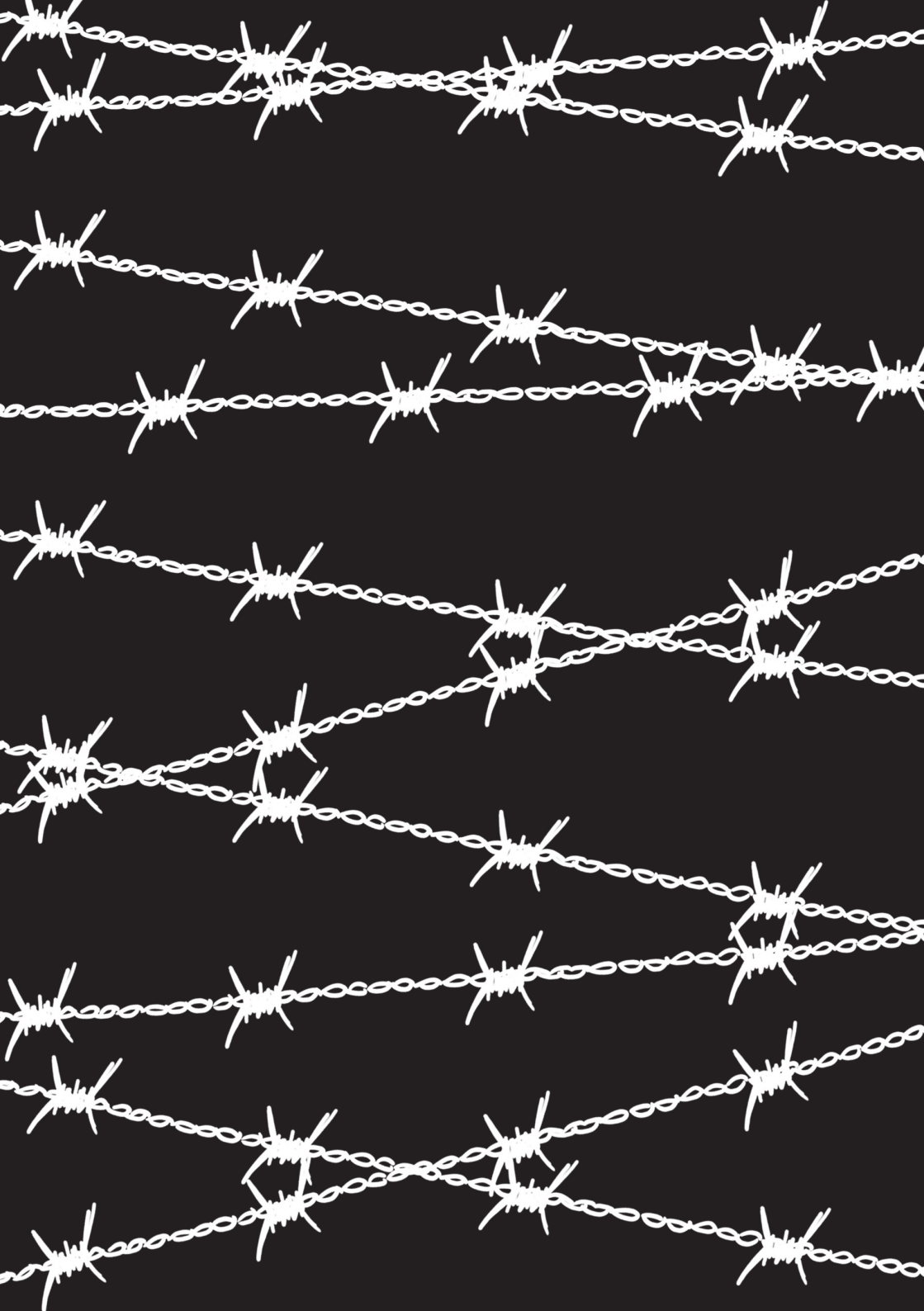
— Dois conhecidos seus também irão com você! — Informou-lhe.

— E quem seriam? — O rapaz conhecia muitas pessoas do exército e já estava de pé, pronto para sair.

— Klaus Hoffman e Marcos Becker!

— Ok! Está bem! — O tenente bateu continência e saiu.

O jovem militar estava nervoso por tamanha responsabilidade que teria que cumprir amanhã, porém uma parte de si estava tranquila por saber que teria a companhia de seus melhores amigos. Stein saiu do restaurante Coin Fleurs, que agora servia como posto militar durante a ocupação alemã na vila onde estavam, que ficava a uns três quilômetros de Paris. O rapaz retornou a um dos dormitórios improvisados para descansar um pouco e logo depois partir com a tropa no dia seguinte, rumo à capital francesa.





CAPÍTULO 3: O CAPITÃO

Amanheceu, os primeiros raios de sol despertaram os soldados que logo se aprontaram para o avanço sobre Paris. Não demorou muito para iniciarem a marcha. O exército marchava livremente ao serem informados de que Paris era uma “Cidade Aberta”.

Quando todos já se dirigiam em direção à Cidade Luz, um capitão de pelotão chamado Albert Schmidt, um fanático, ordenou que os seus soldados subordinados destruíssem a vila de Rose Blanche, onde estiveram para recuperar as forças e descansar. Todos os trezentos e cinquenta soldados obedeceram e puseram fogo em todas as casas e estabelecimentos.

A pequena vila possuía uma igrejinha de arquitetura gótica construída no centro, juntamente com uma pracinha e uma fonte, e era rodeada por casas, lojas e mercearias que formavam as estreitas e curtas cinco ruas do local. As casas de estilo medieval francês queimavam intensamente naquele dia. Porém, não havia mais ninguém morando em Rose Blanche, pois todos fugiram antes da chegada dos nazistas. De repente, uma explosão. De longe, todos que marchavam observaram o tamanho ato desnecessário de destruir a pequena vila, embora ela não tivesse utilidade alguma para os alemães.

— Quem ordenou fazer tal ato? — O marechal Von Rundstedt bravejou diante todos.

— Fui eu! — O capitão Schmidt cinicamente revelou-se.

— Porquê? Seu grande idiota! Não havia motivo algum!

— Ora, porque não haveria senhor? Isto é para mostrar nosso poder, nossa superioridade ariana! — Argumentou.

— Idiota! Estúpido! — O marechal deu um soco na cara do capitão, fazendo-o sangrar. — Nenhum dos seus subordinados será mais seu! — Estava ofegante. — Todos os homens que eram subordinados ao capitão Schmidt serão, a partir de agora, subordinados ao primeiro-tenente Stein!

— O que? — Schmidt berrou. — Não pode entregar meu esquadrão para Stein, não é capitão, não tem experiência!

— Claro que posso, o comandante de todo este exército ainda sou eu!

A marcha continuou, e o capitão fanático estava desmoralizado, seu poder de ordenar estava anulado pelo comandante do grupo de exércitos A. O primeiro-tenente uniu-se aos seus amigos e juntos puxaram assunto.

— Ei, soube que foi notado por Rundstedt! — Hoffman iniciou.

— Como soube? Não tinha contado a nenhum dos dois! — Stein retrucou.

— Vimos quando você foi chamado para ir até onde ele estava! — Becker intrometeu-se.

— O marechal também me informou que vocês iriam comigo liderar o pelotão!

— Sério? Não fomos informados! — Becker olhou para Hoffman.

— Pois agora foram e isto é uma ordem! — Stein indagou rindo.

— Sim senhor! — Becker riu. — Ao menos ficaremos juntos durante essa guerra!

— Nisso eu concordo! — Hoffman admitiu. Os três riram como se estivessem relembando coisas do passado.

Cerca de uma hora e meia depois que saíram de Rose Blanche, as tropas nazistas chegaram até Paris, que se encontrava quase abandonada. A bandeira alemã foi hasteada no alto da Torre Eiffel, enquanto alguns civis franceses sentiam-se amargurados pela ocupação inimiga na Cidade Luz.

Os soldados estabeleceram-se na cidade, saíram, beberam e descansaram após mais de um mês de batalhas que resultaram na vitória e no avanço da Alemanha Nazista.

Cerca de dez dias depois, em 24 de junho, após a França assinar sua rendição, o Führer foi pessoalmente até Paris para apreciar sua vitória contra os franceses. Por volta das 16h, Hitler foi abordado por Von Rundstedt que lhe informou da aptidão de um certo tenente para a liderança de tropas. O Führer ficou impressionado pelos atos realizados por Stein e registrados pelo marechal em algumas batalhas, e então ordenou que o tenente fosse ao seu encontro em frente a Torre Eiffel, que tremulava a bandeira nazista em seu alto.

— Heil Hitler! — Saldou o tenente erguendo sua mão direita.

— Soube que você se destacou em muitas batalhas! — Olhou diretamente para o rapaz.

— Se é o que dizem, senhor! — O rapaz respondeu com respeito. Não era qualquer um que obtinha a honra de falar com o Führer em pessoa.

— Muito bem, é o que me falaram, pelo menos. Mas vejo em você um potencial, uma aptidão pela liderança como o seu superior Rundstedt me informou! — Ordenou que um oficial se aproximasse com uma caixa. — Sabe o que tem aqui dentro?

— Nein, meu Führer! — Estava com as pernas bambas, nervoso com o que viria a seguir.

— Nesta pequena caixinha, está a “chave” para o seu futuro promissor como militar do exército da Alemanha! — Abriu a caixa e dela retirou uma insígnia de capitão.

— Senhor! — O rapaz já sabia do que se tratava. — Acho que eu não sou merecedor de tal prêmio!

— Ah, mas é claro que é! Não seja humilde, pois, a partir deste momento você é um capitão da Wehrmacht!

— Obrigado, senhor! — Agradeceu o rapaz.

— Agradeça a si mesmo capitão... — Procurava-lhe o nome de guerra.

— Stein!

— Sim, capitão Stein! — Disse Hitler, que despediu o jovem capitão.

Era uma grande honra receber tal nomeação do próprio Führer, na mente de Stein tudo era surreal. Aquilo realmente aconteceu ou era apenas um sonho, uma ilusão? Não. Era tudo real, sua responsabilidade em meio à guerra mudara drasticamente. Sua posição era vantajosa, era um prestígio, uma “benção”. Como um jovem de apenas 27 anos conseguira tal cargo em um exército como aquele? Era de fato real tudo o que havia acontecido, ele pensou. Mesmo em meio a toda aquela guerra, Stein sentiu-se feliz pela promoção bastante significativa que tivera ganhado.





CAPÍTULO 4: *AMIGA DESCONFIADA*

Nova York, 6 de fevereiro de 1943.

Era por volta das 9h30 da manhã. O majestoso Aurora chegava na cidade que nunca dorme, aportando de modo preciso no porto do Brooklyn. Assim que as portas do grande navio abriam, um grupo de trezentos médicos e enfermeiras subiram a bordo, juntamente com um destacamento de mil duzentos e cinquenta soldados americanos. No interior da embarcação, a tripulação e a equipe médica do navio recepcionavam os passageiros estrangeiros.

A equipe médica americana e as tropas foram até os seus quartos para guardar os seus pertences, e logo depois foram até o grande salão do navio. As três amigas, Bibi, Lulu e Mila estavam no local.

— Quanta gente bonita! — Lulu comentou olhando para alguns soldados americanos que admiravam aquela moça de olhos castanhos, cabelos lisos de cor castanho escuro e de pele branca. Vestia uma blusa de botões de cor branca com a manga longa e uma saia rodeada de faixas com tonalidades de azul.

— Olha Luísa, tem um rapaz vindo. Acho que é em sua direção! — Mila comentou como se contasse um segredo, no pé do ouvido.

— Bom dia senhorita! — Falou o rapaz em inglês pegando na mão da moça e beijando-a. — Você trabalha neste navio?

— Sim! — Disse ela, sem jeito. A moça se encantava com o cavalheirismo dos rapazes.

— Você está livre esta noite? — O rapaz era rápido e avançava cada vez mais.

— Sim, eu estou! — Afirmou.

— Excelente! Às 19h, nos encontramos aqui e iremos para um barzinho modesto que fica perto daqui. O que acha? Pode levar suas amigas se quiser!

— Acho ótimo! — Olhou para as amigas com um olhar de pedinte. As duas acenaram a cabeça consentindo o pedido da amiga passado apenas por seu olhar. — Estaremos aqui na hora marcada, não se preocupe!

— Ótimo! — Deu uma breve pausa. — Quer dar um passeio? — Agiu como se já conhecesse o navio por inteiro. A dama consentiu e ambos foram até o convés dos botes, área externa do navio, assim como a popa e a proa.

Após a saída dos dois, Bibi sentou-se em uma mesa perto dela e de Mila, que fez o mesmo. Ambas estavam caladas, parecia que algo havia acontecido.

— Bibi, tudo bem? Você está tão calada desde que aquele rapaz chegou! — Mila iniciou, tentando aliviar a tensão que pairava na mesa.

— Eu estou bem! Só estou preocupada com a Lulu. — A morena de cabelos cacheados e negros, de olhos azuis e que vestia um vestido estampado e encantador admitiu para a sua amiga.

— Porquê? É por causa daquele rapaz? — Fez um gesto com a mão direita. — Acho que ele tem boas intenções com a Luísa! Mas, me diga você, o que acha?

— Não gostei dele por dois motivos — Explicou, fazendo gestos com as mãos. — Primeiro, antes de vir para cá eu reparei nos olhares dele e nas ações dos companheiros. E segundo ele tem cara de homem que engana, e você sabe o que aconteceu depois que a Lulu descobriu sobre o canalha que ela pensava ser seu “príncipe”.

— Bom, nesse segundo argumento eu tenho que concordar. Não quero que ela passe por tudo aquilo de novo! — Mila teve que concordar em alguns aspectos com Bibi sobre aquele rapaz, porém a moça desejava que sua amiga apenas fosse feliz e que encontrasse alguém para amar e ser amada.

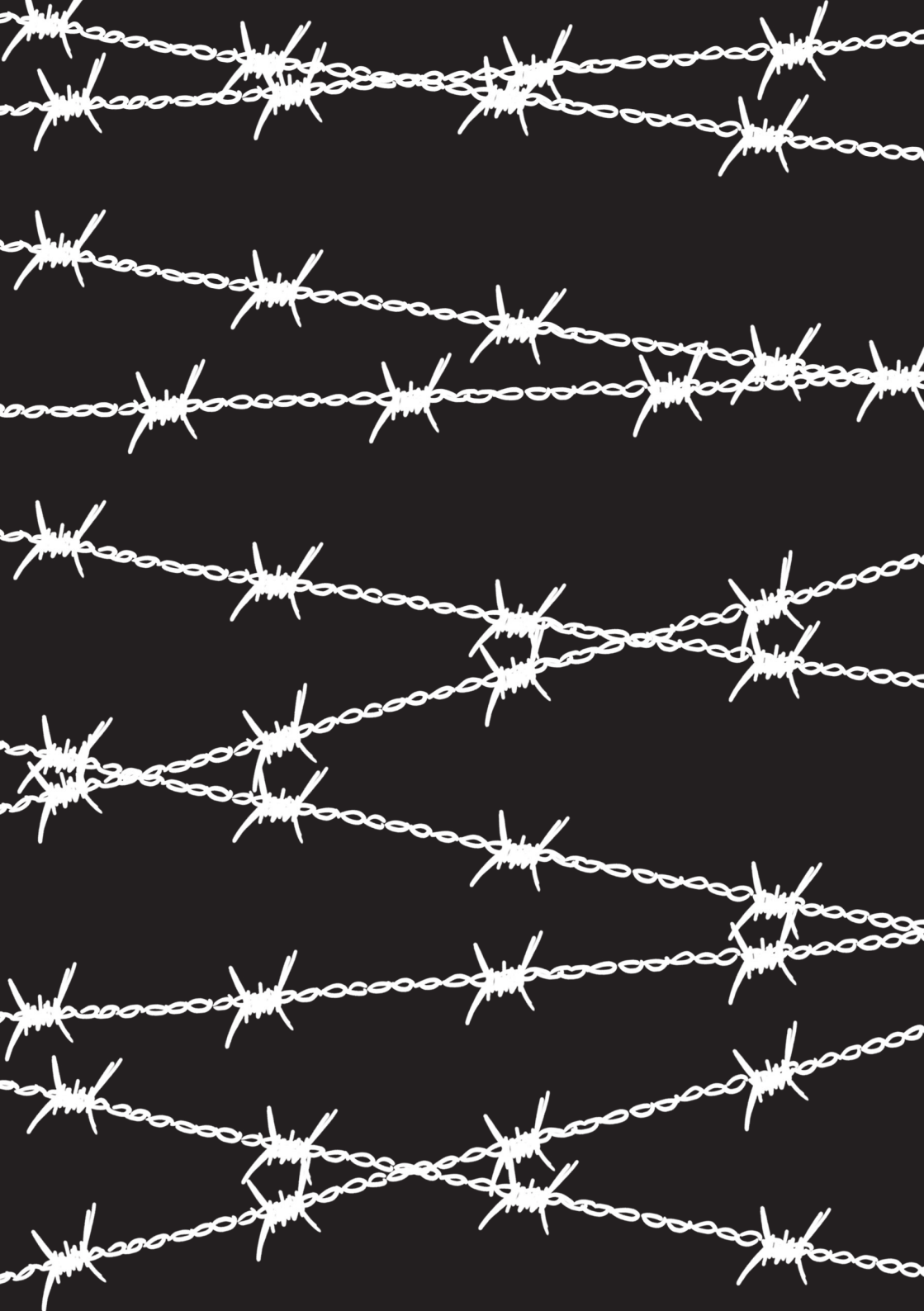
— Com licença, senhoritas! — Um outro rapaz, não muito alto de pele branca, que usava óculos, tinha olhos castanhos e profundos, cabelos enegrecidos e vestia seu uniforme de sargento, abordou as moças na mesa.

— Pois não! — Bibi respondeu utilizando seu inglês.

— Senhorita, você gostaria de sair mais tarde? — O rapaz balbuciava as palavras, aparentava estar nervoso.

— Ah, que petulância! — A moça estava irritada. Pegou a sua pequena bolsinha de mão e saiu junto com sua amiga. Uma voz de fundo ecoou nos ouvidos do rapaz que ficara sem reação:

— Ih, haha, não foi dessa vez Smith!





CAPÍTULO 5: SHERMAN'S BAR

Na tarde daquele mesmo dia, as três amigas haviam se juntado novamente no grande salão. O local possuía vidraças magníficas, seu piso era de madeira de carvalho e suas paredes com cores brancas e marrons. Grandes e fortes vigas de madeira erguiam-se do piso e sustentavam o que dava a parecer um segundo andar. No alto, tornando o lugar mais fabuloso e encantador, uma cúpula de vidraças azuis e com toques de ouro em seus detalhes completava o luxo. O salão servia para dança e entretenimento em caso de transporte de passageiros, assim como para acomodar mais feridos em caso de algum resgate ou auxílio.

— Então, como foi o passeio? — Mila iniciou a conversa entre as moças.

— Ah, foi muito bom! O Andrew é um cavalheiro! — Lulu estava encantada e aparentava estar apaixonada.

— Andrew, ha! — Bibi fez uma cara de repulsa.

— O que foi? — A moça de cabelos castanhos escuros olhou para a amiga sem entender.

— Não fui com a cara dele, simples assim! Não vou mentir para você! — Ela foi sincera. Mila permanecia calada.

— Porque acha isso? Ele foi legal comigo!

— Porque acho! — Foi ríspida. — Não quero que você passe por toda aquela decepção de novo!

— Ai amiga, para com isso! Apenas torça por minha felicidade! — Lulu pegou na mão da amiga.

— Mas eu torço. Só não quero que a minha amiga sofra por causa de homens que não dão valor a ela! — Bibi estava sendo sincera, podia-se perceber pelo jeito que olhava para Luísa, que conhecia desde os seus 10 anos de idade.

— Mas o combinado de hoje à noite ainda está de pé, não é? — Olhou para as duas amigas. Mila fez um aceno de cabeça expressando que iria com ela.

— Sim, claro! — Bibi consentiu para não decepcionar a amiga, afinal, torcia por sua felicidade.

Mais tarde, já por volta das 19h, Andrew juntamente com Luísa e suas amigas saíram para o Sherman's Bar, que ficava no cruzamento entre a Congress Street e Columbia Street. Do local, era possível observar a magnífica Ponte do Brooklyn com suas altas torres e seus cabos de sustentação, assim como o movimentado do tráfego.

— Vamos sentar aqui! — Andrew apontou para uma mesa de quatro lugares que ficava perto da janela do estabelecimento. Todos sentaram.

— O que desejam? — Um garçom os abordou na mesa.

— Eu quero uma cerveja e uns petiscos, por favor! — O rapaz adiantou-se. — E vocês garotas?

— Não quero nada, obrigado! — Bibi e Mila disseram ao mesmo tempo.

— Eu vou aceitar uns petiscos também! — Lulu pronunciou-se. O gentil garçom anotou os pedidos e saiu apressadamente, pois a noite estava movimentada.

O tempo ia passando, Andrew e Luísa eram os que mais se divertiam. Mila conversava algumas coisas com Bibi que estava

com uma cara meio emburrada, afinal não suportava o papo furado de Andrew, que lhe incomodava os ouvidos, porém que encantava a sua amiga apaixonada.

— Ei moça, com licença! — Um rapaz, também soldado, aproximou-se da mesa, dirigindo-se para Mila. — Gostaria de dançar?

A moça olhou para o rapaz, deu um breve sorriso e depois olhou para Bibi.

— Vai amiga! Se diverte! — Disse Bibi. Queria que sua amiga se divertisse também.

— Sim, claro! — Mila olhou para o rapaz, pegou em sua mão que estava estirada e foi junto com ele para o meio do bar, onde mais cinco casais estavam dançando. A canção que tocava era a famosa música de Glenn Miller, *In the mood*.

Who's the lovin' daddy with the beautiful eyes?

What a pair o' lips, I'd like to try 'em for size!

Dançavam e dançavam, pareciam nem se dar conta que a hora passava a cada instante. Estavam tão felizes, sorrindo, se divertindo, parecia que o mundo não estava em meio a uma terrível guerra. Nas mesas, poucas eram as pessoas que estavam bebendo ou comendo, pois a maioria estava dançando. Entre as pessoas sentadas estava Bibi, sozinha, suas duas amigas agora a haviam deixado. Lulu divertia-se com Andrew, inclusive até se beijavam, estavam mais próximos. Do outro lado do pequeno amontoado de pessoas, Bibi podia observar Mila e o rapaz que a convidou para dançar. Analisou-o dos pés à cabeça, vestia o clássico uniforme dos soldados americanos, usava óculos de lentes circulares e hastes finas, possuía um cabelo enegrecido, olhos verdes e pele clara com algumas sardas no rosto.

Bibi sentiu que aquele soldado tinha boas intenções para com sua amiga, e com uma leve falta de atenção sobre o que ocorria ao seu redor, ela lançou sua mente no oceano dançante de *In the mood*.

*In the mood, that's what he told me
 In the mood, and where he told me
 In the mood, my heart was skippin'
 It didn't take me long to say, "I'm in the mood now!"*

Alguém a trouxe de volta, ou teria sido ela mesma? Não sabia como, mas voltara à realidade. Olhou em volta, todos dançavam, voltou-se para a mesa onde estava e viu a garrafa de cerveja Budweiser que Andrew havia pedido anteriormente. Agarrou-a forte e virou despejando o líquido em um copo de vidro que não tinha sido utilizado. Tomou tudo de uma só vez e saiu. Estava um tanto desorientada. À noite, observava-se as luzes de Nova York, dando o destaque para onde estava a Ponte do Brooklyn. Bibi andou por uns cinco metros além do bar e parou perto de uma árvore, tirando de sua bolsinha de mão uma carteira de cigarro. Abriu-a, pegou um cigarro, pôs em seus lábios e depois pegou o isqueiro.

A garota olhou atentamente para aquele objeto que ganhara de seu pai há seis anos, como lembrança, antes de sua morte em outubro de 1937. Abigail (que era o seu nome, do qual derivava seu apelido), cogitou acender aquele cigarro, mas pensara: desde os 20 anos (dois anos atrás) tinha parado com o vício. De repente, ouviu passos e mais passos, algo se aproximava mais e mais. Ela olhou desesperada para os lados, a Congress Street estava deserta. E então, silêncio. A moça voltou-se para trás e viu um senhor, de rugas no rosto, pele escura e cabelos brancos. Suas roupas estavam maltrapilhas e segurava um cobertor velho e rasgado de cor vermelha.

— Com licença senhorita, está no meu lugar! — O senhorzinho falou. Bibi estranhou, saiu de perto da árvore e retrucou educadamente:

— Me desculpe, não tinha percebido!

— Não se preocupe minha jovem! — O velho olhou-a com um sorriso e sentou-se perto da árvore. — Muitos não percebem que pessoas como eu estão por aí, por vezes precisando de comida e abrigo, e outras apenas de uma família.

— Como assim? Não entendi ao que o senhor quis se referir! — A jovem ficou um pouco irritada por achar que ele a havia julgado.

— Não me leve a mal. Não quis fazer perceber que a julguei! Mas, diga-me, o que houve com você? Está nervosa desde o momento que me viu até agora! — Abigail não acreditava no que tinha ouvido, parecia que aquele senhor sabia o que se passava em sua cabeça.

— Não, não, está tudo bem! — Tentou disfarçar.

— Tem certeza minha jovem? — Ele insistiu.

— Às vezes sinto-me sozinha, mesmo rodeada de amigos e conhecidos. Me sinto como um peixe fora d'água, vendo todos se divertirem e eu sem nenhuma animação! — Uma lágrima desceu de seu rosto moreno. — Não sei o que fazer as vezes! — Ergueu a mão com o cigarro. — Me prendo a vícios para superar minhas dores internas! Sinto falta do meu pai, o homem que mais amei em toda a minha vida!

— Hum... — O simpático velhinho pensou. — Você acredita em Deus minha jovem? — Era uma pergunta um tanto óbvia para Bibi que era uma mulher religiosa, assim como sua mãe.

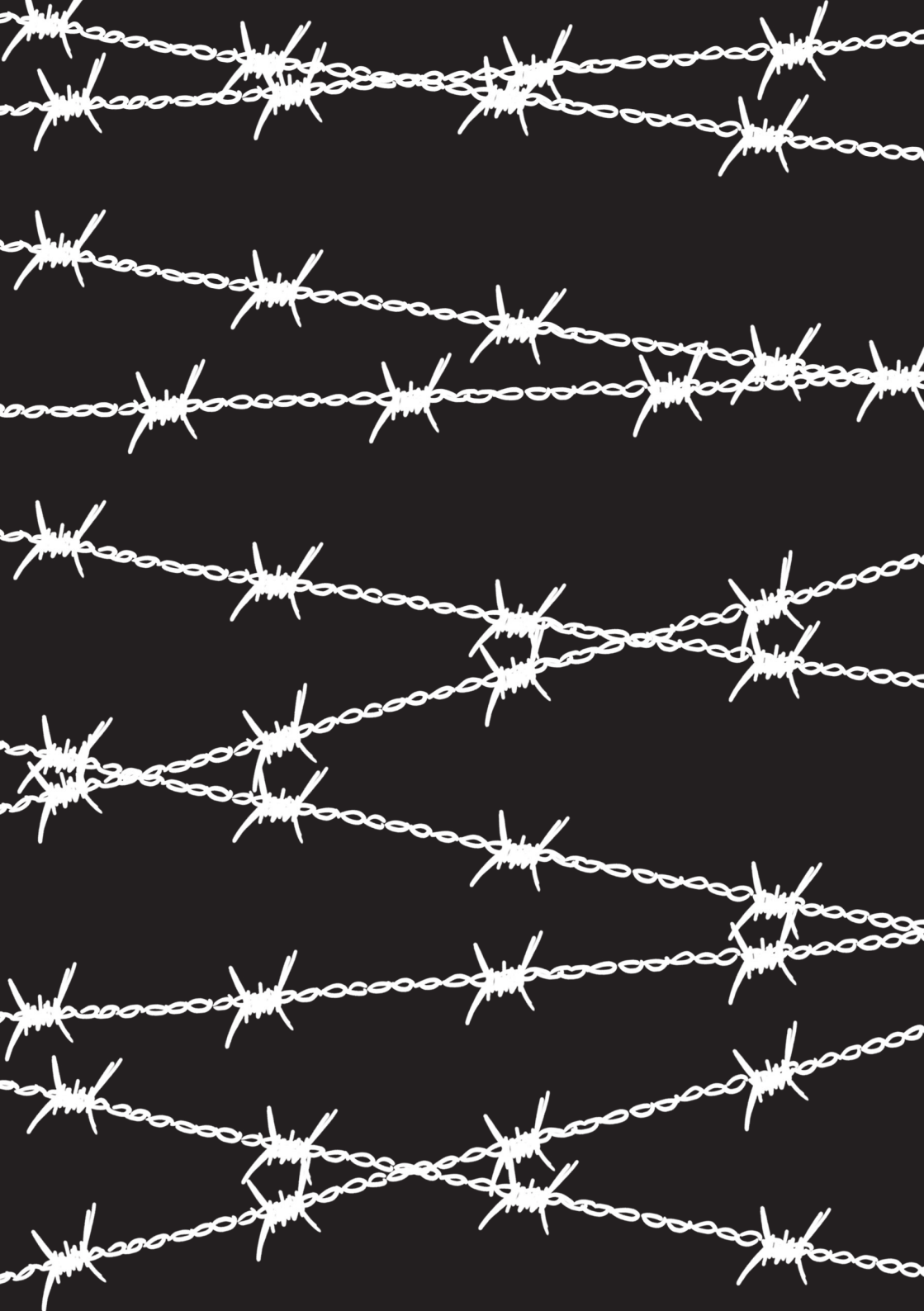
— Mas é claro que sim! — Disse a moça com firmeza enxugando as lágrimas.

— Então confie nele. Deixe-se levar pelos caminhos que Deus impuser sobre sua vida! — E acrescentou: — Mesmo que você passe por caminhos tortuosos, não fique triste, pois Ele estará contigo!

Com tal frase, a garota lembrou-se do salmo 23. Ela sorriu para o gentil senhor como forma de agradecimento pelo consolo, pelos conselhos tão sinceros e implícitos que lhe afetaram a mente e a alma.

Abigail saiu, andou por dois metros além da árvore, mirou uma cesta de lixo ao seu lado e jogou a carteira de cigarro no lixo. Ela olhou para trás e espantou-se com o que acabara de observar. A rua estava deserta, mas onde está aquele gentil velhinho que a ajudara com problemas pessoais? Não sabia. O pobre senhorzinho, todo maltrapilho e morador de rua que lhe pedira para sair de seu local de descanso perto daquela árvore, não estava mais ali. Olhou torto, pensou ter falado com um fantasma e voltou à realidade. Constatou: ele havia sumido. Evaporou como água em clima quente.

Teria sido aquilo tudo fruto de sua mente cansada? Não, não era. Aquilo foi real.





CAPÍTULO 6: *CHOQUE DE REALIDADE*

Sul da Rússia, 1942.

Desde que havia sido nomeado capitão pelo próprio Führer, Ernest Stein participou de várias invasões e operações ao decorrer da guerra, como, por exemplo, a invasão da Iugoslávia no início de abril de 1941, e logo depois da Grécia entre abril e junho do mesmo ano. Por suas táticas de combate com os seus valorosos soldados de esquadrão, o Capitão Stein tornou-se conhecido entre os exércitos das grandes potências do Eixo, que o admiravam e aplaudiam sua bravura em batalha. Ficou conhecido até mesmo pelos Aliados.

Em junho de 1941, Hitler pôe em prática a Operação Barbarossa que tinha o objetivo de invadir, ocupar e derrotar a União Soviética. O avanço ia bem por parte dos alemães, mas duríssimas batalhas se seguiram ao longo dos meses. O inverno russo chegava e isso fez com que os nazistas dessem um passo para trás, já que seu objetivo era chegar até Moscou, a capital soviética. Depois, em julho do ano seguinte, os alemães avançaram para o sul da URSS, onde houve a mais sangrenta, e senão a maior batalha de toda a guerra. Os nazistas iam em direção a Stalingrado.

A batalha havia começado, e em meados de setembro, o Capitão Stein e seu pelotão foi solicitado para ajudar na batalha. Era duro demais. O inverno russo se aproximava mais uma vez, e os

alemães não estavam preparados para o desafio de enfrentar tamanho frio. Em um mês de batalha, Stein ficou horrorizado pelas tamanhas baixas que os exércitos do Eixo sofriam, assim como os soviéticos. Seja por falta de comida, ou pelo frio imprevisível e impiedoso. Ele não aguentava ver mais aquilo, soldados morrendo, seus olhares implorando pelo retorno para casa.

Certo dia de novembro, Stein saiu de sua tenda improvisada. Era dia, por volta das 8h40. Foi até o seu esquadrão que ficava à espreita em caso de movimentação inimiga.

— Homens! — Impôs com autoridade.

— Sim senhor! — Bateram continência rapidamente por causa do exaustivo frio daquele país.

— Descansar! — Fez uma breve pausa. — Eu tenho um comunicado a fazer! — Todos se entreolharam. — Vamos voltar para casa!

— Está louco? — Um soldado se impôs.

— Como disse soldado? — Franziu a sobrançelha.

— Perguntei se o senhor está louco, capitão! Não podemos deixar a batalha assim do nada!

— Batalha? Para mim, isto é uma carnificina, um horror, um pesadelo sem fim para vocês — Apontou para os soldados. — Para todos nós!

— São as ordens do Führer! Temos que permanecer! — O soldado insistiu enfrentando-o.

— Me cansei! Cansei de tudo isto! O Führer quer nos matar, quer que permaneçamos neste frio, passando fome, e tudo para que? — Fez uma breve pausa. Olhou para todos do esquadrão. — Eu pergunto, para que tudo isso? Para restaurar a glória da Alemanha? Para sermos a raça superior e por isso devemos matar pessoas inocentes só porque são judeus ou tem origem judaica?

— Deixou escapar uma lágrima. Ele limpou rapidamente com as costas da mão. — Isto seria o que, soldados?

Todos ficaram calados. O próprio soldado que o confrontara baixou a cabeça.

— Para mim, isto não passa de ganância! Busca por poder desnecessária! Buscam guerrear, invés de fazer a nação e o povo prosperar! Isto é tirania, não recuperação de glórias passadas. — O capitão suspirou. Finalmente havia colocado para fora tudo o que o importunava desde as invasões dos países dos Balcãs. — E então, quem vai comigo?

A pergunta ressoou como eco, um silêncio sombrio havia tomado a todos os que estavam presentes. Stein não acreditava no que estava vendo. Um bando de soldados, infelizmente leais a um líder sádico e antisemita, não queriam desertar e voltar para casa, mas sim garantir a vitória de Hitler na frente leste da guerra. O capitão, decepcionado, retornou a sua tenda onde permaneceu por todo o dia. As horas iam passando e passando, até que na madrugada do dia 18 de novembro, o capitão desertou. Um avião da Luftwaffe que estava em seu acampamento foi utilizado para a fuga. Antes de entrar de vez no avião, Stein assustou-se, não esperava tal pessoa naquele momento.

— Vai fugir capitão? — A voz era familiar.

— Schmidt? O que faz aqui?

— Vim ver com os meus próprios olhos “o grande capitão Stein” fugindo feito uma criancinha do campo de batalha! — O capitão fanático que havia destruído um povoado sem razão alguma o confrontou.

— Estou desertando! Não aguento ver meu próprio povo morrer, seja em combate ou em campos de concentração! — Deixou escapar palavras.

— Eu não acredito — Espantou-se. — Você é...

— Sim, eu sou! Tenho descendência! — O cortou rapidamente. Stein dirigiu-se para entrar no avião.

— Há! Não esperava isto de você. Mas de qualquer modo será um prazer matá-lo! — Schmidt sacou um canivete e foi para cima de Stein, que levou um corte no braço. Uma briga se iniciou entre os dois. Entre socos e desvios, Schmidt acertou Stein no rosto, fazendo-o cair para o lado. O rival avançou para cima, mas foi surpreendido por um soco bem dado pelo capitão desertor.

— Você não escapará Stein! — Bravejou Schmidt. Sua boca sangrava. — Não escapará! — Foi interrompido com uma pancada na nuca que o fez desmaiar no mesmo momento.

— Ele fala demais, não é? — Hoffman e Becker surgiram por trás.

— Não acredito! — Deu uma leve risada. — Vocês vieram? Pensei que ficariam, adoram batalhar!

— É, digamos que também concordamos com o que você disse! — Becker interveio.

— E outra — Uma breve pausa. Klaus completou: — Você realmente achou que deixaríamos você ir embora sozinho? — O trio riu.

— Meus *gefährten!* — A palavra significa companheiros em alemão. Ernest os deu um forte abraço como se os reencontrasse novamente após muitos anos. — Vamos dar o fora daqui!

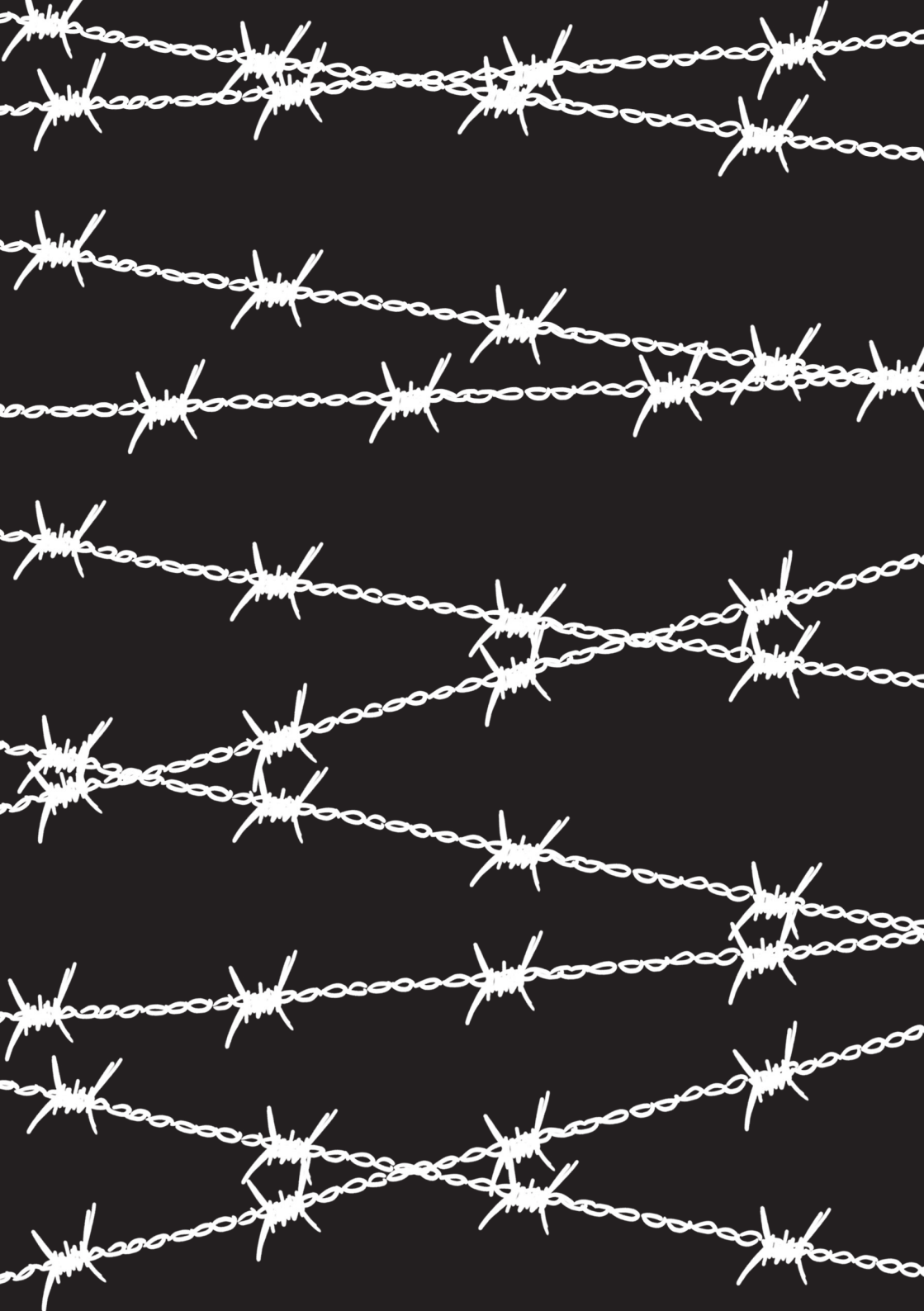
Os três subiram no avião, Becker tomou o controle e fez o avião decolar, eram 2h35 da madrugada. A noite estava fria, a fuga seria congelante, e a viagem duraria por toda a noite.

— Para onde, capitão? — Becker e Hoffman questionaram.

— Vamos rumar para o recomeço de uma nova vida. Longe de todo este sofrimento, longe dessa guerra!

A madrugada seria longa e fria, além de que o trio desertor deveria ter o maior cuidado possível para não serem detectados pelos Aliados, que poderiam destruí-los sem mesmo perguntar de que lado eles realmente estavam, afinal, eles eram alemães, seus inimigos. Stein sentou-se perto de três galões de gasolina com 100 litros cada, que serviriam para abastecer o avião em caso de emergência. O capitão pensava em tudo o que já havia feito durante a guerra. Os civis que matou, os soldados que torturou, as desgraças que proporcionou, tudo a mando do Führer. O rapaz percebeu o quão alienado estava ao fazer tamanhas crueldades, e foi preciso ver pessoas morrendo de frio, fossem elas do Eixo ou não, para perceber a realidade em que vivia e fazer o que fez, desertar.

Por último, pensou nos judeus que eram mortos aos montes nos campos de concentração nazistas e recordou da vez em que matou quatro soldados para salvar um grupo de doze judeus, pois não suportaria ver aqueles inocentes condenados injustamente à morte por sua religião e descendência. Voltou à realidade finalmente, deixou que lágrimas escapassem de seu rosto e, por fim, adormeceu.





CAPÍTULO 7: *UMA NOVA VIDA*

Amanheceu, era bem cedo quando Stein despertou junto a Hoffman. Eles haviam viajado por seis horas.

— Próxima parada, Atenas! — Aquilo foi um aviso de Becker para os seus amigos.

— Será que já sabem que desertamos? — Stein questionou.

— É provável que não! Desertamos na madrugada e até então não daria tempo da notícia chegar até aqui! — Hoffman informou. Ele olhou para Stein e disse: — Falo isso por você, “grande capitão Stein!”

— Ha! Então vamos usar isso a nosso favor!

— Sim, porque vamos precisar de mais combustível e rápido! — Becker interveio.

O avião que o trio detinha era um Focke-Wulf Fw 200 da Luftwaffe, que servia como avião bombardeiro e de reconhecimento. Por fim, pousaram em um posto militar alemão em Atenas, onde o capitão foi recebido por um grupo de cinquenta soldados que bateram continência no momento exato em que Stein e seus amigos puseram os pés no chão. Um outro capitão chamado Albert Sperb surgiu por entre os soldados e os cumprimentou. Aquele homem que vinha em direção a Stein tinha olhos verdes e profundos, pele branca e cabelos castanhos e vestia o uniforme padrão dos capitães alemães.

— Capitão Stein! — Albert iniciou apertando a mão do capitão desertor. — Quanto tempo que não o vejo!

— Hum, creio que não me recordo!

— Combatemos juntos durante a Operação Marita! — O homem refrescou sua memória. A operação que se referiu foi a invasão da Grécia a um ano atrás.

— Ah, sim! — Stein fingiu que lembrava dele — Lembro de você, capitão...

— Sperb, Capitão Sperb! — Afirmou. — Mas, no que podemos ser úteis para vocês?

— Precisamos de gasolina e de comida. Estamos famintos! — Becker respondeu.

— Venham, talvez tenhamos alguma coisa para vocês comerem! — Sperb voltou-se para trás, fazendo sinal para que o trio (que até então ninguém sabia ser desertor) o seguisse.

O capitão que comandava o posto militar ordenou a alguns soldados que abastecessem o avião do Capitão Stein, e, enquanto isso, Sperb os levava para uma mesa colocada em uma sala improvisada que servia como refeitório para os soldados que ali estavam. Stein avisou ao outro capitão que se possível, lhe desse algumas comidas enlatadas para que ele e seus dois colegas pudessem se alimentar durante a viagem que iriam fazer.

— Para onde vão? Achei que estivesse sido chamado para batalhar na frente oriental! — Albert puxou assunto enquanto pegava alguns suprimentos na dispensa.

— Nós fomos, mas tivemos que fazer uma missão na Itália! — Stein bolou uma desculpa.

— O que está fazendo? — Hoffman cochichou no ouvido do amigo.

— Improvisando!

— Quer dizer que estão indo para a Itália! Para que? — O capitão insistiu.

— Assunto sigiloso! — Foi ríspido.

— Oh, está bem! — Voltou-se para o trio. — A propósito, aqui estão os suprimentos que pediu!

— Muito obrigado! — Hoffman, Becker e Stein pegaram cada um uma caixa com os suprimentos, que continham chocolates, café, sopa enlatada, biscoitos e caramelos.

— Ficamos gratos! — Becker falou.

— Por favor, fiquem mais um pouco para tomarmos um café! — Sperb os convidou.

— Claro! — Os três concordaram.

Assim, após deixar as caixas na aeronave, retornaram à mesa e tomaram um café da manhã que os deixou satisfeitos. Na mesa havia café, leite, biscoito, frutas e suco de uva. E eles se esbanjaram, pois estavam famintos. Por volta das 10h, o trio decolou novamente rumo à França de Vichy, de onde, segundo os seus planos, partiriam dali para os seus destinos definitivos.

Desta vez, Hoffman foi pilotando, dando a Becker o direito de descanso após pilotar por seis horas seguidas até chegar em Atenas. O trio ia em direção à França, mas enquanto passavam pela Itália, o avião apresentou alguns problemas que poderiam causar a queda da aeronave, tendo assim que parar em Turim por meio de um pouso de emergência.

Quando pousaram perto do Rio Pó, que passa pela cidade italiana, um destacamento de soldados veio conferir aquele avião que havia pousado sem autorização. Chegando mais perto, os italianos observaram que era um avião de Luftwaffe, mas mesmo sendo uma aeronave aliada, eles desconfiaram e ordenaram que aqueles que estivessem ali dentro descessem. E assim foi feito.

— E agora? — Hoffman indagou temeroso.

— Eles sabem que somos alemães, mas talvez não confiem em nós! — Stein alertou.

— Deixem comigo! — Becker os acalmou. O tenente simplesmente olhou para os soldados e explicitou para eles o que se passava e quem eram eles. Após isso, os soldados pediram desculpas e reconheceram que estavam na presença do famoso Capitão Stein. Em seguida, os liberaram e os três foram para o centro da cidade onde se estabeleceram em um hotel simples. Já era de tarde.

— Como consegui fazer isso? — Stein e Hoffman perguntaram para Becker enquanto iam para a recepção.

— Tenho descendência italiana por parte de minha mãe! Aprendi italiano com ela! — Explicou.

Os três rapazes pediram um quarto de três camas, o que lhes custou 200 liras italianas. Mais tarde, já à noite, os três amigos foram para um restaurante chamado Spaghetti di Torino que ficava não muito longe do hotel. Ali, pediram o prato principal, o espaguete.

— E então, o que pretendem fazer a partir daqui? — Stein iniciou a conversa.

— Não íamos para a França? — Hoffman estranhou.

— Bom, já estamos aqui. Então daqui resolvemos para onde ir. Acho mais viável!

— Concordo com Stein! — Becker se pronunciou.

— E você, vai para onde? — O capitão olhou o amigo, um magrelo de olhos castanhos, cabelos negros, pele branca, e o rosto cheio de sardas.

— Decidi permanecer na Itália! Iriei para a Sicília. Minha mãe mora lá desde que começou a guerra. Foi onde ela nasceu! — Respondeu.

— Que bom meu amigo! Tenha cuidado desde já e cuide bem de sua mãe! — Stein lhe falou. — E você meu caro Hoffman? Para onde vai seguir?

— Não tenho certeza ainda! — Foi ríspido. O garçom chegou com o espaguete e pôs a comida junto com as bebidas na mesa.

— Bom, então espero que este delicioso espaguete faça você pensar melhor! — Os três riram e logo em seguida, devoraram a refeição. Depois de pagar, retornaram ao hotel, onde tiveram uma tranquila noite de sono.

No dia seguinte, os raios do sol fizeram com que o trio de amigos acordasse e fosse se preparar para retomar sua jornada. Os três saíram do hotel, atravessaram o Rio Pó pela ponte Umberto I e chegaram até um posto militar.

— *Buongiorno, signore!* O que deseja? — Um soldado os abordou na entrada.

— *Buongiorno!* Este é o Capitão Stein e ele precisa de um avião. Vocês têm algum disponível por aqui? — Becker servia como intérprete, uma vez que Stein tivera dito aos amigos que pretendia rumar para o norte da Europa.

— Talvez tenhamos! Venham comigo, *per favore!* — O soldado italiano os levou até a margem do Rio Pó, onde avistaram um hidroavião britânico.

— Este é o único avião que temos! O capturamos faz três semanas! — Informou o soldado.

— *Grazie!* — Disse Stein agradecendo. Era uma das poucas palavras que sabia em italiano. — Isto serve!

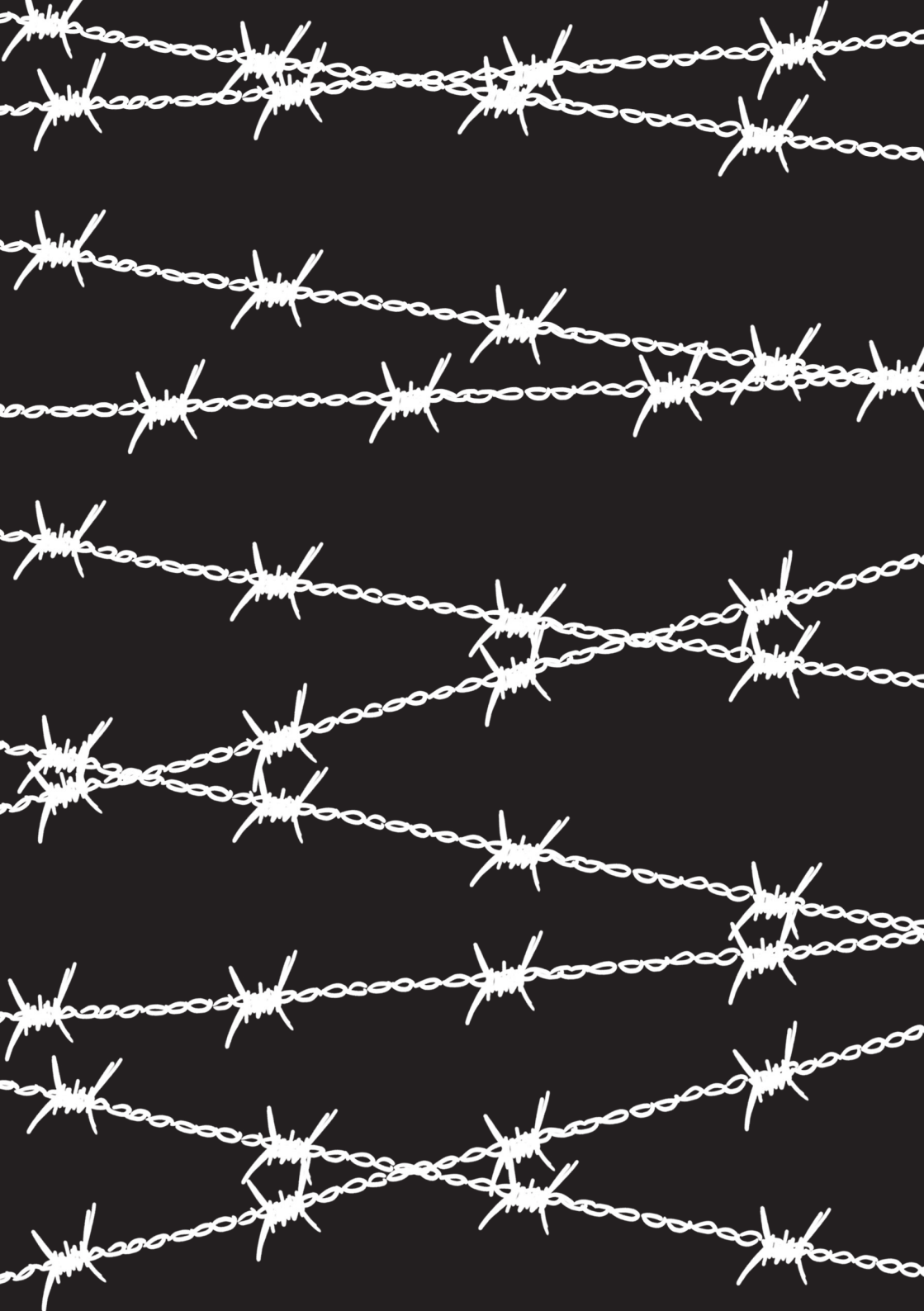
— Bom, acho que é adeus! — Becker olhou para os seus amigos que lhe deram um forte abraço de despedida.

— Nós nos veremos em breve meu amigo! — Stein retrucou dando uma tapinha em seu ombro.

— Stein, irei com você! — Hoffman lhe avisou em cima da hora.

— Está bem! — Ele estava surpreso. — Então vamos!

Os dois então, partiram de Turim em direção ao Reino Unido, lugar que o capitão comentara sobre onde iria recomeçar sua vida. Viajaram e viajaram, passaram pela Suíça, França, Bélgica e chegaram finalmente na cidade de Southampton, o destino final para a dupla depois de longas horas de viagem.





CAPÍTULO 8: O CAFAJESTE

Fevereiro de 1943.

Na manhã do dia 7 de fevereiro, o navio hospital Aurora partiu de Nova York com destino a Liverpool, no Reino Unido. As amigas enfermeiras estavam de prontidão quando o navio partiu. Para Mila e Lulu, a noite anterior foi uma festa. Já para Bibi, aquele dia foi um tanto marcante pelos acontecimentos que, a seu ver, foram surreais.

Por volta das 15h, Mila apresentou Kevin Stuart a Bibi. O rapaz era o mesmo que havia chamado sua amiga para dançar.

— Amiga! — Mila tocou o ombro de Bibi, que estava encostada no corrimão admirando o imenso mar. Eles estavam no convés dos botes salva-vidas.

— Oi! Olá! Tudo bem? — A morena olhou para os dois.

— Esse é o Kevin! — Apresentou.

— Muito prazer! Eu lembro de você... foi ele quem te chamou para dançar, não foi? — Olhou para a amiga.

— Sim, sou eu! — O rapaz se pronunciou.

— Mas, vocês dois já estão... — Foi cortada pela amiga.

— Não, não, ainda estamos nos conhecendo!

— Hum, então cuide bem dela viu! Não a decepcione! — Bibi alertou.

— Amiga, para! — Mila segurou no antebraço de Bibi.

— Não se preocupe senhorita... — Procurava-lhe o nome.

— Abigail!

— Pronto! Não se preocupe, senhorita Abigail farei o possível e o impossível para manter esse sorriso bonito no rosto da Camila! — Esse era o nome de Mila.

À noite, Bibi e suas amigas, juntamente com os seus acompanhantes, foram jantar no Grande Salão do navio. Naquele mesmo momento, Andrew pediu Luísa em namoro. Esta ficou emocionada e acabou por aceitar o pedido do jovem com quem vinha se relacionando. Abigail sorriu, porém por dentro sentiu que algo de bom não viria a acontecer.

As horas passavam, o navio navegava ferozmente, no entanto, com cautela, devido aos submarinos alemães que patrulhavam o atlântico sedentos pelo caos e desgraça causados pelo naufrágio de navios. O Aurora tomou uma rota pelo norte do atlântico, que o levava em direção à Irlanda do Norte. Os dias se passavam e o trajeto era realizado com sucesso. O navio passou pela Irlanda do Norte, depois pela Ilha de Man e, por fim, chegou em Liverpool na manhã do dia 12.

Naquele dia, o majestoso navio aportou no porto da cidade, onde desembarcaram os soldados e a equipe médica. Segundo o itinerário do Aurora, na tarde daquele mesmo dia, o navio hospital estava marcado para rumar até a cidade Southampton, porém houve alguns problemas técnicos nas máquinas do navio, o que ocasionou a estadia do gigante em Liverpool durante todo o dia. Mesmo que a grande maioria dos soldados e médicos fossem embora, alguns resolveram ficar por mais um dia, que foi o caso de Andrew e Kevin.

À noite, as três enfermeiras haviam recebido uma pequena folga e marcaram para sair juntas.

— O Andrew não vai? — Mila perguntou para Lulu.

— Não, disse a ele que iríamos ter uma noite entre amigas! — Respondeu. — E o Kevin?

— Ele não vai! Disse que a noite era nossa e que não queria atrapalhar. Além disso, ele já se despediu de mim porque já iria se juntar aos demais do pelotão!

— Então vamos, não é? Já está na hora! — Bibi indagou.

O trio se dirigiu para um pequeno estabelecimento que ficava na Bankfield Street. O local era uma cafeteria recomendada por Olavo Lima, um conhecido das garotas que havia feito inúmeras viagens à Inglaterra antes da guerra. As três entraram, Bibi era a última, porém a morena avistou um rústico restaurante que continha uma grande vidraça na fachada, pela qual pode observar uma cena que a deixou irritada e intrigada ao mesmo tempo.

As amigas se acomodaram em cadeiras de madeira de eucalipto com detalhes em seus pés, e encostaram seus delicados braços sobre uma mesa feita da mesma madeira e coberta com uma toalha branca com rosas estampadas ao seu redor. Fizeram o pedido, começaram a conversar sobre assuntos do seu dia, no entanto, Luísa notou Abigail um tanto estranha.

— Bibi, tudo bem? — Lulu adiantou-se. Ela permaneceu calada. — Ei, Abigail, estou falando com você! — Luísa insistiu.

— Tenho algo que preciso te falar! — Finalmente quebrou o silêncio.

— O que é? Fala! — A garota implorou.

— Diga o que aconteceu! — Camila também ansiava saber do que se tratava.

— Quando estávamos entrando na cafeteria, eu vi uma cena que me decepcionou, mas que ao mesmo tempo eu sabia que a qualquer momento isto iria acontecer! — Ficou com ar de suspense.

— Anda Abigail! Conta logo de uma vez, para de enrolar! —
Luísa ficou um pouco alterada.

— O Andrew é um cafajeste! — Declarou.

— O que? — Lulu impressionou-se, não entendia o que estava ouvindo.

— É isso mesmo que você ouviu! O seu namorado é um cafajeste! — Bibi acusou com toda a autoridade.

— Você não sabe o que diz! Está possessa de ciúmes! — Declarou já chorando. — Você gosta dele, não é? Por isso está fazendo isso!

— Não gosto daquele patife. Deus me livre! Mas, se você acha que eu estou mentindo, venha comigo! — Bibi levantou, deixou o pagamento na mesa e saiu apressada pela porta. Ambas as amigas a seguiram.

Abigail seguiu até o restaurante ao lado e entrando com as suas amigas, apontou para a mesa onde estava Andrew e uma jovem de olhos castanhos, madeixas louras, pele clara e que vestia um vestido rosa decorado. Luísa não acreditou no que viu e ficou furiosa ao ver o namorado beijando descaradamente outra mulher.

— E então? Tá esperando o quê? — Bibi atiçou a raiva da amiga que foi em direção a Andrew.

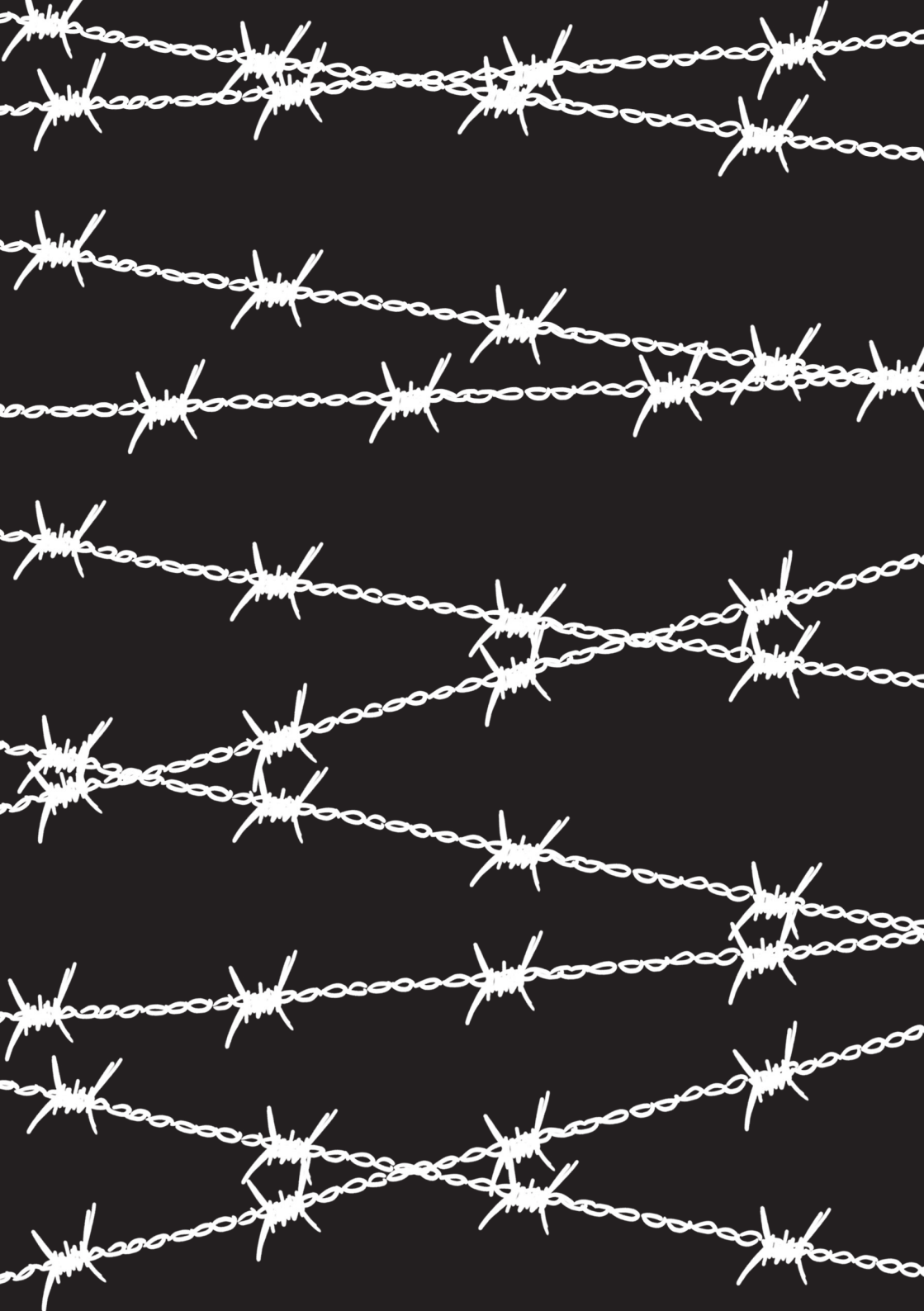
— Luísa? — O rapaz assustou-se e deu um pulo da cadeira onde estava.

— Não tem vergonha? Seu cafajeste! — A moça ergueu o braço direito e deu um tapa na cara do rapaz, que cambaleou para trás, derrubando a cadeira em que estava sentado e por fim caindo. Lulu saiu correndo. Estava decepcionada. Mila saiu atrás dela.

— Espera, Luísa, não é o que você está pensando! — O rapaz gritou enquanto se levantava. Ele ainda andou até a porta, mas foi impedido por Bibi.

— Nunca mais chega perto da gente! — A morena avisou, e quando fazia um movimento para sair do local, deu um giro e acertou um chute nos genitais de Andrew que caiu instantaneamente gemendo de dor. O rapaz foi totalmente humilhado na frente daqueles que estavam no local e observavam a situação.

Após os acontecimentos no restaurante, Bibi seguiu suas amigas, que retornaram para o navio. No quarto, as três conversaram. Lulu pediu desculpas à sua amiga de infância pelo que tinha dito na cafeteria, e foi desculpada. Camila e Abigail ficaram com sua amiga até que ela dormisse. No dia seguinte, o trio partiu para Southampton.





CAPÍTULO 9

AQUELA TARDE EM SOUTHAMPTON

Era início da tarde do dia 13, o navio aportou no porto de Southampton para receber equipamentos solicitados pelo governo brasileiro para renovar o estoque de equipamentos médicos do Aurora, uma vez que aquilo que estava já se vinha sendo utilizado há dez anos. Abigail, Camila e Luísa não participaram do carregamento, mas ficaram na AMH para arrumar alguns utensílios médicos. Após concluir a tarefa, Bibi aproveitou a pequena folga e combinou junto com Mila de levar Lulu para sair, pois a moça continuava entristecida devido aos acontecimentos da noite passada.

— Vamos sair! — Bibi declarou.

— Para onde? — Luísa ficou curiosa.

— Vamos comprar algumas coisinhas!

— Mas você não sabe onde tem lojas por aqui! Nunca veio em Southampton.

— Ah, a gente pergunta no caminho, boba! — Mila apoiou Abigail.

Assim, as garotas rumaram para uma loja de roupas femininas. No caminho, tiraram dúvidas com algumas pessoas sobre onde havia lojas desse tipo por perto. O caminho foi indicado e elas foram. Chegando ao estabelecimento, se depararam com uma vidraça que continha o nome da loja chamada J&D: Female

Accessories. Sua fachada era pintada com cores marrons e detalhes rosas. Quando entraram se depararam com vários de vestidos de muitas cores e formatos, além de laços e bijuterias belíssimas. Bibi encantou-se por um lindo vestido que descia até a canela, de cor azul cintilante e estampado com desenhos de tulipas nas mangas e cintura. Luísa resolveu comprar um camafeu com detalhes de ouro e um lencinho de pescoço de cor vermelho, já Mila comprou uma bolsinha de mão e uma tiara rosa.

— Estou muito feliz! — Lulu comentou.

— Que bom minha amiga, fico feliz por você também! — Bibi alegrou-se por seu plano ter dado certo.

Chegando no navio, Abigail deixou cair um camafeu que também havia comprado enquanto esteve na loja. O objeto quicou até uma viga que ficava a três metros da entrada do navio.

— Vão na frente, eu encontro vocês no caminho. Deixei cair uma coisinha aqui! — Bibi informou. As amigas seguiram em frente e a garota voltou-se para o seu objeto que deixara cair.

A moça se aproximou, pegou o camafeu e foi surpreendida por um homem. Tinha uma aparência da casa dos 40 anos, vestia um paletó de cor marrom e calças da mesma cor. Tinha um ar sombrio, seus olhos eram negros.

— Algum problema senhorita? — A voz era grave.

— Não, nenhum! — Ficou trêmula. — Eu já me vou! Com licença! — O homem segurou forte em seu braço.

— Não! Espere mais um pouco. — Falava de forma maliciosa. Puxou a garota para perto de si. — Você é uma morena muito bonita!

— Me solte seu babaca! — Bravejou.

— Calada, sua vadia! — Abigail sentiu o cheiro de álcool. O homem estava bêbado. — Você vai me dar o que eu quero.

— Não vou mesmo! — Ela deu um chute na genitália daquele alcoólatra, porém ele a puxou pelo calcanhar, fazendo-a cair e bater a cabeça na viga de madeira. Bibi ficou com a vista turva. Estava deitada. Vulnerável. O homem bêbado poderia fazer o que quisesse com ela. De repente, uma sombra, o beerrão levou um, dois e o terceiro soco o fez cair estatelado no chão. A garota então, sentiu o calor de duas mãos erguendo-a do chão. Apagou. A última coisa que viu foram um par de olhos azuis brilhantes.

A morena dormiu até a manhã do dia seguinte. Tocou o lado da cabeça e notou um curativo feito devido à pancada. Olhou para o lado e viu suas amigas pegando em suas mãos.

— Oi, meu bem! — Mila pronunciou.

— Está se sentindo melhor? — Lulu questionou de forma suave.

— O que houve? Porque estou com um curativo na cabeça?
— Bibi foi concisa.

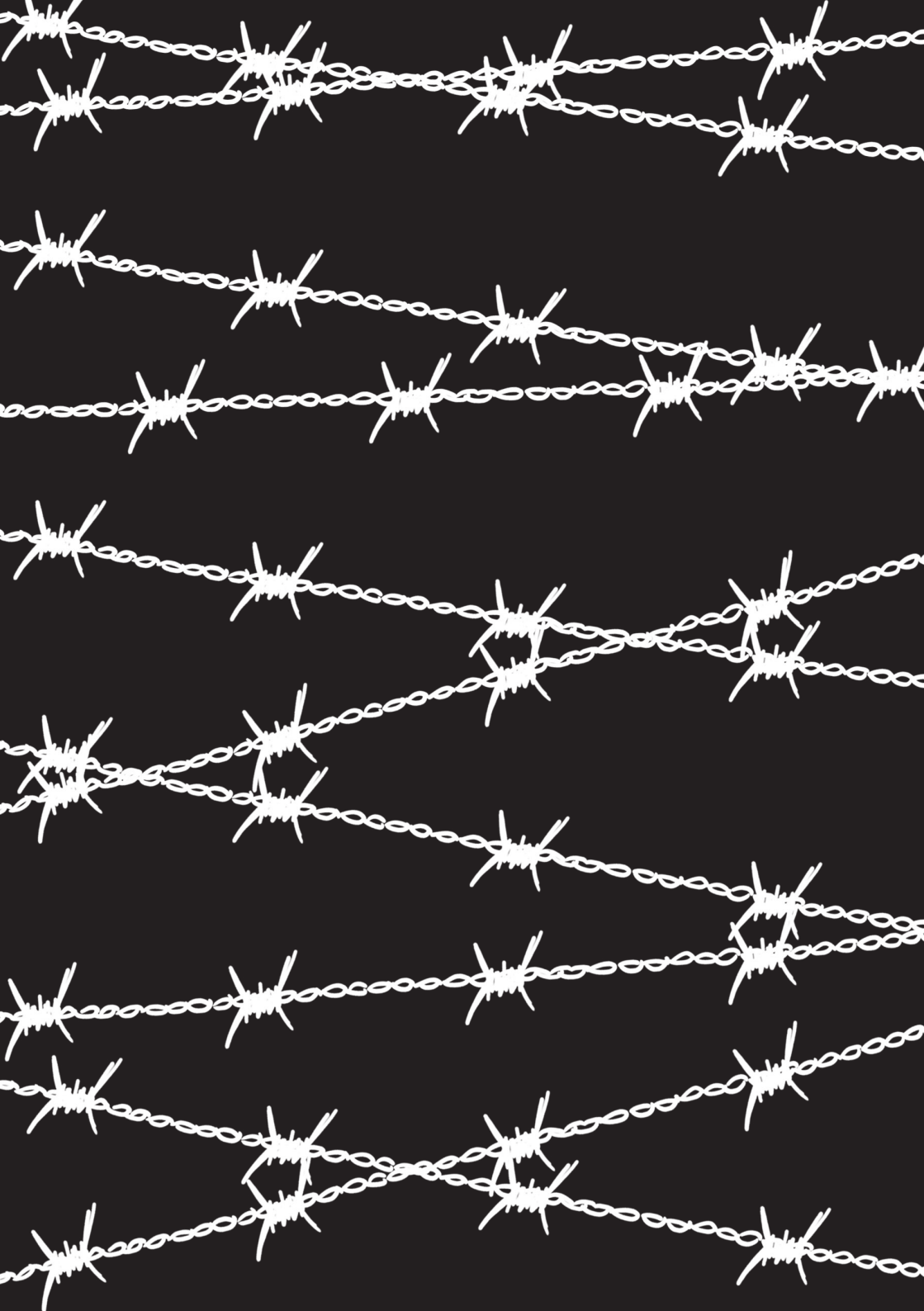
— Você bateu a cabeça ontem! — Informaram.

— E como vim parar aqui?

— Um moço te trouxe aqui e saiu rapidamente! — Lulu explicou. — Mas deixou um bilhete para você.

— Um bilhete? — Recebeu de Mila um papel quadrado que cabia na palma da mão. Abriu cuidadosamente e leu a seguinte frase:

— “Me encontre no restaurante Palace of The Seas, às 19h!”
— E no final haviam duas iniciais: “E.S.”





CAPÍTULO 10: *PALACE OF THE SEAS*

A curiosidade tomou conta de si mesma, pois queria não apenas agradecer por ter sido salva, mas também descobrir quem era aquele estranho que lhe deixara um bilhete misterioso. Abigail ouviu de suas amigas que o tal homem era muito bonito. Haviam dito também sobre as suas características, pele branca, estatura alta, cabelos de cor loiro escuro e barba rala. Seus olhos eram azuis e brilhantes. Quando a morena ouviu sobre a cor dos olhos do rapaz, ela ficou tocada, pois fora a última coisa que viu antes de apagar com a pancada que havia levado.

— Meninas! Estou indo! — Bibi avisou as amigas. Já estava quase na hora do encontro com o rapaz misterioso.

— Está bem! Se cuida! — Mila alertou.

— Lembre-se que o navio zarpa amanhã! — Lulu indagou alertando-a para não passar a noite fora. Bibi fez um gesto de compreensão e partiu rumo ao restaurante.

A garota atravessou uma rua, depois outra, e por fim parou na Winkle Street, onde ficava o renomado estabelecimento. Na fachada, duas colunas de cor branca erguiam-se do chão e decoravam as paredes frontais, que tinham uma coloração parecida com a do barro. Bibi entrou, o lugar era deslumbrante. Haviam mesas e cadeiras de madeira da melhor qualidade. Vigas de madeira de carvalho sustentavam o teto, e quando chegou no meio

do restaurante avistou uma fabulosa cúpula de vidro azul, decorado com desenhos de anjos feitos de ouro. Ela olhou para o lado esquerdo do local, mas não viu ninguém com tais características que suas amigas descreveram. Olhou para a direita e reconheceu um homem que vestia uma roupa de gala complementada por uma gravata borboleta de cor vermelha.

Ela foi em direção aquele homem, que voltou-se olhando para a morena e reconhecendo-a. Naquela noite, Abigail estava trajada com o vestido que havia comprado na J&D e com o camafeu no lado esquerdo de seu peito.

— Boa noite senhorita! — O rapaz levantou-se como forma de cortesia. Estendeu a mão para a garota que a agarrou no mesmo instante. O rapaz beijou as costas da mão de Bibi e a soltou logo em seguida.

— Sente-se por favor! — Sugeriu o rapaz.

— Obrigada! — Estava tímida.

— Qual é o seu nome? — Ele iniciou a conversa.

— Abigail Bragança. E o seu? — A moça retrucou.

— Stein. Ernest Stein! — Fez uma breve pausa. Ambos estavam tímidos um com o outro.

— Então... eu... eu queria agradecer por ter me livrado daquele bêbado arrogante! — Ela recordava o que tivera passado.

— Não precisa agradecer! O que ele queria fazer com você era inescrupuloso. — Afirmou. — Mas ainda pude observar que você é muito corajosa. Vi quando deu um tremendo chute no saco daquele palerma! — Ambos riram.

— Pois é! Só porque sou mulher, não quer dizer que não possa me defender! — Soltou um comentário. Abigail acreditava muito na força feminina. Stein concordou com a moça.

— Você mora aqui?

— Não! Trabalho no navio hospital Aurora. Creio que já deva conhecer! — Ela informou. De fato, Stein conhecia muito bem o tal navio.

— Sim, claro!

— E você? Mora aqui? — A pergunta martelou a cabeça do capitão desertor.

— Sim! — Resolveu abrir o jogo. — Eu sou alemão, mas antes da guerra, vim para a Inglaterra para cuidar de minha mãe que ficou doente e infelizmente veio a falecer. Faz seis anos desde que ela partiu. — De certa forma, uma parte sobre o que disse era verdade, porém, haviam mentiras e alguns segredos que ele preferiu ocultar.

— Meus pêsames! E o seu pai?

— O meu pai também morreu. Mas ele morreu em 32. Acidente de carro! — Stein dizia aquilo com uma certa tristeza, porém não demonstrava sua grande dor de ter perdido tudo o que mais amava.

— Oh, me desculpe ter importunado! — Ela ficou com muita vergonha, mas também se abriu com o rapaz. — Meu pai também morreu, vítima de um infarto! Faz o mesmo tempo que o da sua mãe, quando peguei na mão dele pela última vez enquanto estava vivo.

— Meus pêsames senhorita! — Fez uma breve pausa. Ele olhava atentamente para Bibi, que também estava encantada pelo rapaz. — Pelo jeito, compartilhamos a mesma dor. Perdemos aqueles que mais amamos. — Ele tentou consolar a si mesmo e a garota.

— Mas vamos deixar isso de lado! Eles estão em um lugar bem melhor que aqui! — Ela disse.

— Só uma pergunta... você é daqui?

— Não! Sou do Brasil!

— Não acredito! Meu pai também era de lá! — Ficou surpreso.

— Então, você sabe falar alguma coisa em português? — Até ali na conversa, eles dialogavam apenas em inglês.

— Sim! Meu pai me ensinou! — Ele começou a falar a língua de Bibi. A partir daquela descoberta, eles só iriam se comunicar em português.

As horas passavam. O garçom trouxe o que eles haviam pedido: vinho e frutos do mar. Os dois estavam gostando da proveitosa noite, que embora começasse um tanto cheia de lembranças e amargas, agora havia se tornado alegre, feliz e encantadora. O casal conversava aqui, conversava ali. Riam e riam das aventuras que ocorreram com ambos. Então, uma música começou a tocar. Bibi teve a leve impressão de que a conhecia.

In the mood, that's what he told me

In the mood, and where he told me

In the mood, my heart was skippin'

It didn't take me long to say, "I'm in the mood now!"

— Esta música é muito boa! — Ela comentou enquanto vários casais iam para o meio do salão, que era iluminado pela grandiosa cúpula, para dançar.

— Eu não a conheço! — A música estava alta.

— Vamos dançar! — Ela convidou.

— Vamos! — Ele aceitou.

Os dois então começaram a dançar. Se divertiam como nunca. Abigail estava muito feliz, pois havia tempos que não fazia algo diferente como aquilo. Fazia tempos que não saía com nenhum rapaz para um encontro.

*Who's the lovin' daddy with the beautiful eyes?
What a pair o' lips, I'd like to try 'em for size!*

A música *In the mood*, tocava mais uma vez. Era um grande sucesso da época. Mas, aos poucos a música foi parando e parando, dando lugar a uma música suave e romântica.

*April in Paris, chestnuts in blossom
Holiday tables under the trees
April in Paris, this is a feeling*

A música era *April in Paris*, uma das mais lindas canções que Bibi e Stein tiveram ouvido. Seu toque era suave, lento. O rapaz agarrou a cintura da morena, segurou sua mão esquerda e a trouxe para perto de seu ombro. Ambos dançavam. A garota olhou profundamente para aqueles olhos azuis e sentiu um ardor em seu coração que jamais havia sentido por homem algum. Do mesmo modo, Stein fixou seu olhar para o rosto moreno de Abigail. Estava encantado, deslumbrado pela beleza daquela jovem a quem tinha livrado de um bêbado inescrupuloso.

*I never knew the charm of spring
I never met it face to face
I never new my heart could sing
I never missed a warm embrace*

De repente, os seus corações bateram mais forte. Para eles, não havia mais nada que os segurasse. Então, finalmente, os lábios de ambos complementaram um ao outro em um simples beijo, porém intenso e sem explicação. Depois daquilo, eles tive-

ram a certeza mais concreta que se possa imaginar, de que estavam perdidamente apaixonados.

Após pagarem a conta, Stein fez questão de levá-la até o navio, embora a tivesse pedido para ficar mais um pouco com ele. Era por volta das 22h.

— Tenho que ir! — Ela o avisou. Ambos já estavam na porta de entrada do navio. A doca estava deserta, sendo iluminada pelas luzes do Aurora.

— Precisa mesmo ir?

— Eu devo! Amanhã o navio vai partir.

— O que? Por que não me avisou?

— Desculpe! — Bibi segurou no rosto do rapaz. — Queria que pudéssemos ficar juntos!

— Mas nós podemos! Basta você dizer um sim para mim! — Ele implorou.

— Viria comigo?

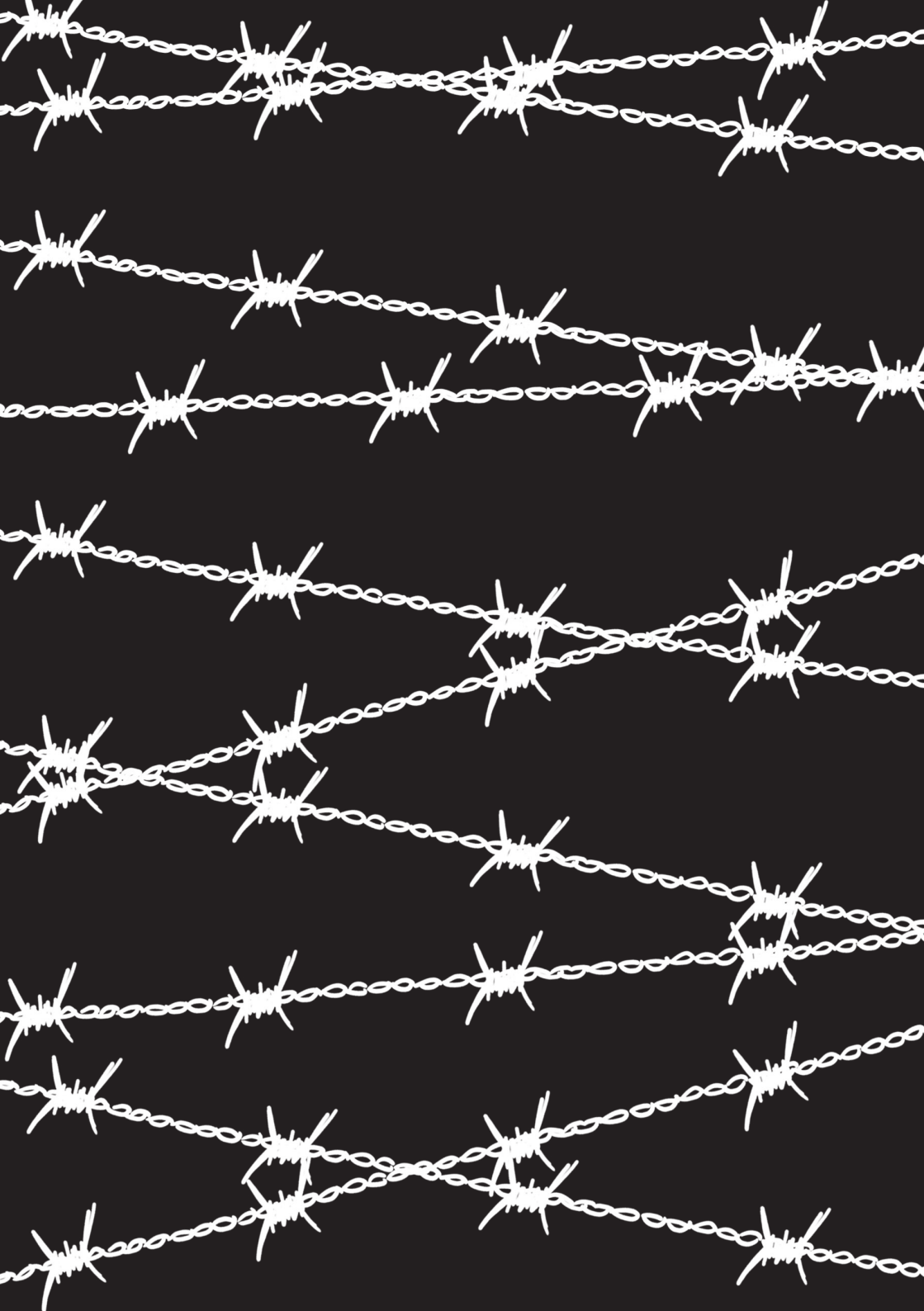
— Mas é claro! — Pegou na mão da garota. — Olha, se você dizer que sim, amanhã mesmo estarei ao seu lado quando for dormir.

— Bom, então, sim! Sim! — Disse a garota muito empolgada.

— Amanhã nos encontramos! Pode ser? — Assegurou.

— Pode! Pode sim! — Deixou escapar um sorriso.

— Estarei sempre ao seu lado! — E assim, ele a beijou e foi em bora. Aquela frase ecoou em seus ouvidos por todo o tempo, desde a hora em que ele se foi, até ela entrar e ir dormir em seu aconchegante quarto.





CAPÍTULO 11: *CADÊ VOCÊ?*

Por fim a manhã chegou, os raios do sol fizeram Abigail acordar e logo soltar um largo sorriso ao lembrar da noite passada. Saiu da cama, tomou banho, arrumou-se, passou seu perfume francês e saiu para a porta de entrada do navio. Era por volta das 8h30 da manhã. As amigas da morena que estavam no restaurante do navio, sentiram a falta de Bibi, que geralmente ia se encontrar com elas todos os dias de manhã.

— Onde será que ela está? — Mila estranhou.

— Será que ainda está dormindo? — Luísa questionou.

— Não! Bibi tem o costume de acordar cedo. Isso não seria uma justificativa!

— Vamos atrás dela! — Sugeriu.

As garotas foram, mas quando chegaram no quarto da amiga, perceberam sua falta. Algo de estranho estava acontecendo. Resolveram então, seguir para o Grande Salão do navio. O caminho até o local passava por perto da entrada do navio, onde as garotas acharam sua amiga encostada sobre a pesada porta de metal. Vendo a posição de Abigail, dava a parecer de que estava esperando por alguém.

— Ei! — Gritou Lulu. — Porque está aqui? Não foi nos encontrar nesta manhã.

— Me desculpem! — Não deu muita atenção. — Estou aguardando uma pessoa!

— Hum — Mila gemeu pensando. — E quem seria o sortudo?

— Vocês vão ver! É um verdadeiro cavalheiro!

— Pelo jeito ele te encantou, hein? — Lulu comentou.

— Sim! — Deu um suspiro.

Naquele momento, algumas pessoas começaram a embarcar no navio, pois iriam viajar para o Brasil que era até então, o próximo destino da embarcação. Um por um, os passageiros iam entrando, mostravam o bilhete, eram inspecionadas e liberadas com o visto de passagem. Somou-se um total de duzentas pessoas, porém nenhuma delas foi a esperada por Bibi. Decepcionada, a garota saiu e foi para o deck dos botes, sendo seguida por suas amigas. Correu e correu, e por fim, parou no corrimão.

— O que foi Bibi? — As amigas não entendiam o que se passava.

— Como ele pôde fazer isso comigo? Como eu pude ser tão burra! — Ela desabou. As amigas a abraçaram fortemente.

— Ei princesa, não fica assim! Você merece uma pessoa melhor na sua vida! — Lulu a consolou.

— Olha, você é linda, determinada e a mulher mais corajosa que conheço! — Fez uma breve pausa. Mila olhou para a amiga e limpou as lágrimas que desciam vagarosamente de seus olhos azuis. — Não importa o que aconteça, estaremos sempre aqui do seu lado!

— Eu amo vocês! — As três se abraçaram fortemente. Um sinal de que o navio hospital estava partindo foi ouvido.

— Vamos entrar, meu bem! — Luísa sugeriu.

— Podem ir! Ficarei aqui por mais um instante. Preciso de um pouco de ar livre!

— Tudo bem! Estaremos no Grande Salão se precisar de nós!
— Informaram. Ambas beijaram as bochechas da amiga e saíram.

Ao ficar ali por mais um pouco, enquanto admirava a vista da cidade de Southampton, Abigail lembrou dos momentos inesquecíveis que sentiu quando estava junto de Stein no Palace of The Seas. Uma lágrima escapou de seu olho e percorreu sua face até pingar no mar. O navio ia se afastando, e quando já pouco se via a cidade, uma sombra se formou atrás da garota, que se virou e teve uma surpresa.

— Estava procurando por você! — Era Stein, frente a frente com a amada.

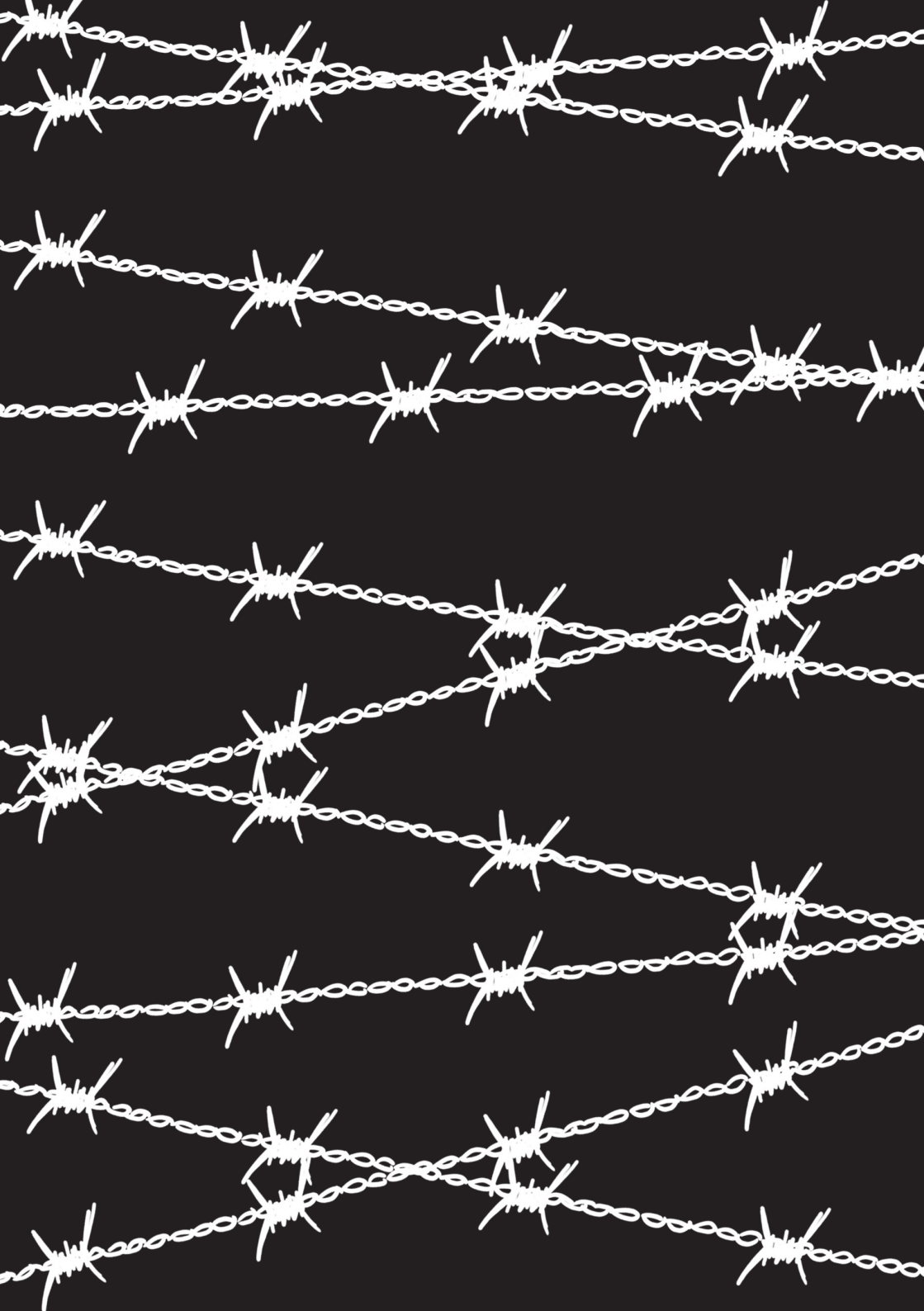
— Eu não acredito! Você veio! — Ela saltou de felicidade. Agarrou-o e tacou-lhe um beijo. — Achei que não viria, fiquei te esperando por horas na porta de embarque.

— Fui o último a embarcar. Já iam fechar a porta quando cheguei!

— Fiquei tão decepcionada com você! — Fez uma pausa. — Mas aqui está você. Cumpriu com o que disse!

— Mas é claro! — Agarrou-lhe com firmeza. — Estarei sempre ao seu lado! — Os dois se beijaram intensamente.

De fato, o amor entre os dois estava definitivamente selado. Ao menos era o que ambos acreditavam, e mal sabiam eles que ainda deveriam passar por muitas coisas que poderiam pôr o seu grande amor à prova.





CAPÍTULO 12: *NOITE TORTUOSA*

As horas passavam e passavam, o sol se recolhia no horizonte, enquanto que a lua ascendia e, com sua luz, iluminava o atlântico. O mesmo trajeto era traçado pelo navio para livrá-lo dos malditos azedos (era como os alemães eram chamados durante a guerra pelos aliados). De repente, um alarme ecoou por toda a ala médica e se espalhou logo em seguida, por toda a embarcação. Mas, o que seria tal alarme? Porque ele tocara de modo tão repentino? Era um aviso. Tal aviso deixou a equipe médica de prontidão em poucos minutos para auxiliar um navio torpedeado chamado Aliança.

O grande Aurora rumou até o local, chegando ali por volta das 1h35. A água estava gelada. Os sobreviventes foram avistados debatendo-se nas gélidas águas, porém, diferente do famoso Titanic, que havia naufragado 31 anos antes, o navio Aurora chegou meia hora após o naufrágio trágico do Aliança.

— Desçam os botes! Juntem os sobreviventes! — As vozes eram dos oficiais. Gritos de socorro e angústia eram ouvidos de tal modo que fazia as enfermeiras chorarem.

— Assistentes, apresentem-se na AMH imediatamente! Assistentes, apresentem-se na AMH imediatamente! — A voz que Abigail e suas amigas escutaram vinha do megafone, era o Dr. Silveira.

Muitas pessoas foram resgatadas. Alguns gravemente feridos, outros com arranhões e poucos precisando apenas de um cobertor e bebida quente. Ao todo, somava-se 500 pessoas. Desconsolados, sangrando por dentro e por fora, sentindo as dores pela perda de entes que não conseguiram sobreviver. Era uma lástima, situação para a qual não se achava palavras para consolar aquelas pobres almas.

O navio partiu, partiu para o Brasil. Era de fato o seu rumo, que tornou-se doloroso. Enquanto voltava ao trajeto, os feridos eram cuidados pela equipe do navio hospital. Abigail presenciou sangue, pernas e braços desfigurados, um verdadeiro horror, uma desgraça. A moça em toda a sua vida servindo, nunca tivera presenciado cenas tão perturbadoras.

Na parte externa, Stein auxiliava junto com outros passageiros e com os tripulantes a reorganizar o convés, e ajudava alguns sobreviventes a chegar até a AMH. O capitão desertor ajudou uma senhora e a deixou na porta daquele enorme cômodo hospitalar, e foi barrado por um enfermeiro que lhe disse:

— Nenhum passageiro tem acesso a ala médica em situações como esta! — O homem pegou a senhora, e quando a levava para dentro foi parado por Stein.

— Conhece uma moça chamada Abigail? — Fez uma pausa. — Como ela está? Diga-lhe que a estou esperando!

— Sim, eu a conheço, mas infelizmente não posso fazer o que está pedindo!

— Como não pode? — Questionou.

— Não percebe a situação? Não tem como você falar com ela agora. Espere as coisas se acalmarem no navio! — Deu um goto. — Mas não se preocupe, eu avisarei que perguntou por ela.

Stein ficou parado, compreendeu o que o enfermeiro tivera dito. Ele estava certo, porém não acreditava em tamanha crueldade.

de que havia presenciado. O antigo capitão recordou-se de Stalingrado, quanto sangue fora derramado de ambos os lados, os choros de socorro e desespero. Aquela maldita guerra parecia não findar. Olhando para o lado esquerdo, reparou em um banco de madeira e sentou-se.

— Ficarei aqui por um tempo! — Deitou-se falando com si mesmo. As pálpebras deslizavam querendo fechar-se, seus olhos cansados forçavam-no a ao menos cochilar. Não aguentou. Adormeceu ali mesmo.

Era por volta de 2h40 da manhã, o barulho já não era tão gritante pelo navio. Boa parte dos feridos já haviam adormecido, já outros estavam mais tranquilos. Alguns agonizavam de dor pelos ferimentos e uns ou outros passavam por cirurgias urgentes. Fora então, apenas quando o sol começou a raiar que tudo havia silenciado.

Um toque o acordou. Stein abriu os olhos azuis rapidamente e deu um pulo do banco de madeira sobre o qual havia dormido durante a noite. Olhou para frente e avistou Abigail. Deu-lhe um forte abraço.

— Você está bem?

— Estou! Dormiu aqui a noite toda? Porque não foi para seu quarto?

— Estava esperando por você! — Confessou.

— Não devia, Stein. Sabe que este é o trabalho que tenho a fazer! — Ela irritou-se repentinamente com o amante. Abraçou-lhe fortemente e desabou em lágrimas.

— O que foi, meu amor? Porque chora?

— Eu vi coisas que jamais havia visto em todo esse tempo servindo no Aurora. Foi horrível! Vi pessoas sofrendo, gritando de dor, amarguradas! — Não aguentou, chorou mais e soluçava.

Stein sabia exatamente o que era passar por aquilo, afinal havia matado a muitos durante a guerra e lembrou-se quando deixou de ser alienado pelas ordens do Führer. Ele não sabia o que dizer a sua amada e apenas a abraçou fortemente. Após isto, Bibi enxugou suas lágrimas e contou sobre algo que chamou a atenção de Stein.

— Um dos sobreviventes que atendi chamou a minha atenção. Ele falava o seu nome várias vezes, acho que estava delirando!

— O meu nome? — Não fazia ideia quem seria tal pessoa. — Pode me mostrar quem é este sujeito?

— Claro! Mas entre em silêncio, é cedo e ainda estão dormindo!

Ambos entraram. Stein pode observar o tanto de pessoas que estavam acamadas, dormindo, descansando, recuperando as forças físicas e psicológicas desgastadas na noite trágica passada. Passaram por um, dois, três, quatro camas e quando chegaram na quinta, Stein reconheceu tal sujeito.

— Este é o homem que falava em você! — Abigail apontou.

— Eu sei muito bem quem ele é! — Ele afirmou. E de fato conhecia, era seu valoroso amigo de infância e companheiro de batalha. Aquele homem era Hoffman.





CAPÍTULO 13: *VELHOS AMIGOS*

Stein não esperava reencontrar seu velho amigo ali naquele navio hospital. Não o via desde que chegaram à Inglaterra três meses antes, pois ambos tomaram rumos diferentes.

Algumas horas depois de Abigail ter-lhe mostrado o seu conhecido, Hoffman acordou e deu de cara com o amigo sentado ao lado da cama onde estava repousando.

— Stein? — Hoffman estava espantado.

— Olá velho amigo! — Ambos deram um forte abraço como se não se vissem a muito tempo. Bibi observava tudo de longe enquanto cuidava de uma mulher que estava com a perna direita enfaixada por causa de uma queimadura. — Como veio parar aqui? — Stein o olhou fixamente. — O que fazia no Aliança?

— Calma! Minha cabeça dói um pouco! — Segurou em seu ombro. Fez uma breve pausa. Ajeitou-se na cama e continuou. — Estava trabalhando numa fábrica desde o início de dezembro, mas na primeira semana de fevereiro fui demitido!

— Ora, porquê? Fez algo ilícito?

— Não! A fábrica faliu! Não só eu, mas todos os outros trabalhadores foram demitidos! — E continuou. — Eu comprei uma passagem, com o pouco que me restava de dinheiro, para o embarque no Aliança. Estava indo para os Estados Unidos!

— Hum, seu inglês ainda é afiado?

— Claro que sim! Melhor do que o seu! — Ambos riram.

— Olá rapazes, como está indo a conversa? — Bibi intrometeu-se. Escorou no ombro de Stein.

— Quem é ela? — Hoffman perguntou.

— Essa moça?... Foi ela que cuidou de você e que fez com que a gente se encontrasse! — Stein respondeu, sucinto.

— Prazer, Abigail! — A morena apresentou-se.

— Sou Klaus Hoffman, mas pode me chamar de Hoffman!

— Você é alemão assim como o Stein?

— Sim, sou! — Voltou-se para Stein. — Ela te conhece?

— Sim! Meio que estamos namorando! — Revelou.

— Sério? A quanto tempo se conhecem?

— Faz uns seis dias, se não me engano!

— Foi rápido! Vocês já namoram e só se conhecem há seis dias?

— Estamos apaixonados um pelo outro! — Bibi respondeu antes que Stein falasse.

— Respondido? — Stein falou.

— Sim senhor, cap... — Hoffman foi silenciado por Stein que lhe deu um beliscão não muito forte no braço. — Ai!

— Algum problema? — Bibi perguntou.

— Não, nenhum! — Foi ríspido. Segurava no braço.

— Vou verificar os outros pacientes! Até mais tarde! — A enfermeira deu um selinho em seu namorado e saiu.

— Porque me beliscou?

— Não me chame de capitão e nem fale das aventuras militares que tivemos!

— Oras, porquê?

— Porque nem Abigail e nem as amigas delas sabem que eu ou até mesmo você éramos do exército nazista!

— E por que não contou toda a verdade para a sua namorada? Mudaria alguma coisa?

— Claro que mudaria — Ambos já estavam cochichando. — O que você faria se chegasse até a mulher que ama e contasse que foi capitão condecorado pelo próprio Hitler e que o servia desde o início da guerra? Nem pensar que diria isso. Não agora!

— Mas uma hora sua máscara vai cair, Stein! Você não vai conseguir manter isso por muito tempo!

— Porque me diz isso? Você também não vai conseguir manter isso em segredo!

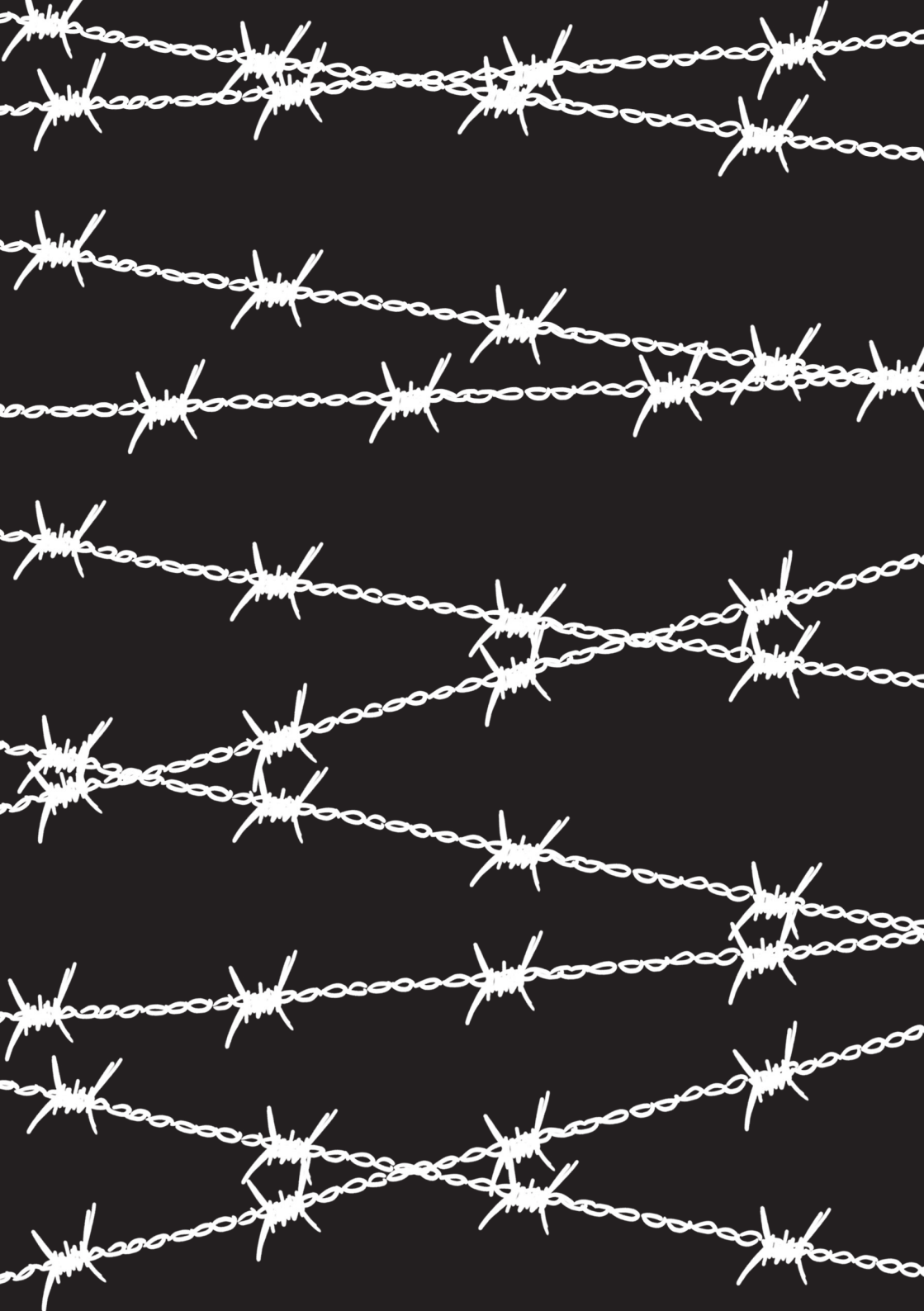
— Eu estou consciente disso, mas e você? Está consciente das consequências?

— Sim Hoffman, eu estou! — Disse um pouco alterado.

— Acho bom mesmo e sabe porquê? — Fez uma pausa. — Sua cabeça já está em jogo, ordenada pelo próprio Führer!

— Como? Como sabe disso? — Stein ficou agitado.

— Ouvi a conversa de algumas pessoas quando vinha no Aliança! Hitler já sabe que desertamos desde o final da batalha na frente leste. — Pegou um cigarro no bolso, ascendeu-o, deu uma tragada e disse: — Nossas cabeças agora valem uma bufunfa!





CAPÍTULO 14: *EM TERRAS BRASILEIRAS*

Já era início de março. Stein, Abigail e os amigos do casal desembarcaram assim que chegaram no porto de Santos. Dali, eles rumaram para o Rio de Janeiro para encontrarem-se com a mãe de Bibi, que estava bastante doente. A enfermeira pediu uma licença para cuidar de sua pobre mãe que estava doente há alguns dias.

Chegando na cidade maravilhosa, o grupo faz uma parada em uma cafeteria e depois seguem seu destino para a casa da enfermeira que ficava de frente para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Chegando no local, Stein reparou nos detalhes da bonita casa que avistara. Suas paredes de fora eram azuis com detalhes em branco e rosa, possuía eira e beira e uma detalhada porta do século XIX talhada em madeira de carvalho. A casa era comprada e havia traços da arquitetura colonial portuguesa. Segundo o que Bibi havia revelado, os seus pais haviam comprado e restaurado a casa aos poucos, pois, embora vivessem bem, não tinha tanta condição e dinheiro para esbanjar.

Uma, duas, três batidas foram feitas por Bibi naquela belíssima porta de carvalho, que foi aberta por uma empregada da casa. Todos entraram, Stein ficou no quarto de Bibi junto com ela, Lulu e Mila ficaram em um quarto ao lado e Hoffman se acomodou no aposento que ficava de frente para as garotas. O jovem

espiava Mila, uma linda moça que também fazia o mesmo para com ele, ainda mais quando rompeu com Kevin Stuart antes do mesmo ir para a guerra.

Apressadamente, Abigail deixou suas malas em seu quarto, puxou Stein pelo pulso e foram juntos ao encontro da mãe da moça que repousava no quarto. Ambos entraram vagarosamente e com cautela, não queriam fazer barulho. O casal apaixonado deu de cara com um médico que vinha atendendo aquela senhora de olhos castanhos, cabelos esbranquiçados e lisos, pele morena e bonita. Não aparentava ter tanta idade, porém a doença não colaborou com isso. Ela também usava um vestido simples estampado, daí o gosto de Abigail por roupas estampadas, seus olhos estavam levemente fechados.

— Mãe! — A voz da garota parecia um sussurro.

— Bibi? — A senhora abria os olhos lentamente. — O que faz aqui? Não devia estar no navio?

— Vim cuidar de você, mãezinha! — Sentou na cama. — Porque não escreveu para mim avisando que não estava bem?

— Não queria preocupar você! Você tinha que trabalhar, ganhar seu pão!

— Mas eu teria vindo correndo, assim que a senhora me chamasse!

— Eu bem sei minha filha, eu bem sei! — A senhora olhou para o lado e observou a presença de mais uma pessoa no quarto. — Quem é este jovem?

— Meu nome é Ernest, minha senhora, mas pode me chamar de Stein!

— É alemão? — Questionou.

— Sim! Como sabe? — Ele estava surpreso com o acerto da velha.

— Estudei línguas estrangeiras, em especial o alemão! Eu e meu falecido marido, o pai de Abigail!

— Entendo! Mas ainda não falou o seu nome. Como se chama, minha senhora?

— Meu nome é Helena, Helena Bragança, mas pode me chamar de Helen!

— É um prazer dona Helen! — Ele beijou a mão da mãe de Bibi, que lhe presenteou com um lindo sorriso.

— Estamos namorando, mãe! — Bibi intrometeu-se e revelou sobre o seu relacionamento.

— Faça gosto! Ele é um rapaz muito educado e gentil! — Voltou-se para Stein. — Você tem sorte meu jovem, minha filha não escolhe qualquer homem, e é isto que me impressiona nela!

— Muito obrigado, dona Helen, e devo concordar com a senhora! — Ele pegou na mão de Bibi. — A cada dia me apaixono mais por sua filha! Ela é uma grande mulher, e agora sei a quem puxou tamanha força e coragem! — Stein admirava as mulheres pela força, destreza, inteligência e vontade de lutar pois havia recebido muita influência de sua mãe!

— Eu dou a minha bênção e apoio a união de vocês desde já! — A senhora pegou a mão do jovem moço e de sua filha e as uniu.

Uma voz de fundo ecoou nos ouvidos de Stein e Abigail, era o médico que cuidava da mãe da garota.

— Sua mãe melhorou um pouco! Está um tanto sonolenta por causa dos medicamentos. O melhor a fazer agora é esperar e deixá-la repousar um pouco.

— Sim claro, por favor, me acompanhe! — Os três saíram do quarto e desceram as escadas do segundo andar do casarão. Aproximaram-se da porta da casa.

— Escute, senhorita Abigail, sua mãe está um tanto melhor

do que a um mês, como eu já havia dito, mas é importante que a família fique por perto! — O médico recomendou.

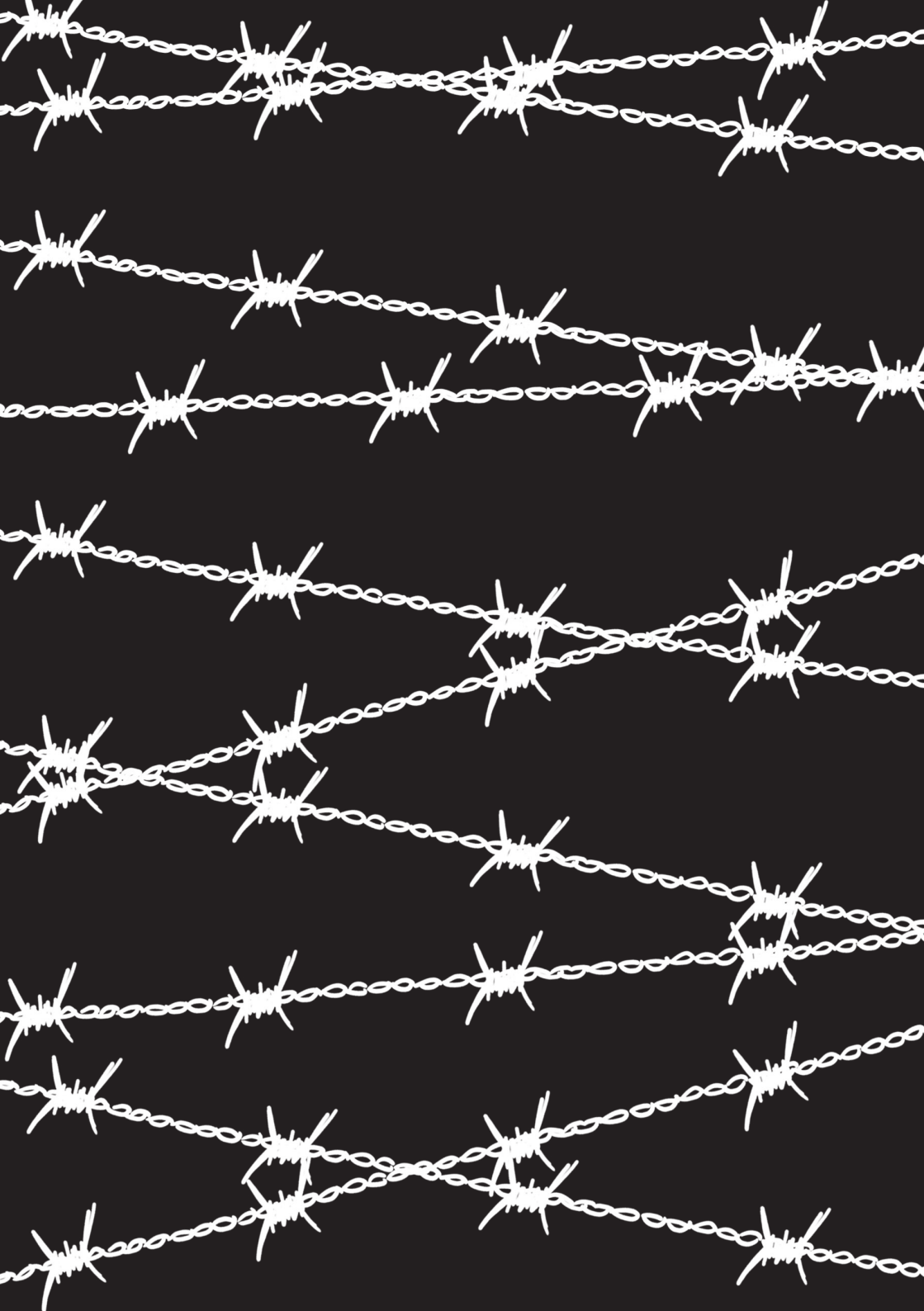
— Está certo, doutor! Eu pedi licença no trabalho para cuidar de minha mãe, mas o que ela teve? Não me contaram muita coisa desde que cheguei!

— Sua mãe teve uma forte febre, seguida de delírios! Foi complicado estabilizá-la, até que uma semana depois do início, conseguimos. Depois, eu fui chamado de novo pela empregada de sua mãe, e ela me afirmou que a dona Helen estava aflita, que chorava bastante ao lembrar de seu falecido pai e a febre voltou novamente!

— Nós cuidaremos dela, doutor, não se preocupe! — Stein passou seu braço por trás de Bibi e pegou com sua mão no ombro da moça dando um braço de lado.

— Assim fico mais aliviado! A presença e o carinho de vocês serão muito importantes para a recuperação de dona Helen! — O médico saiu e foi até o seu carro que estava estacionado na sombra de uma árvore que ficava em frente à casa. Abriu a porta, ligou o motor e foi embora. De longe, o casal observava aquele homem da casa dos 50 anos, de cabelos ruivos, olhos negros e pele branca, barba rala, pouco alto e esguio que calçava sapato social, usava um chapéu cinza, vestia uma calça preta com finas listras brancas e um paletó preto com uma gravata vermelha.

A garota então pensou enquanto fechava a porta, não seria a última vez que veria aquele homem em sua casa. Um mal sentimento tomou conta dela naquele momento, mas ela nada disse a ninguém, absolutamente nada, e resolveu guardar aquilo para si mesma.





CAPÍTULO 15: *NÃO CONFIO NELE!*

Os dias iam passando e passando, aquele médico ruivo costumava ver a mãe de Bibi com frequência, mesmo nos dias em que ela estava bem. Embora fosse muito bom o acompanhamento médico naquele momento, a garota estranhava, e, ao completar uma semana entre idas e voltas do médico, Abigail começou a reparar em alguns fatos. Todos os dias, sempre por volta das 8h da manhã, o ruivo chegava em sua casa e ficava o tempo todo no quarto de sua mãe. Almoçava e tomava um café da tarde ainda no casarão e saía lá pelas 17h. A moça não gostava muito daqueles hábitos, desprezava o mal costume.

Mais uma semana se passou daquele mês de março, e por meio da observação de Bibi sobre as ações do médico ruivo em sua casa, percebeu-se que toda vez que aquele homem esquisito visitava a mãe da garota, a senhora parecia estar dopada, sentindo dores, enfim, piorava. O ruivo sempre tinha a desculpa de que “ela estava sob efeito de medicamentos”, e a filha de dona Helen sempre fingia que estava tudo bem. Certo dia, após o jantar, Bibi foi olhar sua mãe que estava dormindo. Entrou no quarto, chegou perto e observou marcas de injeção na veia. Após isto, ela saiu do quarto e foi até onde estava o seu namorado, numa pequena sala no lado leste do casarão. O local tinha uma varanda com vista para a lagoa Rodrigo de Freitas. Aproximou-se e o tocou.

— Oi, *meine brünette!* — Era um apelido carinhoso pelo qual Stein passou a chamá-la desde que chegou no Brasil. Significa “minha morena” em alemão.

— Queria conversar com você! Podemos? — Ela perguntou. Sua voz era suave e preocupante ao mesmo tempo. Ele consentiu. — Pressinto algo de ruim! Algo que está acontecendo aqui em casa!

— O que seria então? Desconfia de alguém?

— Sim! Mas ainda preciso ter certeza!

— Quem seria o maldito? — Ambos estavam escorados no corrimão da varanda.

— O Dr. Malvino! — Revelou.

— O médico de sua mãe? Mas, porquê? Parece que ele tem um carinho muito grande por ela.

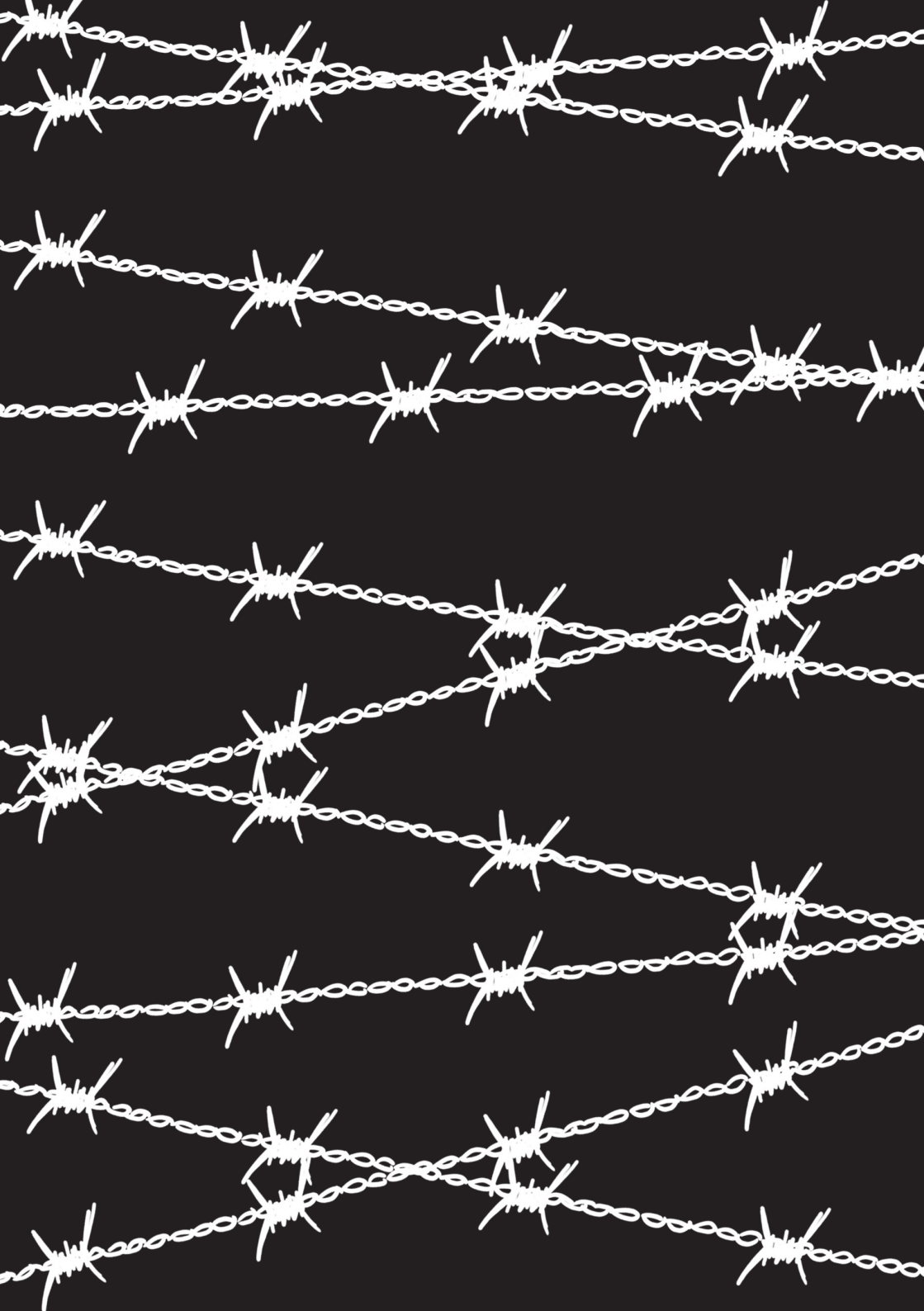
— Também me deixei levar por essas hipóteses por algum tempo, mas depois comecei a observá-lo! — Fez uma pausa para dar um suspiro. Olhou atentamente para a lagoa a sua frente. — Eu percebi uma rotina! Todos os dias ele entra aqui em casa às 8h e só sai às 17h!

— Hum, isso é um tanto peculiar para um médico! Geralmente eles ficam algumas horas para observar o paciente e depois saem, pois existem outras pessoas a serem atendidas. — Stein explicou. E de fato era aquilo que ocorria em atendimentos a domicílio.

— Agora há pouco, quando fui no quarto de minha mãe, percebi marcas de injeção na veia de seu braço! — Ela olhou fixamente para o amado.

— Entendo! Não mentirei, também venho observando o comportamento dele! — Deu uma tragada no cigarro que estava consumindo. — Fiquei sabendo de um criminoso que está aterrorizando aqui no Rio! — Soltou a fumaça de seus pulmões.

- Criminoso? Não estou sabendo de nada! Onde viu isso?
— Estava surpresa.
— Eu li no jornal! — Gesticulou. — Acho bom ficarmos de olho nesse médico! — Sugeriu.





CAPÍTULO 16: *O PERIGO EM NOSSA CASA?*

Depois daquela conversa, o casal passou a vigiar o Dr. Hermes Malvino, a cada passo, desde a sua chegada até a sua saída. Era 20 de março, e durante os três dias anteriores, a mesma rotina vinha sendo feita. Na manhã do dia 21, antes de Malvino chegar, Stein interrogou Cida, a empregada da casa.

— Bom dia Cida! — Stein chegava na cozinha.

— Bom dia Sr. Ernest! — Cida limpava a mesa.

— Por favor, me chame de Stein!

— Está bem! — Deu um breve sorriso. — No que posso servi-lo? Quer um cafezinho?

— Não, obrigado! — Sentou na cadeira. — Apenas queria ter uma conversa com você!

— Oxente! Comigo? — Cida estranhou.

— Sim, por favor, mas nossa conversa deve ser breve! — Informou. — Você sabe quem é o Dr. Malvino, não é?

— Sim, claro! Ele cuida de dona Helena!

— Certo! — Fez uma pausa. — A quanto tempo ele vem aqui?

— Ah, desde antes da chegada de vocês! — Ela foi objetiva.

— Ele tem alguma relação com a dona Helen?

— Bom, ele faz essa rotina de vir aqui todos os dias. Chega de manhã, sai à tarde — Continuou. — Ele tem um grande carinho com a dona Helena!

— Entendo! — Stein raciocinava em sua cabeça qual seria o tipo de afeição do médico pela mãe de sua amada. Ele cogitou que talvez fosse algum tipo de obsessão.

— Mas porque quer saber tanto?

— Desconfio que... — Ele foi interrompido.

— Olá Cida, bom dia! — Malvino entrou na casa como se fosse um parente da família. — Olá Sr. Stein!

De repente, um barulho chamou a atenção de Bibi, que estava em seu quarto. Desesperada, desceu a escada às pressas e viu o médico com o nariz sangrando.

— Canalha! Você pagará pelo fez a mãe de Abigail! — Stein bravejava.

— O que está acontecendo aqui? — Bibi estava perplexa.

— O seu namorado me deu um soco! — Malvino estava com um lenço branco que agora ficara vermelho pelo sangue que escorria de seu nariz.

— Desconfiamos de você, doutor! — Bibi ficou do lado do namorado.

— Desconfiam de mim? Porquê? O que fiz eu?

— Achamos que está fazendo algum mal contra a dona Helen! — Stein se segurava para não dar outro soco.

— Eu jamais faria mal algum a Helen! Jamais!

— E como tem tanta convicção? — A garota tomou a frente.

— Porque quero muito bem a sua mãe! Eu venho todos os dias aqui porque eu sou amigo de infância dela. Mas havia muito tempo que não nos víamos, desde que fui para São Paulo! — Explicou já chorando.

— E como explica as marcas de injeção na veia? — Stein queria uma deixa do médico.

— Sua mãe ficou depressiva e fica injetando remédios na veia

tentando se matar! Por isso que dou uma atenção maior para ela! — Um grito foi escutado pelos que estavam na casa. Hoffman estava fora, as meninas haviam ido para a casa dos parentes uma semana antes, estavam apenas aqueles que dialogavam no casarão.

— Mãe! — Todos correram até o quarto. Quando abriram viram aquela senhora com a injeção na mão. Estava eufórica, descontrolada, perturbada. Não desejava mais viver. Stein foi ágil utilizando seu treinamento como militar e conseguiu tirar a agulha da mão de Helena.

— Não! Me devolva, me devolva! Não quero viver sem o Victor! — Este era o clamor daquela mulher sentindo falta de seu falecido marido.

Foi uma grande exasperação nas horas seguintes. Bibi chorava pela mãe e tentava acalmá-la, assim como o médico, a empregada e o namorado. Helena aquietou-se depois de uma hora. Daquele dia em diante, ficou esclarecida aquela amizade já antiga que o doutor tinha com mãe de Abigail, e as coisas começaram a melhorar. Já no início de abril, a mãe da enfermeira estava recuperada, saudável e feliz. Aquilo trouxe grande alegria a Abigail, que viu como sua vida estava diferente. Por um momento esqueceu que lá fora ocorria uma terrível guerra que matava aos montes, tanto militares como civis.

No final da primeira semana de abril, Abigail informou a mãe que teria que voltar para o navio e arrumou as malas, partindo dois dias depois. O casal, junto com Hoffman, chegou até o porto do Rio de Janeiro, mas foram pegos de surpresa quando souberam que algumas partes do navio estavam danificadas, e que não se tinha previsão para ser restaurado. O trio então, voltou para a casa da mãe de Bibi.

— Mãezinha! — Abriu a porta.

— Abigail? Porque voltou, minha filha?

— O navio será restaurado e ficarei com você por um tempo, pois não tem previsão para o término!

— Ai, que bom que terei você perto de mim! Este pouco tempo que ficou aqui não saciou a minha saudade! — Helena foi até a filha e deu-lhe um forte abraço, que foi retribuído.

— Stein meu filho, venha cá! — Helena o chamou.

— Pois não, minha senhora! — Aproximou-se. Helena olhou para o rapaz e sua filha e disse-lhes:

— Quando vão marcar o casamento?





CAPÍTULO 17: *JAMAIS SABERÃO ONDE ELES ESTÃO*

Palermo, março de 1943.

Após o fim da batalha de Stalingrado, em fevereiro de 1943, Hitler ordenou que o capitão desertor e aqueles que haviam também desertado com ele, fossem achados e, se possível, mortos. A notícia se espalhou pela Europa duas semanas depois do pronunciamento do Führer, e logo iniciou-se uma disputa entre alguns capitães pela gorda recompensa que havia sido proposta. Entre todos, o mais interessado era o Capitão Schmidt, não tanto pelo dinheiro, mas pela vingança que queria contra o tenente que segundo ele, o havia humilhado.

Por um tempo, Schmidt procurava desesperadamente por Stein, mas alguns informantes seus lhe disseram que um dos companheiros do antigo capitão nazista estava morando na cidade de Palermo, na Sicília. Tomado pelo desejo de vingança, ele conseguiu localizar o amigo de Stein, o sargento Marcos Becker. Era noite, Becker voltava de uma conveniência em direção a casa da mãe, quando foi surpreendido por dois oficiais alemães que o fizeram apagar naquele mesmo instante.

Uma hora depois, o rapaz acordou amarrado em uma cadeira e podia observar que estava no porão de uma velha casa, que ficava em uma rua escura e esquisita da cidade de Palermo.

— Olá Becker! Sentiu minha falta? — Aquela voz era familiar.

— O que quer comigo? — O homem apareceu. — Schmidt!

— Boa memória! — Caçoou.

— Claro que lembraria do paspalho que o Stein deu uma surra! — Becker provocou e acabou levando um soco que o fez espirrar sangue.

— Cale-se! — Bravejou o capitão. Marcos deu uma risada irônica.

— O que quer comigo, seu desgraçado? — Sua boca sangrava.

— Sabe, a sua cabeça junto com a dos seus amiguinhos, já está valendo uma boa grana por aí! Ordens do Führer! — Rondava a cadeira.

— Me conte uma novidade!

— Então você já sabe! — Parou de frente para o rapaz. — Supostamente já deva saber também o que quero!

— Ha, quer saber onde estão Hoffman e Stein? — Deu uma cusparada de sangue na cara de Schmidt. — Você jamais saberá onde eles estão!

— Você é quem sabe! — Pegou um lenço e limpou o rosto. — Uma hora você vai falar!

O capitão vingativo ordenou para que os seus dois oficiais torturassem Becker. Os dois então, pegaram um capacete improvisado conectaram fios no mesmo e ligaram à fonte. O rapaz sentiu fortes dores, se contorceu, seus olhos reviraram. Modificaram então, a voltagem para zero novamente. Retiraram o capacete e jogaram um balde de água fria no jovem, que gritou devido ao grande choque que sofrera.

— E então? Vai falar? — Schmidt tornou a perguntar.

— Nunca trairei os meus amigos! — O jovem levou outro soco que o fez desmaiar.

— Deixe-o aí por enquanto! Depois voltaremos! — Ordenou.

Aquela tortura perdurou por duas horas, mas Becker nada falava, preferia morrer do que dizer àquele maldito onde estavam os seus amigos.

— Nos fale onde eles estão, seu idiota! Não percebe que será tudo mais fácil se abrir essa sua boca imunda? — Bravejou o capitão.

— Acha que sou burro? Acha que não sei que vai me matar também? — Olhou atentamente para o rival. Becker estava cansado, quase desfalecendo.

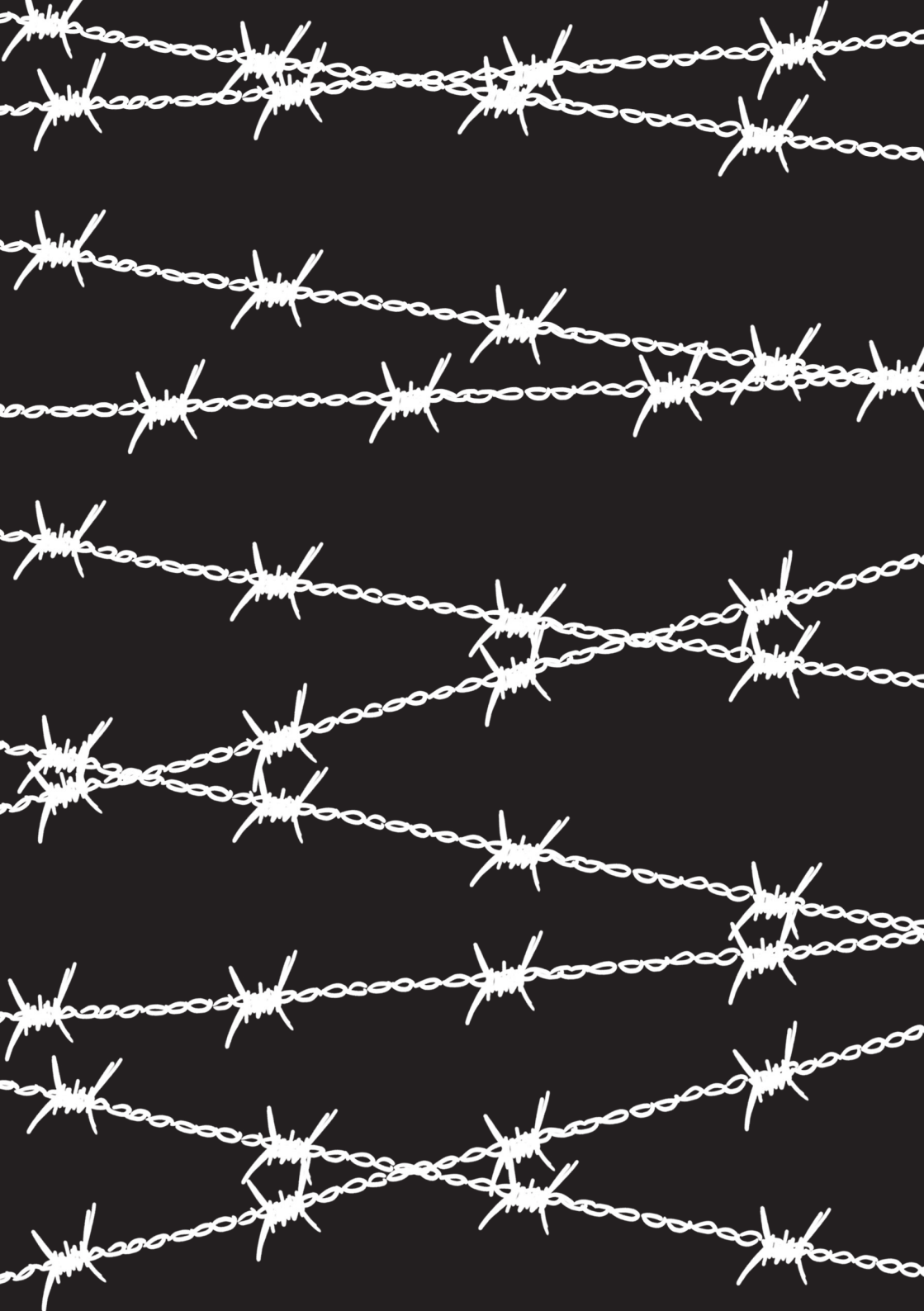
— Tem razão! — Schmidt pegou um bisturi. — Vamos acelerar as coisas! — O homem cortou os pulsos de Marcos Becker que ia perdendo sangue aos montes.

— Sabe que será uma questão de horas para que você morra. Então, vai nos contar? — Aproximou-se bem perto de Becker, que, em resposta, deu-lhe uma cabeçada.

— Está bem, me cansei de você! Agora você vai para o inferno, animal! — Schmidt sacou uma pistola do bolso e atirou na cabeça do amigo de Stein, que morreu na hora.

— Vamos continuar procurando, este não valia de nada! — Schmidt saiu daquela casa velha e nunca mais retornou.

O capitão nazista ainda procurou por Stein e Hoffman por alguns meses, mas acabou morrendo e pagando pelos seus atos durante a Operação Husky, também conhecida como a Invasão da Sicília pelos Aliados.





CAPÍTULO 18: A PRIMEIRA NOITE

Desde que Stein e Bibi se conheceram, eles nunca haviam dormido juntos. Sobre casamento, quando foram questionados por Helena, a mãe de Bibi, ambos apenas disseram que ainda não era tempo de pensar naquilo. Às 20h de uma certa noite, Stein e Abigail foram até um barzinho que ficava por perto do casarão.

— Que linda noite, não acha? — Stein puxou assunto. O casal vinha caminhando em direção ao casarão.

— Sim, a lua está magnífica! — Abigail declarou. De fato, a lua iluminava aquele céu negro juntamente com as cintilantes estrelas. Hoffman e as amigas de Bibi permaneceram no mesmo estabelecimento onde estava o casal. Naqueles dias, a casa de dona Helena estava com visitas agradáveis.

Caminhavam e caminhavam, até que por fim chegaram em casa. Ambos entraram, a casa estava silenciosa, era 22h30.

— *Meine brünette*, quer admirar a lua por mais um pouco? — Stein a convidou para ir a varanda. Ela aceitou e foi com ele até o local que mostrava tamanha beleza.

Era possível observar da varanda a luminosidade da lua refletir na lagoa Rodrigo de Freitas, juntamente com a luz das casas e edifícios que se estabeleceram em volta do local. Era uma vista apaixonante. O casal estava abraçado e encostado no corrimão da varanda. Seus corações começaram a pulsar mais e mais. Abigail

então, virou-se para Stein e ambos se beijaram tão intensamente que esqueceram de tudo e de todos. Aquele era um momento íntimo, um momento exclusivamente deles.

Saíram da varanda, serpentearam pela casa, rodopiaram por entre os móveis da sala. Subiram as escadas, e por fim, entraram no quarto. Ali, eles se abraçaram, se amaram e se beijaram. Cuidadosamente, Stein deitou sua amada na cama, Bibi desabotoou a camisa do amado e ele fez o mesmo com ela. Então, ali, naquela noite de lua iluminada, eles dormiram pela primeira vez juntos. Foi um momento único para ambos, pois nunca haviam transado com ninguém antes.

Talvez fosse obra do destino, tudo aquilo que ocorrera durante a noite. Uma noite diferente de todas as outras. No dia seguinte, os dois estavam mais próximos do que já eram, todos notaram. Os semblantes dos dois apresentavam felicidade, ternura e harmonia. Depois daquela noite, Stein e Bibi perceberam que um complementava o outro.

Os dias iam passando e passando, e o casal tornou a deitar-se mais algumas vezes. Seu amor era tão perceptível que até quando saíam para comprar um simples pão no outro lado da rua, as pessoas admiravam aqueles jovens. Tão amorosos, tão apaixonados.

Abril chegou ao fim, maio ascendeu vigoroso. O mês das noivas chegara repentinamente. Numa certa manhã, na primeira semana daquele mês, Bibi sentiu-se enjoada e correu em direção ao banheiro para vomitar. Mila a acompanhou.

— Bibi, o que foi? O que aconteceu?

— Eu não sei! — Vomitou mais uma vez.

— Comeu algo que não te fez bem?

— Não! Eu me alimentei bem, mas estou sentindo tonturas já há alguns dias!

— Então, não foi nada do que você comeu! — A mãe de Bibi entrou no banheiro. A senhora que vinha observando o comportamento de sua filha, viu quando a mesma correu para o banheiro.

— O que seria então, minha mãe! — Bibi interrogou. Vomitou pela terceira e última vez. Levantou-se e foi se limpar.

— Bom, sendo curta e grossa, você deve estar grávida minha filha! — Helena deu um breve sorriso.

— O quê? — Abigail voltou-se para a mãe imediatamente. Mila não acreditava.

— Quer que eu chame o meu amigo, o doutor Malvino?

— Sim, por favor mãe! Isto é sério demais para criar hipóteses.

Duas horas depois, o médico havia chegado e Abigail foi consultada. O doutor examinou a moça, foi informado sobre o que se achava em relação ao estado dela e ele confirmou em alto e bom som:

— Minha jovem, parabéns! Você está grávida!

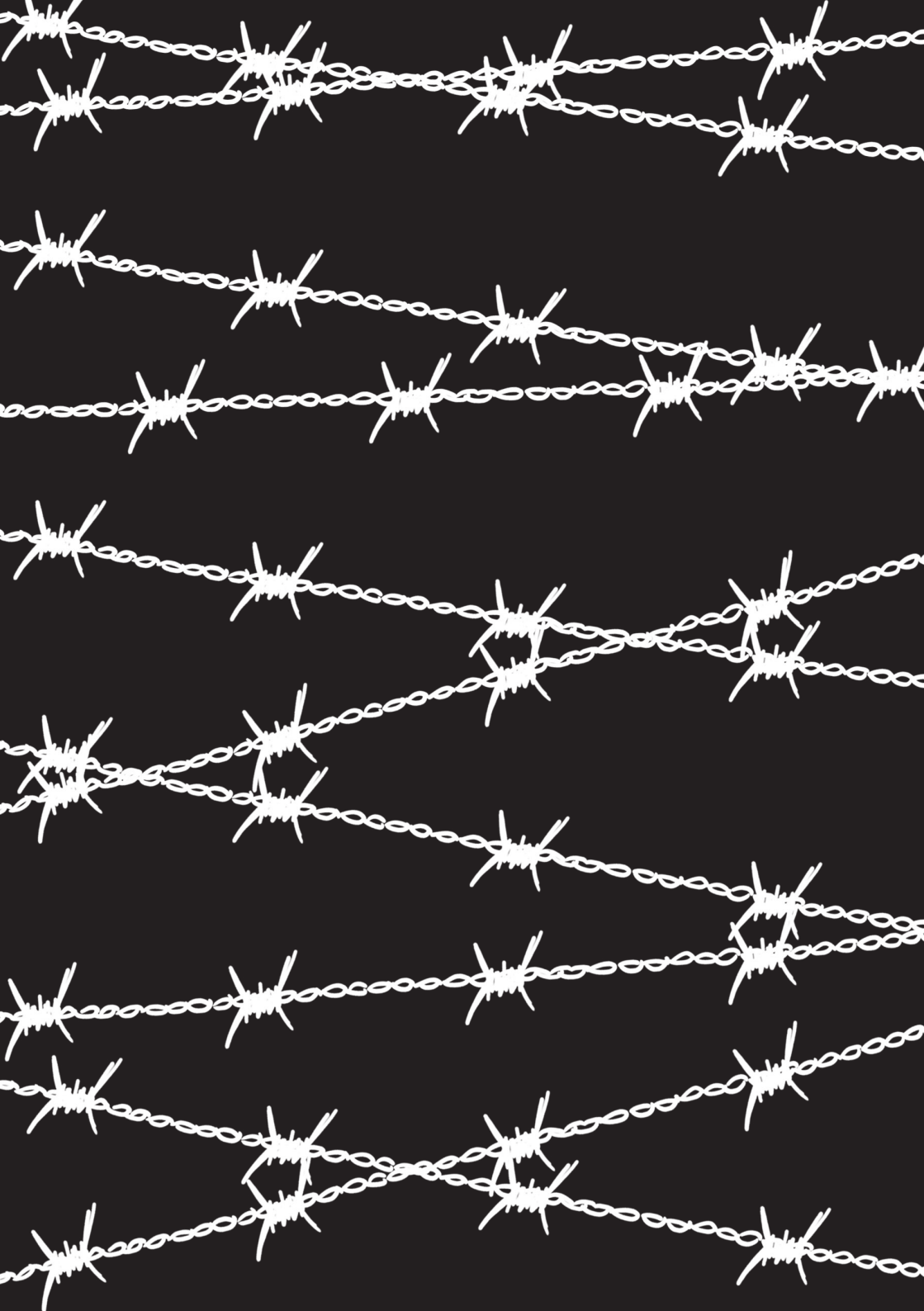
Foi uma alegria indescritível naquele momento. A jovem chorou e abraçou sua mãe e sua amiga. Cerca de dez minutos depois, Stein chegou em casa e observou que estavam reunidos na sala: sua sogra, sua namorada e a amiga dela, juntamente com o doutor Malvino.

— Tem alguma coisa importante acontecendo aqui? — Deixou o chapéu no sofá.

— Tenho algo para contar a você! — Bibi fez um suspense.

— Diga-me! — Ele parecia ansioso.

— Você vai ser pai! — Ela deu um largo sorriso. Ambos se abraçaram. Stein deu um grito de felicidade e chorou de alegria nos braços da amada.





CAPÍTULO 19: *QUEM SOU EU?*

Foi uma festa para Stein e Bibi a notícia de um herdeiro. Ambos estavam em uma felicidade magnífica. Porém, ao saber de que o amigo seria pai, Hoffman o chamou para conversar. Já estavam na segunda semana do mês.

— Soube que vai ser pai! — O rapaz iniciou a conversa.

— Estou muito feliz, meu amigo! Nunca estive tão ansioso para pegar na mãozinha do meu filhote!

— Sim, mas terei que lembrá-lo novamente! — Fez uma pausa. Hoffman fez um gesto chamando o amigo para conversar fora do casarão. — Lembra-se do que eu falei para você no navio? Sabe que tem um preço muito caro a ser pago!

— Por favor, não me lembre isso! — Stein puxou os próprios cabelos, andou para frente e depois voltou. — Queria esquecer tudo isso!

— Mas não há como! — Foi ríspido. — Sabe que terá que falar para Abigail quem você realmente é!

— Eu sei Hoffman, mas preciso de tempo! — Tentava terminar o assunto.

— Não pode esperar Stein! Você pode ser descoberto se alguém o reconhecer, e então? Como vai explicar para a sua noiva que você era um capitão do exército nazista? — O casal havia noivado após a notícia de que Bibi esperava um filho de Stein.

— Eu não sei! — Stein deu um grito e chegou perto do amigo. — Não sei o que pode acontecer se eu contar a ela agora! Como você sabe, ela está esperando um filho meu!

— Então aproveite estas primeiras semanas para contar a Bibi, para que depois ela não se arrependa de ter gerado o filho de um nazista! — Hoffman saiu. Era preciso ser duro com Stein, pois a verdade seria revelada mais cedo ou mais tarde, de uma maneira terrível ou não. Mas, se o próprio Stein a contasse o que ele realmente é (ou o que foi neste caso), tudo poderia ser diferente. Tanto para ela quanto para a vida amorosa de ambos.

Já era noite, por volta das 23h, Stein foi para o quarto junto com Abigail. Sua cara estava um pouco pálida, por dentro ele tremia e seus pensamentos lhe incomodavam ao extremo. Fechou a porta do quarto, Abigail vestiu sua roupa de dormir, mas Stein apenas estava sentado na cama.

— Amor, algum problema? O que aconteceu? Você está tão estranho!

— Nada... bom, sim! — Ele gaguejou. Voltou-se para ela. — Precisamos conversar, *meine brünette!*

— Me diga! O que houve com você para estar assim tão apático?

— Você lembra daquele dia em que nos conhecemos, no restaurante em Southampton? — Ela fez um gesto com a cabeça. — Bom, eu não lhe contei tudo sobre mim!

— Onde quer chegar? Seja direto! — Ela foi ríspida. Seu coração começou a pulsar forte.

— Bom, eu lhe disse que servi ao exército e que fui para a Inglaterra morar com minha mãe até a sua morte, mas eu menti ao dizer que após minha mãe falecer ainda permaneci no país! — Deu um grito. Abigail apenas o escutava. — Eu retornei para a Alemanha e voltei para o exército!

— Por favor, não me diga que... — Foi interrompida subitamente pelo companheiro.

— Sim, eu servi a Hitler! — Ele chorou. — Eu fiz parte da Wehrmacht e fui nomeado capitão pelo próprio Führer! — Ele desabou. Por um momento, silêncio. Bibi não acreditava no que acabara de ouvir.

— Eu não acredito, não acredito que mentiu para mim! — Ela levantou-se da cama e olhou fixamente para Stein.

— Eu sei, eu sei, me desculpa! Por favor me desculpa! — Ele desabou em lágrimas. — Eu me arrependo de tudo o que fiz! Eu estava alienado e quando percebi já era tarde, Hitler havia me tornado um monstro!

— Você matou inocentes! Sabe o que significa isso? — Fez uma pausa. — Não adianta vir com essa desculpa! Agora eu odeio você! Odeio!

Aquela palavra acertou Stein como uma facada que perfurou seu coração, fez sua mente pesar e seus olhos derramarem lágrimas de amargura.

— Por favor, tente entender! Eu desertei! — Ele já estava de pé. — Desertei em combate, ignorei qualquer um que estava a cima de mim! Eu saí para nunca mais voltar, saí em busca de uma nova vida e olha só — Mirou a amada. — Encontrei você e minha vida mudou totalmente! Eu te amo Abigail!

— Chega, para mim chega! — Ela limpou as lágrimas dos olhos. — Pegue suas coisas e saia desta casa! Agora!

— Bibi, por favor... — Foi cortado por ela no mesmo instante.

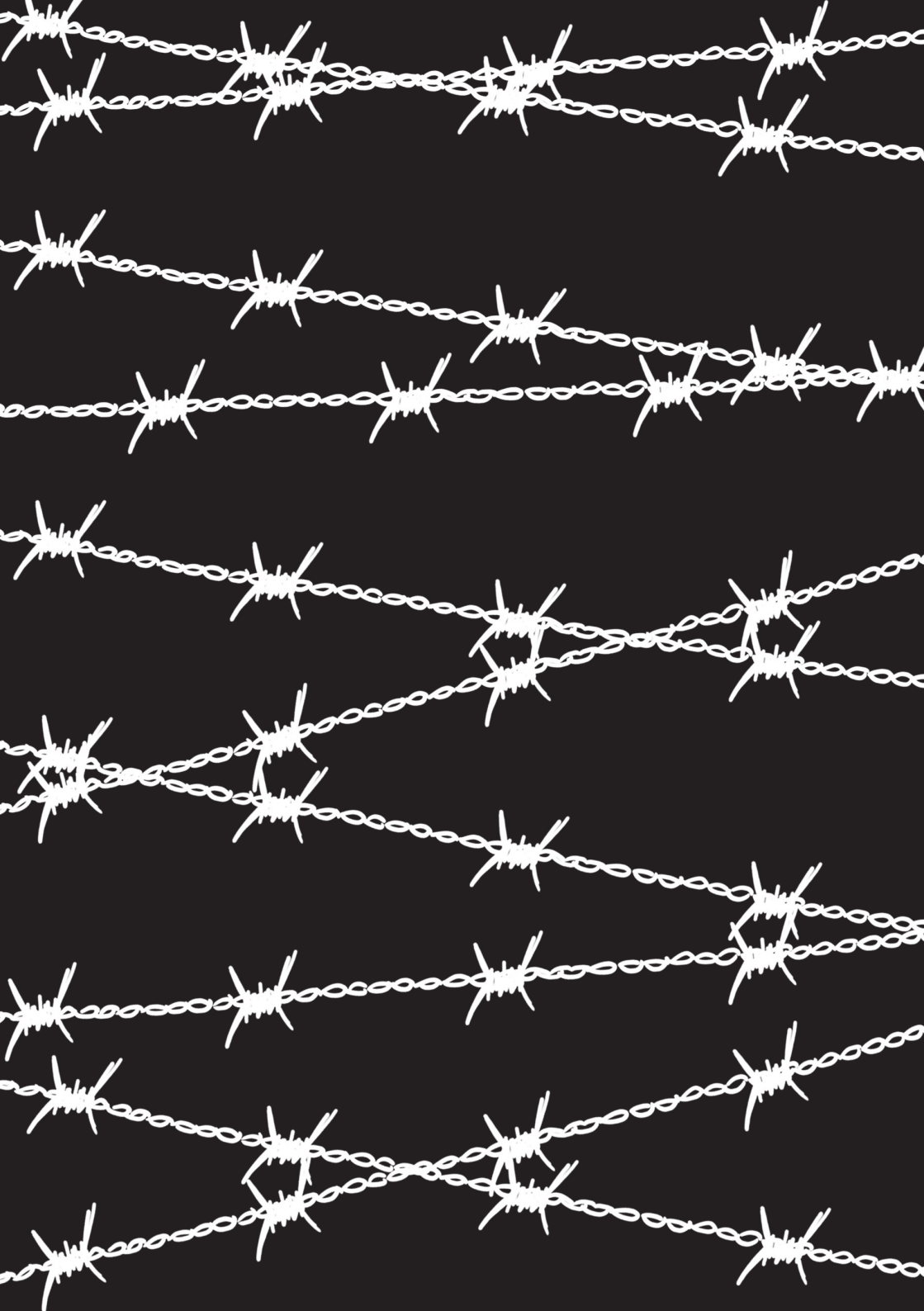
— Ernest, por favor! Saia da minha casa, agora! — Ela não ia voltar atrás.

Ele não teve escolha, arrumou as malas chorando, soluçando, saiu do quarto e chegou na sala. Ali estava Bibi e sua mãe. Hele-

na tivera ouvido toda a discussão e já sabia de tudo, porém não revelou isso a sua filha e muito menos lhe disse sua opinião sobre o que eles haviam discutido e o que Stein havia revelado para a amada. O capitão desertor chegou até a porta de carvalho que dava para a saída do casarão, olhou pela última vez para Abigail que estava com uma aparência rígida, seus olhos azuis estavam vermelhos e estava abraçada a sua mãe.

Embora estivesse firme, cheia de orgulho e demonstrando decepção e raiva, por dentro Abigail chorava e era tomada pela tristeza. Stein saiu chorando, bateu a porta e foi embora do casarão. Em sua cabeça, seus pensamentos o flagelavam, pois era como Hoffman havia dito anteriormente, que ele teria que pagar um alto preço pela verdade que tivera omitido.

No casarão, assim que Stein saiu, Bibi abraçou sua mãe e chorou desesperadamente, ela estava deveras decepcionada com ele, apesar de que aquele homem foi o único a quem ela realmente amou, a quem se entregou, a quem confiou, aquele que cumpriu suas promessas, que a ajudou quando preciso. Bibi então pensou: aquele homem, a quem julgava ser tão honesto e carinhoso matou muitas pessoas, militares e civis. Aquele era o nazista que ela amava.





CAPÍTULO 20: *PARA QUÊ VIVER SE TUDO EU PERDI?*

Depois que Bibi expulsou Stein de sua casa, passaram-se mais duas semanas e junho acabou por chegar. A jovem completou seu primeiro mês de gravidez, Hoffman havia saído do casarão pois havia arranjado um emprego no outro lado da cidade, Mila ainda continuava na casa da amiga e já sabia do que tinha acontecido, porém nada disse a ninguém, a pedido de Bibi. Luísa estava na casa dos parentes em São Paulo, aproveitando enquanto consertavam o navio hospital. Todos iam levando a vida, mas Bibi e Stein ainda sofriam por estarem brigados e longe um do outro.

A jovem morena não sabia onde ele estava e não podia nem imaginar que ele havia se tornado um morador de rua, um beberão torcendo para ser morto. Pelas ruas por onde passava, Stein dizia para todos: — Para quê viver se tudo eu perdi? — Certo dia, por volta das 20h, Stein foi pego em flagrante tentando roubar uma garrafa de uísque de um bar. O rapaz foi preso por dois policiais durões e levado a uma delegacia próxima dali.

— Me soltem! Me soltem! — Clamava Stein bêbado enquanto ia sendo conduzido pelos policiais até a cela daquela delegacia. Abriram-na e jogaram aquele homem feito um zé ninguém no local. A visão do capitão desertor estava turva devido à grande quantidade de bebida que havia ingerido.

Cerca de uma hora depois, Stein acordou assustado com um balde de água fria em cima de si, jogado pelos policiais que caçoavam do rapaz.

— O que aconteceu? Onde estou? — O rapaz questionou.

— Você está preso, seu paspalho! — Um dos policiais, um homem alto de pele branca, com bigode grosso, cabelos escuros e que vestia o uniforme da polícia local lhe falou.

— Como? Porquê? O que eu fiz? Me soltem, por favor!

— Cala a boca seu bêbado imundo! — O outro policial, moreno, de estatura média, corpo esguio e de cara emburrada ordenou a Stein, que por sua vez estava transtornado.

— Foi o Führer que mandou vocês, não é? Me respondam! — Ele bravejou. Em seguida tornou a bravejar, só que em alemão. Os policiais sabiam a quem ele se referia e resolveram questioná-lo.

— Você sabe quem é esse tal de Führer? — Um policial perguntou-lhe cinicamente.

— Claro que sei, eu servi a ele! Mas me arrependo de ter feito parte daquele exército asqueroso! — Ele não percebia a intenção.

— Então você é um nazista?

— Pode-se considerar que eu era um! Eu desertei!

Os policiais não imaginavam tal coisa, não podia ser palhaçada, eles confirmaram, e, a partir daquele momento, ambos começaram a torturar o rapaz em busca de saber algo sobre Hitler e seu exército, a fim de serem promovidos por conseguirem informações tão precisas, já que o Brasil havia declarado guerra com Alemanha no final de 1942.

Foram exatos dois dias de tortura, com pausas para que Stein pudesse se recuperar e comer, já que o rapaz nada lhes falava, apenas balbuciava palavras sem sentido. Era a noite do dia 5 daquele mês, os dois policiais brutamontes iniciaram mais uma seção de

tortura, daquela vez seria mais pesada. Passou-se uma, duas horas e nada de Stein falar.

— Este maldito não falará coisa alguma!

— Podem me matar se quiserem! — Stein declarou já quase sem forças. — Não tenho motivos para viver, perdi tudo o que eu tinha!

— Cale-se! — O policial magrelo deu um soco em Stein que já estava com o corpo roxo, cara inchada e sangrando pela boca.

— Bom, nós não queríamos usar isso, mas você não nos dá escolha! — Os policiais pegaram fios, e começaram a eletrocutar o rapaz que gritava de dor. Ninguém escutava, pois as paredes impediam a passagem do som, as janelas eram de metal e haviam sido fechadas.

De repente, o capitão desertor baixou sua cabeça, sua vista estava embaçada, e quando os dois brutamontes foram dar-lhe outra descarga, Stein ouviu o som de uma porta se abrindo e logo em seguida, dois corpos caindo após duas pancadas. Alguém o havia resgatado. Ele ainda viu vultos que davam a parecer um carro e então, apagou.

Anteriormente, enquanto Stein era torturado, a mãe de Bibi a chamou para conversar aproveitando que não tinha ninguém na casa.

— Minha filha, vou ser direta com você nesta conversa!

— Pode falar minha mãe! — As duas se sentaram no sofá.

— Eu escutei a sua discussão com Stein, escutei absolutamente tudo, mas não quis contar a você porque queria falar no momento certo!

— Porque escondeu isso de mim mãe? Já que você escutou, porque não ficou do meu lado?

— Mas eu estou do seu lado Abigail! — Segurou fortemente

a mão da filha. — Mas também temos que entender o lado de Stein, ele perdeu a mãe, o pai, ficou sozinho nesta vida!

— Como a senhora sabe?

— Ele me contou, mas não disse nada sobre a vida militar como nazista. Descobri naquela noite da discussão!

— Então o que você propõe que eu faça?

— Filha, eu sei, eu sinto que você o ama! — Olhou fixamente para Bibi. — Não deixe que ele sofra mais do já sofreu, Stein, apesar de tudo, ama você! É perceptível o jeito que ele te olha, o jeito que ele te trata!

— Ele me decepcionou mãe! Não é tão fácil assim! E além disso, ele matou pessoas!

— Muitas pessoas matam outras pessoas e são consideradas heróis. Mas ele não é considerado um herói, ele desertou, preferiu seguir uma vida que tenha sentido. Ele é uma pessoa que se arrependeu do que causou! — Fez uma pausa. — Cada um de nós merece uma segunda chance, merece ter perdão, ter amor ao menos uma vez na vida!

— Vou pensar! — Ela era orgulhosa, aquilo fazia parte de sua personalidade.

— Pense bem! Vocês se amam, não deixem que o amor de vocês seja interrompido por nada e nem ninguém!

Stein acordou com o sol batendo na sua cara. Estava deitado numa cama macia, sentia-se dolorido, mas um tanto melhor em relação à antes. Abriu os olhos de uma vez e a visão que teve foi a de um quarto grande e espaçoso, o cheiro de um determinado perfume chamou sua atenção e logo identificou onde estava. O rapaz se sentou, ouviu a porta abrindo, olhou para o lado e deu um sorriso.

— Como se sente?

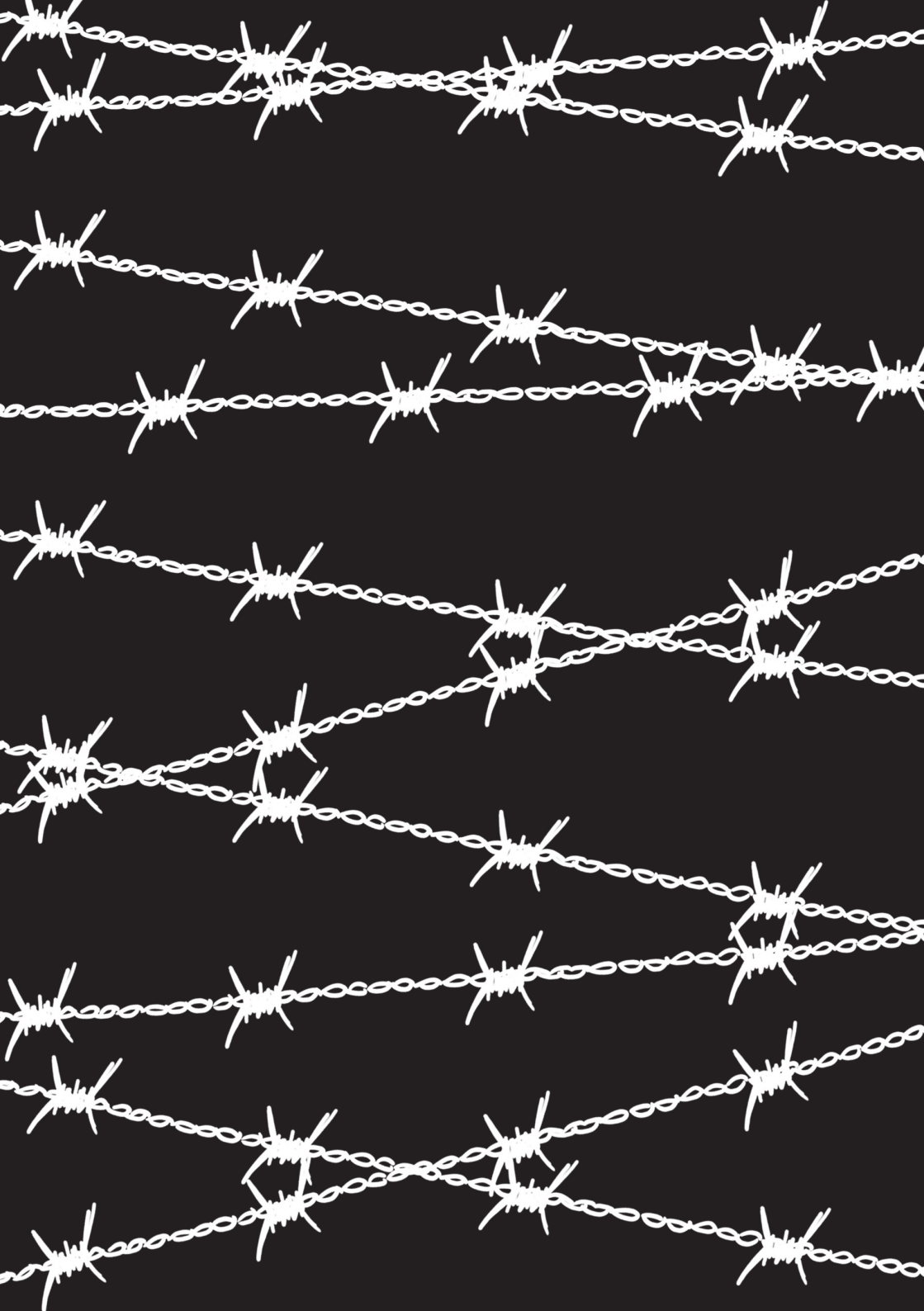
— Estou bem melhor! Estou feliz por estar com você novamente!

— Eu também estou! — Bibi fez uma pausa. — Apesar de tudo, eu não consigo deixar de te amar, e é por isso que estarei sempre com você!

Então, ambos se beijaram e depois ficaram abraçados por um tempo. O amor supera barreiras que nem mesmo os seres humanos podem imaginar ou sequer pensar. Há quem diga que o amor cega, mas na verdade, o amor transforma as pessoas.

— Mas espere! — Ergueu-se um pouco — Como sabia onde eu estava?

— Soube que estava havendo torturas numa delegacia a algumas quadras. Quando ouvi que o torturado talvez fosse um espião nazista, logo descobri que era você. Então, dei um jeito de te tirar daquele lugar, pois percebi que não importa o que aconteça ou o que você seja, porque eu te amo Stein! Meu amor! — Bibi declarou, olhando no fundo dos olhos de seu amado.





CAPÍTULO 21: *FUGA PARA A PAZ*

Depois de salvar corajosamente o amado daquela cadeia, Bibi cuidou dos ferimentos de Stein, que passou dois dias acamado desde que havia retornado para casa. O tempo ia passando e passando, Helena alertou aos dois jovens que tinha visto no jornal uma matéria que falava de um suposto nazista encontrado no Rio de Janeiro. Rapidamente a notícia se espalhou pela cidade, mas foi encoberta pelo governo. Após toda essa balbúrdia, foi ordenado que o tal nazista fosse encontrado e se possível, morto.

Já estavam na metade do mês de julho. Os dois jovens não tinham opção e tiveram que fugir para fora do país.

— Stein, pegou minhas malas? — Bibi gritava para o rapaz, que estava no andar de cima.

— Estou descendo com elas! — Respondeu.

— Vamos, sejam rápidos! — Dona Helena insistia. — Tenham cuidado por favor!

— Nós teremos mãe! Até breve! — Bibi deu um forte abraço na mãe, que a correspondeu. Em seguida, Stein e a senhora se abraçaram e se despediram.

— Escreveremos para a senhora! — O casal avisou, saindo.

O velho carro do pai de Bibi foi usado para que chegassem o mais rápido possível no porto, onde estava o majestoso Aurora, restaurado e imponente. Na embarcação, Mila e Luísa esperavam por eles. Era por volta de 1h da manhã.

— Vamos, depressa! — Luísa os chamou. Ela também já sabia do segredo de Stein. Um carro da polícia se aproximava, pois havia notado tal movimentação esquisita.

A embarcação estava prestes a partir, e uma vez no mar, jamais retornaria. Todos entraram, as portas e escotilhas foram fechadas, o grande navio hospital alertou sua partida com forte buzina. Suas luzes refletiam no mar e então, partiram. Os policiais que conseguiram localizá-los fugindo, ainda gritaram: “parem este navio!”, mas era tarde, o Aurora havia partido. A noite tivera sido longa, e todos foram para os seus dormitórios.

No dia seguinte, o sol fez Stein acordar. Ele levantou-se, vestiu uma roupa simples e foi para o convés do navio. Era cedo e Bibi ainda dormia, Stein não quis acordá-la. O rapaz subiu as escadas, passou pelo Grande Salão e por fim chegou no convés dos botes. Ali, o capitão desertor encostou no corrimão e ficou pensando em sua vida, tudo o que tinha feito, tudo o que podia fazer, tudo o que poderia ter feito. Ele pensou na família, o rosto de seu pai e sua mãe passaram como um vulto em sua mente. Deixou escapar uma lágrima de saudade. Stein pensara agora na família que estava constituindo com Abigail. Um filho, o amor de sua amada e o amor

que ele passou a sentir pela criança, mesmo que ela ainda estivesse no ventre de Bibi. O convés estava vazio naquela hora. De repente, Stein ouviu passos, e quando se voltou para o lado esquerdo observou uma senhora negra, de olhos cansados, cabelos crespos e vestido maltrapilho. Ele ficou assustado, mas foi em direção a ela.

— Bom dia senhora!

— Ah, bom dia meu jovem! O que faz aqui tão cedo? — Aquela senhora tinha uma voz agradável.

— Estava tomando um ar. Tentando espairecer a mente! — Ele se abriu. — Mas, me diga, a senhora também é passageira do navio?

— Eu? Não, meu jovem! — Ela deu uma breve risada. Stein ficou confuso, se ela não era passageira, talvez fosse alguma paciente que já estava no navio antes dele. — Eu as vezes ando por aqui. Procuo ajudar aquelas pessoas que precisam!

— Então a senhora é uma curandeira, conselheira ou algo do tipo?

— Talvez, bom, uma curandeira de sentimentos, assim posamos dizer! — Ela revelou. — Eu notei que você chorava. O que houve?

— Não sei ao certo! — Ele desabou como se estivesse conversando com a própria mãe. — Meus pensamentos fazem pesar minha cabeça! Lembro tudo o que fiz contra pessoas inocentes!

— Sente-se meu jovem! — Ela pediu carinhosamente. Stein atendeu o pedido e sentou naquele banco ao lado da senhora que tinha um cheiro agradável de rosas.

— Eu fiz o mal a muitas pessoas enquanto estive no exército, mas consegui abrir os olhos para o que ocorria ao meu redor! Eu estou completamente arrependido de tudo o que fiz. — Deixou escapar mais lágrimas, mas as limpou com as costas das mãos. —

Eu só quero viver normalmente com a minha família. Não sou mais aquele velho Stein! Eu me arrependo de tudo!

— Oh meu bem, venha aqui! — Ela escorou a cabeça dele em seu colo e começou a fazer carinhos como uma mãe que consola seu filho em meio ao desespero. — Meu querido rapaz, eu o entendo. Sei que já fez muita coisa de ruim nesta vida, mas também fez coisas boas! Você, está arrependido de seus atos, e isto já é um começo! — Ela fez com que ele erguesse a cabeça, fazendo-o olhar e escutar atentamente ao que iria dizer. — Nunca é tarde para se arrepender de tudo o que você fez, mas é necessário ser forte! Exponha o que você fez, não tenha medo, entregue-se, peça perdão! — Ela levantou-se do banco em que estavam sentados.

— Para onde a senhora vai? — Ele perguntou feito um garotinho implorando por colo e carinho.

— Eu devo ir! Afinal, tenho outras pessoas para ajudar! — A senhora levantou-se e tomou o sentido para a direita. Stein ficou paralisado, deu rápido movimento com a cabeça, e quando olhou novamente para pedir aquela gentil senhora por mais um pouco de seus conselhos, ela havia sumido, evaporou-se.

O rapaz ficou confuso, para onde ela havia ido? Não havia porta nenhuma por perto, e mesmo que tivesse, ela não teria como ir tão rápido, pois usava uma bengala e andava um pouco devagar. Stein ficou extasiado com o que ocorrera, mas as palavras da senhorinha negra e gentil o puseram a pensar. Ele ficou em estado de transe por uns dois minutos, até que foi trazido de volta para a realidade por Bibi, que o havia encontrado e chamado para tomar o café da manhã.





CAPÍTULO 22: *VIVENDO COMO BRITÂNICOS*

Era final de julho daquele ano quando o navio aportou em Southampton. Foi uma coisa boa por assim dizer, pois Stein conhecia a cidade e tinha com quem contar para conseguir um emprego mesmo em tempos de guerra. Antes de descer, Bibi já havia falado com o diretor da equipe médica da qual participava e pediu uma licença, já que estava grávida. A licença foi-lhe concedida.

No início de agosto, o casal já morava em um confortável e simples apartamento de onde podia-se observar o rio Itchen, que cortava Southampton. Apesar da cidade ter sofrido pesados bombardeios da Luftwaffe e isto ter danificado sua estrutura, aos poucos iam-se reconstruindo as casas, ruas e comércios do local. A duas ruas de onde moravam, Stein encontrou o seu antigo patrão, para quem havia trabalhado antes de ir para o Brasil com sua amada.

— Bom dia! — Stein entrou na loja.

— Stein? Meu garoto, que bom revelo! — O senhorzinho de cabelos brancos, rosto com sardas, pele enrugada e de baixa estatura lhe cumprimentou.

— Como vai Sr. Thomas? E a loja como tem ido?

— Tudo está indo bem até então! Esta maldita guerra parece que não acaba nunca! — Resmungou. — Estou feliz em ver você novamente!

— Igualmente senhor! — Stein queria chegar onde queria. — O senhor já contratou alguém para lhe ajudar?

— Desde que você se despediu por seus motivos, um outro rapaz ainda trabalhou aqui por um mês e meio, mas teve que ir embora porque ia para Londres com a mãe!

— Então, eu queria saber se... — Foi interrompido pelo senhorzinho simpático.

— Quer voltar a trabalhar aqui? Negócio fechado! — O velho foi mais rápido do que Stein imaginava.

— Era exatamente isso que eu queria! — Ambos deram uma risada e se abraçaram. — Que bom que posso contar com o senhor!

A partir daquele dia, Stein voltou a trabalhar e começou a ajudar sua esposa a cuidar da casa. As horas se transformaram em dias, os dias se transformaram em semanas, as semanas tornaram-se meses. A barriga de Bibi estava cada vez mais à mostra, e as pessoas que a viam pelas ruas parabenizavam pelo filho.

Na noite do primeiro dia de janeiro do ano de 1944, enquanto comemorava o ano novo junto com sua amada e alguns amigos da vizinhança, Stein levou Bibi às pressas para o hospital mais próximo dali. Era por volta de 1h30 da madrugada quando deram entrada na sala de parto.

— Por favor senhor, espere aqui! — Uma enfermeira infor-

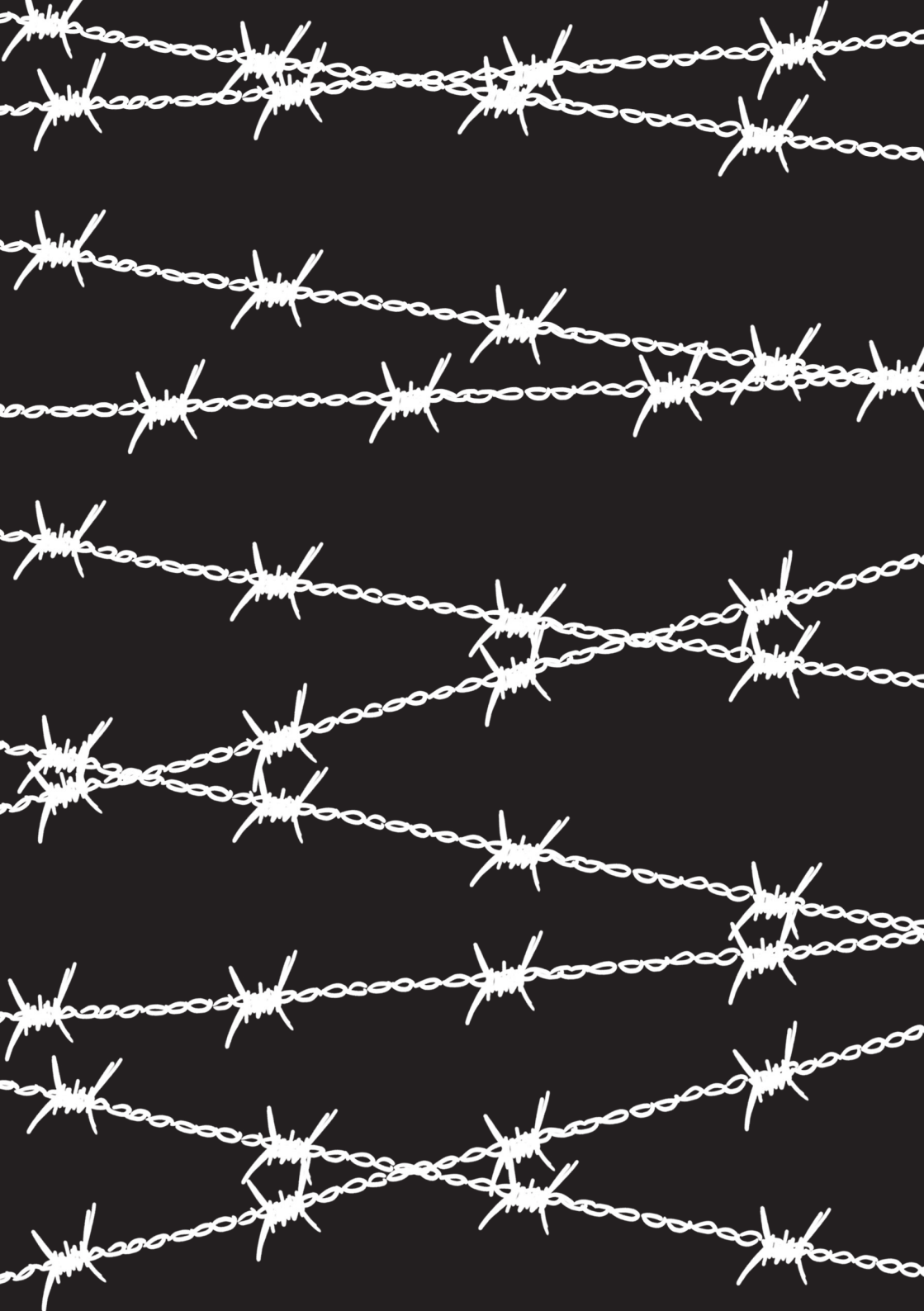
mou a Stein que quase entrava na sala junto com a mulher.

— Mas eu sou o esposo dela! — Ele indagou, mas foi cortado no mesmo instante. Embora ele não estivesse casado com Abigail, denominavam-se marido e mulher.

— Está bem senhor, mas espere aqui! A equipe médica vai cuidar bem dela! — Feito isto, ela saiu.

Stein sentou em uma cadeira de madeira e ficou esperando por notícias. Ele então deu um breve cochilo naquele canto, sentado, esperando ansioso. Seu coração estava cheio de felicidade. Duas horas se passaram e Stein foi despertado pela mesma enfermeira que o tinha impedido de entrar anteriormente. Ansioso, o rapaz a seguiu apressadamente, e entrou na sala de parto onde estava sua amada. Ele se aproximou de Abigail que estava abraçada com a criança. Ela olhou para ele, que chorava de emoção e disse-lhe sorrindo:

— É uma menina!





CAPÍTULO 23: DECISÃO

A primogênita havia finalmente nascido. O casal transbordava de felicidade e fazia mimos com pequenina garotinha, que se alimentava do leite materno. Os três ainda estavam no hospital. Já era de manhã.

— Ela é tão linda! — Stein acariciou a cabeça de sua filha, um lindo bebê de pele morena como a mãe e olhos claros como o pai. — Como vamos chamá-la?

— Ainda não sei! — Bibi admitiu sua incerteza para o nome de sua filha. — O que você acha? — Ela replicou para o amado. Stein ficou silencioso assim como sua amada, mas uma ideia clareou sua mente.

— Vamos chama-la de Helen! O que você acha, *meine brünette*? — Ele sugeriu homenagear a mãe de Bibi.

— Homenagear minha mãe? Gostei muito, meu amor. Mas,

e de sua família? — Abigail o olhou questionando.

— Basta que ela tenha o sobrenome Stein em seu registro!

Quando Bibi foi liberada para retornar para casa, os pais da pequena Helen Bragança Stein providenciaram para a garotinha o maior conforto possível. Stein era o que mais se preocupava, primeiro por ser pai, e segundo por querer passar a maior parte de seu tempo com sua família. O rapaz continuava trabalhando duro na loja do Sr. Thomas. Além disso, fazia bicos para conseguir mais dinheiro, afinal, ele havia constituído uma família e sua companheira ainda não tinha condições de trabalhar por recomendações médicas.

O tempo foi passando, janeiro foi rápido como um relâmpago e fevereiro chegou repentino. Um pequeno aniversário foi improvisado por Bibi e mais duas amigas da vizinhança para a filha dela e de Stein. Os vizinhos vieram e o casal teve uma surpresa ao descobrir que Luísa, Camila e Hoffman foram visitá-los no dia do aniversário de Helen.

— Vocês por aqui? Não acredito! — Bibi cumprimentou suas velhas amigas.

— Velho amigo e companheiro! — Stein deu um forte abraço em Hoffman, como se fosse um reencontro de irmãos que não se viam há muitos anos. O casal apresentou a seus amigos sua menininha, que recebeu muitos carinhos e presentes dos amigos de seus pais.

— A Mila tem novidades, viu gente!? — Lulu adiantou-se com os amigos.

— É mesmo? E o que seria então? — O casal estava curioso. Hoffman e Mila deram as mãos e falaram aos dois:

— Estamos juntos!

O capitão desertor e sua amada ficaram surpresos com a notícia,

pois o novo casal ficava o tempo todo em pé de guerra antes de ficarem juntos. As comemorações continuaram. Bibi apresentou suas amigas de infância para as vizinhas com as quais tinha feito amizade. Já Stein e Hoffman resolveram ir para um sofá pequeno que ficava perto da sacada do apartamento, onde permaneceram conversando.

— E então meu chapa? Como está indo a vida por aqui? — Hoffman já sabia de tudo o que havia acontecido, desde a expulsão de seu amigo da casa de Bibi, até a fuga de ambos para a Europa.

— Na medida do possível! — Stein foi direto. — Estou trabalhando em uma conveniência não muito longe daqui e faço alguns bicos por aí, para arrecadar mais dinheiro!

— Eu entendo! — Hoffman deu um suspiro. Ambos os amigos sabiam muito bem que o Reino Unido estava com sérios problemas devido a guerra, desde os bombardeios em massa feitos pela Luftwaffe, até as tentativas de invasão pelo Canal da Mancha ordenadas pelo Führer.

— Caro amigo, preciso falar-lhe uma coisa! — O capitão pediu gentilmente, seu timbre de voz era manso. Percebendo isto, Hoffman lhe disse:

— Sou todo ouvidos meu chapa!

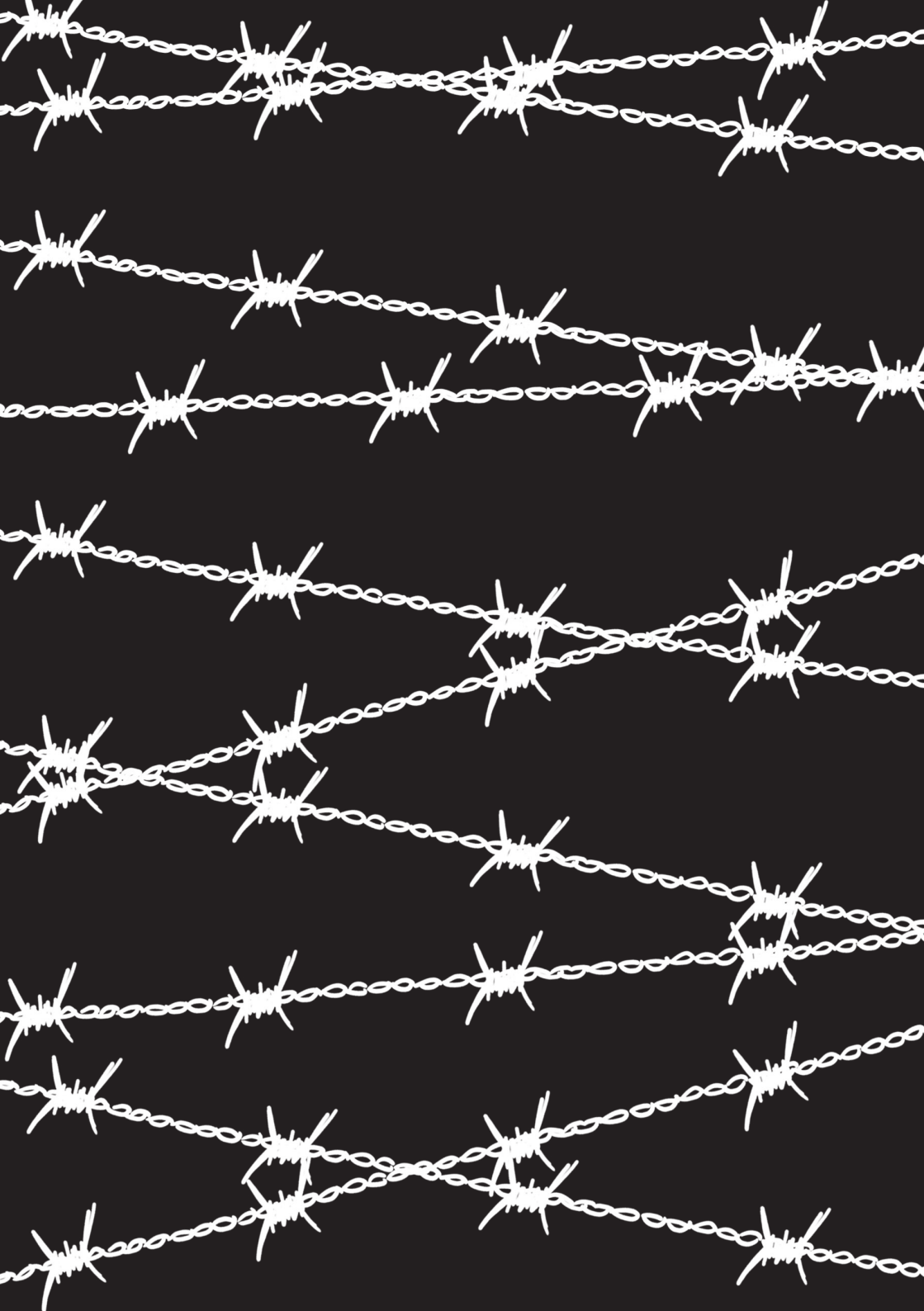
— Algumas coisas aconteceram comigo e que me fizeram pensar muito ao longo destes meses!

— Então diga-me, o que foi que aconteceu para deixar você tão pensativo e tenso como agora? — Esta, com certeza, não era a primeira vez que Stein estava tenso daquela forma.

— Talvez isso não faça tanto sentido para você, mas só sei que posso apenas dizer-lhe uma coisa... — Foi interrompido subitamente.

— Tudo bem que seja, mas conta logo! — Hoffman não aguentava mais tanto suspense.

— Eu tomei uma decisão, velho amigo, e eu escolhi me redimir dos meus erros e pecados enquanto ainda há tempo!





CAPÍTULO 24: OS CAMINHOS DA VIDA

Depois de desabafar com o amigo, Stein ainda ficou por um mês pensando seriamente em sua decisão. Durante este tempo, Bibi reparou que seu comportamento ficara estranho, porém não lhe disse nada. Certo dia, no início do mês de março, Stein ficou estranho e estava sendo frio com sua companheira. Ela não aguentou e o abordou quando ele chegou em casa após o trabalho.

— O que está acontecendo com você? Porque está tão esquisito?

— Não é nada, *meine brünette!* — Ele deu um beijo na testa de sua amada, e, ao tentar evitá-la, foi impedido.

— Porque você está me evitando Ernest? — Seu tom mudara. — Está esquisito há algum tempo, vivo te perguntando se está tudo bem e sempre você se esquivava de mim! — Ela tinha razão, Stein já não era mais o mesmo. Mesmo sabendo que tal coisa jamais aconteceria, Abigail ousou perguntar: — Você está saindo com outra?

— Não, Abigail! — Ele ficou com a cara vermelha. Não acreditava no que estava ouvindo. — Você está duvidando da minha lealdade? Não acredito nisso! — Ele resmungou palavras em alemão e deixou escapar algumas lágrimas. Não aguentou, ele não queria brigar, e então foi para o quarto.

A morena ficou sentida, viu que o que tinha feito não foi uma boa atitude. Ela bem sabia o quanto ele a amava e ela a ele, e como pode ser tão incrédula a este ponto?

Depois de colocar Helen para dormir, Bibi foi para o quarto onde estava seu marido, que ainda estava acordado. Ela fingiu que não estava olhando para ele, e então percebeu que Stein estava chorando. Abigail nunca o tinha visto assim, desde que o colocou para fora de casa quando estavam no Brasil. Ela se deitou ao lado do marido, que fingiu estar dormindo. Carinhosamente, ela começou a alisar o cabelo de seu companheiro, ergueu-se um pouco para cima dele e sussurrou em seu ouvido:

— Eu sei que não estava dormindo! — Stein não pode evitar, mas ainda tentou mentir.

— Você acabou de me acordar!

— Você estava chorando, eu percebi! — Aquelas palavras derrubaram a mentira do capitão, e ele se voltou para ela.

— Chorando? Eu estava dormindo! — Ele tornou a insistir no que tinha dito.

— Você é um péssimo mentiroso, sabia? Eu notei seu travesseiro um pouco molhado, seu gemido de choro baixinho, e eu conheço muito bem o homem pelo qual me apaixonei! — Eles se abraçaram e se beijaram. Após isso, a enfermeira tornou a falar, mas de forma carinhosa. — O que aconteceu meu bem? Você está tão esquisito esses dias? — Ela acariciava a barba loira do rapaz.

— Ainda vai duvidar de minha lealdade?

— Me desculpe por isso, eu fui dura com você! — Ela pediu com sinceridade.

— Tudo bem! — Ele acariciou os cabelos negros e cacheados de sua amada. — Eu tenho que te contar algo, não sabia como dizer-te, daí fiquei assim meio esquisito!

— Então conte, por favor, não faça suspense! — Bibi implorou. A moça agora ficava cada vez mais preocupada.

— Bom, algo me fez repensar em tudo o que fiz, algo me fez enxergar uma luz no fim do túnel. E cheguei a uma conclusão! — Stein pensou na senhorinha que o acolheu no navio quando estava fugindo do Brasil.

— O que foi? O que foi esse “algo”? — Bibi perguntava incansavelmente.

— Isto agora não importa, apenas sei que tomei uma decisão muito importante, e que talvez mude o nosso destino! — A garota ficou com a garganta seca. Calou-se por alguns segundos. Deu um goto seco. Tornou a falar.

— Que decisão foi essa, Stein?

— Eu vou redimir os meus erros, meus pecados, todo o mal que eu fiz a pessoas inocentes! — Uma lágrima escapou de seu olho. — Vou implorar pelo perdão aos Aliados pelo que fiz, por meus crimes! Vou me entregar!

Naquele momento, Bibi não aguentou, desabou em lágrimas. Para ela aquilo era uma notícia esplendida, mas ao mesmo tempo dolorosa. Seu amado poderia receber o tal perdão ou então morrer no mesmo instante. Aquilo era conflitante em seu coração.

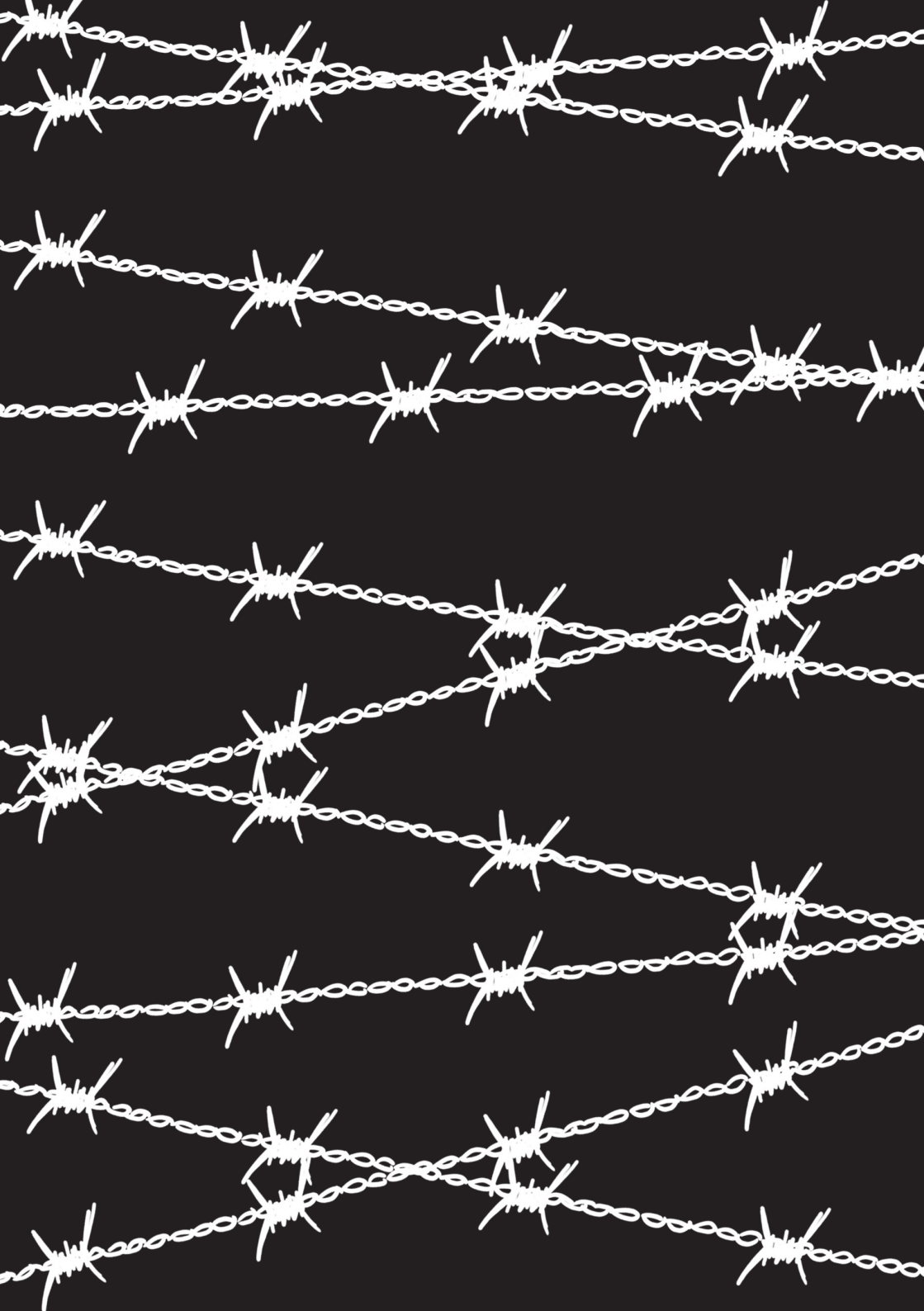
— Mas como você fará isso? — Ela questionou. Seus olhos azuis transbordavam em lágrimas de alegria e temor ao mesmo tempo.

— Eu pretendo ir até o rei, suplicar o perdão dele! Ainda não sei como, mas tenho que dar um jeito de falar com ele! — Talvez aquilo fosse impossível de se conseguir.

— Não sei nem o que te dizer! — Ela não estava preparada para aquilo. — Apenas me abrace, por favor! — Um silêncio se fez entre os dois, até que ele foi quebrado por Bibi — Não nos deixe!

— Ei, ei, não fica assim! — Ele olhou para a mulher que amava, enxugou suas lágrimas e segurou seu rosto. — Vai dar tudo certo, está bem? Confie em mim! — Ele implorou, e logo em seguida a entrelaçou com seus braços. Estavam juntos, o amor dos dois já havia superado muita coisa, e embora aquela situação fosse deveras complicada, eles tinham fé e esperança.

Enquanto estava abraçada com Stein, a morena recordou do velhinho que há algum tempo lhe deu uma palavra amiga e que sumiu misteriosamente, mas deixando suas palavras cravadas na mente e no coração da jovem: “Deixe-se levar pelos caminhos que Deus impuser sobre sua vida!”.





CAPÍTULO 25: *RUMO A LONDRES OU À MORTE?*

Londres, 10 de março de 1944.

Depois da conversa com sua companheira, passaram-se dois dias. Stein estava realmente decidido a ir até Londres e pedir perdão ao Rei Jorge VI, que havia ascendido ao trono devido a abdicação de seu irmão o Rei Eduardo VIII. Era por volta das 7h da manhã quando Stein chegou na estação de trem de Southampton. Na sua passagem dizia que o transporte que deveria pegar sairia às 7h20. Ele embarcou e sentou-se num lugar que ficava escorado na janela do lado direito. O rapaz acenou para a sua amada do lado de fora junto com sua filha, para elas, Bibi fez o mesmo e, pegando a mão de sua garotinha, fez um tchauzinho para o pai.

O trem soou um barulho, era a sua buzina, e deu a partida

rumo a Londres, a capital do Reino Unido da Grã-Bretanha. Durante a viagem, o capitão desertor observava a paisagem por onde passava, olhava as casas no campo aberto, os campos, as árvores, os animais e toda a natureza que encantava e enaltecia a paisagem britânica. Ele recordou das coisas boas pelas quais passou, lembrou de seus pais, de sua infância feliz, lembrou de Bibi, seu grande amor, de sua pequena Helen, por quem se apaixonou, e, por último, pensou nos amigos, seus inseparáveis amigos, verdadeiros irmãos que ele jamais tivera. Stein encostou seu rosto na janela, deu um sorriso e adormeceu.

Algumas horas se passaram, e de repente um barulho. O rapaz despertou, era o sinal de chegada em Londres. Ele pegou sua maleta, saiu do trem, conseguiu um taxi e o pediu que o levasse até o Palácio de Buckingham.

— O senhor é turista? — O simpático motorista perguntou puxando assunto.

— Sim! — Stein confirmou. — Sempre quis conhecer a residência oficial dos grandes reis do Reino Unido!

— Boa sorte então! — O motorista olhou torto.

— Ora, porque? Alguma coisa aconteceu? — O rapaz se fez de desentendido apenas para prolongar a conversa, pois sabia o que estava acontecendo em Londres.

— Você lê jornal meu jovem? Deveria saber que aqui em Londres sofremos com os bombardeios destes malditos nazistas!

— Oh sim, claro que soube! Um bando de medíocres! — Stein exclamou.

Passou-se pouco mais de meia hora enquanto ambos conversavam.

— Chagamos meu jovem! — O motorista informou-lhe.

— Ah, obrigado! — Stein pagou-lhe e saltou do carro. — Fi-

que com o troco, está bem?

Finalmente ele havia chegado até o local, observou a frente do palácio real britânico. Ele não sabia como, mas tinha que ser levado até o rei o mais depressa possível. De repente, ele observou uma figura passando, indo em direção à porta de entrada do palácio, e então ele pensou: “essa é a minha única chance!”. Ele correu até os portões, passou pelos guardas e começou a gritar:

— Majestade, Majestade, por favor! — Os gritos se intensificaram. — Eu tenho que falar com o senhor urgentemente! — Os guardas começaram a puxar Stein, tentando jogá-lo na rua.

— Quem é este homem? — O rei britânico questionou a um de seus empregados que o acompanhava.

— Não faça a mínima ideia, Vossa Majestade, mas deve ser um maluco! — Respondeu o empregado.

— Majestade, escute, por favor! — Stein clamava. A confusão começou a chamar a atenção do povo que passava por ali.

— O que queres, rapaz? — O rei perguntou.

— Quero falar com o senhor! Quero pedir o teu perdão! — Ele berrava.

— Meu perdão? Porque o queres? O que fizestes?

— Eu sou um nazista, um capitão desertor! Sou um maldito que se arrependeu! — E gritou com força insistindo: — Eu fui um maldito nazista!

— Não lhe dê atenção, Majestade! — O empregado sussurrou ao monarca.

— Cale-se rapaz! Por favor, agora sou eu que peço! — O empregado que acompanhava Jorge VI assustou com o que o rei decidiu fazer. — Guardas, tragam-no até mim! — O rei então, adentrou o palácio onde ficou esperando pelo rapaz no seu gabinete.

Alguns minutos depois, os guardas trouxeram Stein algema-

do até o encontro com o rei Jorge, que o esperava sentado em sua cadeira.

— Esperem lá fora! — O rei ordenou. Os dois guardas saíram e fecharam as portas do escritório. — Você gritou lá fora, fez o maior escândalo só para poder falar comigo. O que você quer?

— Majestade, eu precisava falar com o senhor! — Deu um grito. Ele estava muito nervoso. — Eu confirmo o que disse no portão, eu fui um nazista!

— Ora rapaz, não venha com essa história!

— Mas estou falando a verdade! — Stein insistiu.

— Como é seu nome?

— Ernest Von Stein! — O rei parou por um instante. E fez-lhe outra pergunta.

— Carreira militar, você tem?

— Sim, senhor! Fui condecorado como um capitão dos exércitos da Wehrmacht, pelo próprio Hitler! — E acrescentou: — Fiquei conhecido como “O Grande Capitão Stein”. — O rei paralisou. Ele ainda pensou em chamar os guardas ou até matá-lo. — Sei no que o senhor está pensando!

— Meu Deus! Isto o que você diz soa como verdade, mas não comprova nada! — Stein então, tirou sua insígnia de capitão que havia guardado, mesmo que estivesse tentado esquecer tudo o que aconteceu com ele. O rei ficou perplexo e sentou-se em sua cadeira. — Não posso acreditar, é você mesmo?

— Em carne e osso, Majestade! — Fez uma pausa. — Mas o que está diante do senhor não é o terrível capitão a quem ouviste falar, e sim um homem que deseja se redimir dos seus pecados, erros e culpas!

Houve um breve silêncio naquele momento. O rei Jorge estava pasmo com o que acabara de acontecer diante de seus olhos.

O monarca, apesar de tudo, tinha Stein em suas mãos, e podia torturá-lo, prendê-lo ou até matá-lo, mas ele ouviu o que o capitão desertor queria falar.

— Então, já que não é mais do exército de Hitler, o que você quer?

— Quero me redimir, senhor, como eu já disse. Eu quero o teu perdão, ou ao menos a sua misericórdia!

— Sabes que não é tão fácil assim! Você cometeu crimes de guerra, e isto é gravíssimo! — Alertou o monarca.

— Eu bem sei, Majestade, mas estou pronto para arcar com as consequências. Não importa quais sejam! — Ele foi direto.

— Vejo que você tem algo que o dá forças. O que seria? Vingança? Remorso?

— Não! Família, amor e esperança! — O rei se surpreendeu. E fez-lhe uma proposta.

— Supondo que eu não o mande para a morte ou para ser torturado, você estaria disposto a lutar ao lado dos Aliados? — Stein viu aquilo como uma oportunidade, e era justamente isso que queria.

— Sim, meu senhor! Seria uma honra, mas desde já não quero honrarias! — O rapaz pediu.

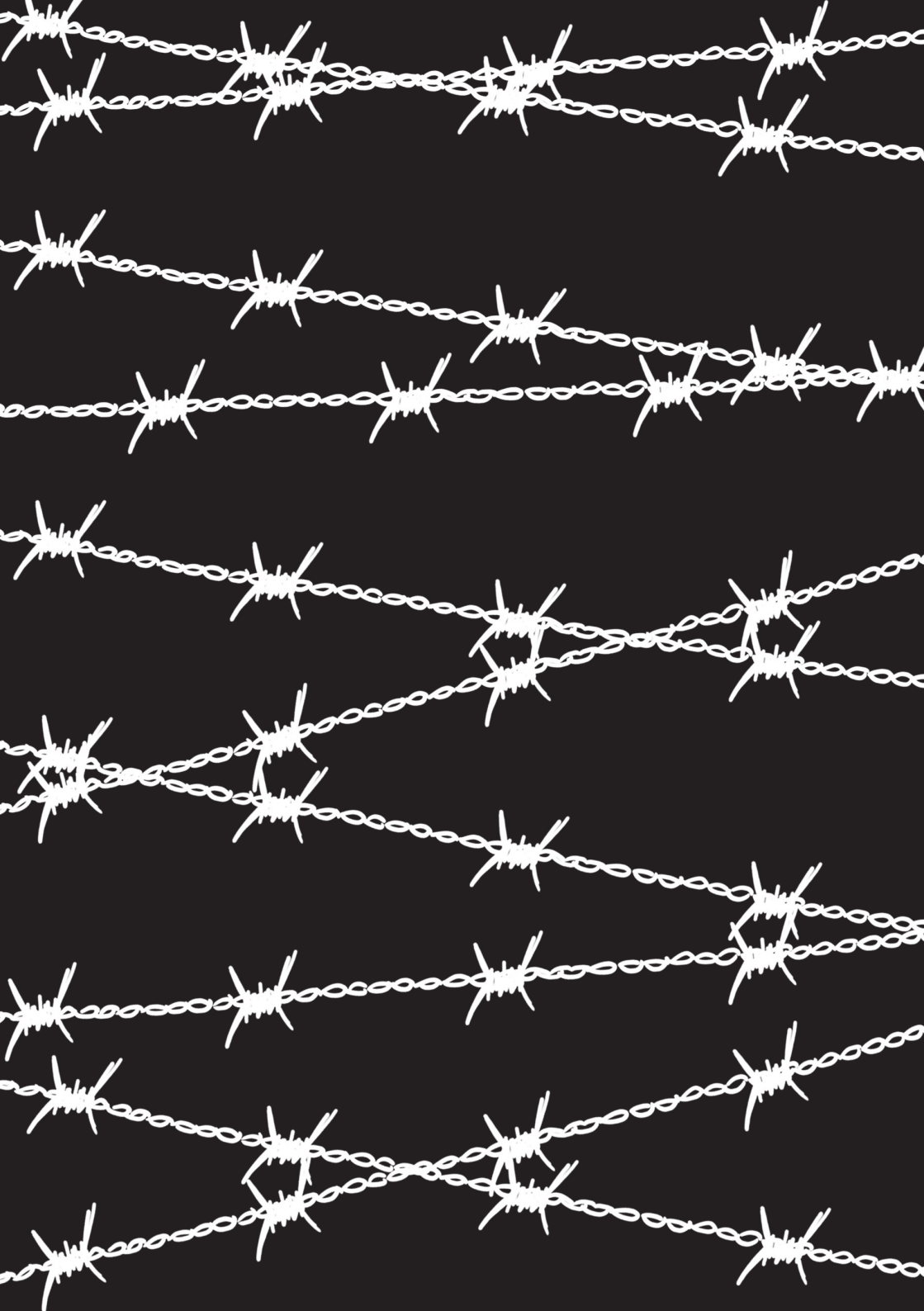
— Então negócio fechado! — O monarca estendeu sua mão ao rapaz, que a apertou mesmo com as algemas.

Depois daquele momento, Stein tornou-se, como ele mesmo pediu, um simples soldado, e foi enviado ao exército para iniciar os treinamentos, pois o rapaz havia sido designado para as tropas que seriam enviadas no grande plano de invasão pelo mar que estava sendo idealizada pelos Aliados, que ficou conhecida como a Operação Overlord.

Dois dias depois de ter conseguido o que queria, Stein mandou um bilhete para sua amada:

“Consegui falar com o rei, meine brünette. Vou lutar junto com os Aliados, mas o rei me deixou claro que assim que findar esta guerra, eu terei que passar alguns anos encarcerado pagando pelo que fiz... pelo menos, me livrei da morte!”

Stein.





CAPÍTULO 26: *DE VOLTA PARA O MAR*

Quando recebeu o bilhete de seu companheiro, no dia 13 daquele mês, Abigail logo procurou ter contato com seus conhecidos do navio hospital Aurora, mandando uma carta para o diretor da ala médica, o Dr. Silveira.

Passaram-se sete dias depois do envio da carta, mas ela não teve resposta. Durante a semana, Bibi avisou ao Sr. Thomas sobre o ocorrido.

— Sr. Thomas? — Disse a moça entrando na aconchegante e pequena mercearia junto com sua filha.

— Abigail? O que está fazendo aqui? — Ele perguntou.

— Vim avisar ao senhor sobre Stein! — Ela foi direta.

— Stein? O que houve com ele? Faz mais de uma semana que ele não aparece para trabalhar! — O senhorzinho se preocupou.

O carinho que Thomas tinha pelo rapaz era muito grande e o considerava como um filho.

— Ele teve que ser chamado para fazer parte do exército!
— Ela lhe disse. O casal omitia para os seus conhecidos em Southampton a real origem de Stein.

— É mesmo? — Thomas arregalou os olhos. — Bom, tomara que ele volte para nós! — Ele falou com um carinho paternal.

— Ele vai voltar sim, se Deus quiser! — Ela fez um gesto com as mãos. — Mas terei que voltar para o Aurora, vou voltar a trabalhar. Não posso ficar aqui esperando por ele!

— Ele diria o mesmo para você se estivesse aqui!

— Sim, além do mais, temos uma filha linda e devemos dar a ela todo o amor, carinho e cuidado que existe! — Ela olhou para a sua filhinha que estava sentada em um balcão de madeira ao lado da moça.

— Está bem, Abigail, obrigado por ter vindo me avisar! Rezarei por vocês! — O velhinho demonstrou apoio e carinho. A enfermeira e o senhor se abraçaram. — Agora vá, minha cara, tem muito o que fazer! — E assim, ela foi embora.

Por volta de 22 de março, uma carta chegou para Bibi. Era umas 16h horas da tarde quando a morena pegou a carta na caixa de correspondência e foi de imediato para seu apartamento. Ela entrou, sentou no sofá, abriu a carta e a leu. Após isto, alegrou-se, pois o diretor havia deixado que ela voltasse para o serviço e permitiu que a sua pequenina Helen fosse junto.

De repente, a campainha tocou, a moça foi atender sua porta e se deparou com sua vizinha Catherine Monroe que adentrou sua casa. Ambas eram muito amigas e costumavam tomar um chá da tarde, conversar sobre o dia a dia e a força das mulheres e sua importância para a sociedade.

— Oi querida! — Catherine abriu um sorriso assim que Bibi

a atendeu.

— Oi Cathy! — Bibi a cumprimentou e fez um gesto para que ela entrasse. — Entra por favor! — A moça entrou e sentou-se numa poltrona de cor marrom claro que ficava na sala junto com um sofá confortável de cor bege que dava lugar para três pessoas.

— E então? Como está indo a vida? Soube que estava um tanto ocupada esses dias! — Cathy começou a conversa.

— Sim, de uns dias para cá estava um tanto agitada, até porque Stein foi chamado para o exército. — Bibi sentou-se no sofá de frente para a amiga.

— Sério? Tomara que dê tudo certo! — Ela a olhou dando apoio. — Porque não me disse antes?

— Ah, eu estava agitada esses dias, como eu já te disse, então... — Procurou as palavras. — Não dava tempo de ficar conversando muito.

— Eu entendo! — Catherine, então, mirou nas malas que estavam encostadas na porta do quarto da amiga. — Para onde vai?

— Lembra daquele trabalho que eu tinha no navio hospital?

— Ah sim, lembro! Você vai voltar para o Aurora?

— Sim, vou ter que voltar! Com Stein fora, não tenho com quem deixar a Helen se eu arrumar um emprego!

— Ora, a deixe comigo! — Cathy se ofereceu.

— Mas você não já tem trabalho de mais com os seus filhos? — Ela a olhou bem.

— Ah, não se preocupe, mais um não seria problema ainda mais esse doce de menina que é a Helen! — A moça de olhos castanhos, pele branca, cabelos ruivos e que usava uma blusa branca de manga curta e saia verde, olhou para a filha de sua amiga que estava dormindo no berço que Bibi havia colocado na sala.

— Não Catherine, é melhor não! — Bibi se levantou. —

Você já tem trabalho demais e eu não quero incomodar!

— O que é isso minha amiga? Por favor aceite minha oferta.

— Cathy insistiu. A morena, então, tirou a carta do bolso de sua saia vermelha e mostrou-a a amiga. — O que é isso?

— Essa foi a carta que recebi do diretor da ala médica do Aurora permitindo que eu levasse a Helen e deixando que eu voltasse a trabalhar, já que eu estava cuidando de minha mãe e, logo depois, fiquei grávida.

— Então, você vai embora? — Ela não acreditava. — Porque Bibi? Fique conosco!

— Não dá minha amiga, preciso fazer isso pela Helen, e por mim também! — A morena pegou nas mãos da amiga. — Acredite, no navio, eu e a Helen estaremos seguras e seremos muito bem cuidadas.

— Tem certeza?

— Claro que tenho! Vem aqui! — As amigas se abraçaram.

As duas se entenderam e cerca de três dias depois, Bibi partiu acompanhada por Luísa e Camila que vieram buscá-la a pedido do Dr. Silveira. Antes de partir, um bilhete foi enviado para Stein:

“Querido Stein, eu recebi seu bilhete, mas não o respondi porque tive que fazer uma decisão. Eu vou voltar para o Aurora e levarei a Helen comigo, onde ficaremos seguras e bem. Decidi isso porque seria a melhor coisa a se fazer para nossa menina. Espero que entenda.”

Bibi





CAPÍTULO 27: *NOS VEMOS EM BREVE*

Porto de Southampton, 4 de junho de 1944.

Faltava pouco mais de um dia para que a maior operação de invasão naval já registrada fosse posta em prática pelos Aliados. A conhecida Operação Overlord, ou simplesmente o Dia D, já vinha sendo arquitetada fazia um ano, e estava prestes a decidir o futuro da Europa que estava sob o domínio e influência dos nazistas e seus aliados desde o início da maior guerra que o mundo conheceu.

Os nazistas esperavam que os Aliados fizessem uma invasão pelo Canal da Mancha, porém eles não sabiam quando nem onde tal operação ocorreria. Assim sendo, foram construídas várias fortificações de defesa desde a fronteira franco-espanhola até o norte da Noruega, pois os alemães sabiam que uma invasão aliada

proveniente do Reino Unido era inevitável. Tais defesas ficaram conhecida como a “Muralha do Atlântico”.

Durante os últimos meses, antes da operação ser executada, Stein foi selecionado para lutar na 50ª Divisão de Infantaria do XXX Corpo de Exército comandado pelo Tenente-General Gerard Bucknall. O rapaz participou de treinamentos junto com os demais soldados britânicos que lutariam bravamente no dia da invasão, marcada para o dia 6 de junho de 1944. Enquanto isso, sua amada Bibi estava no Aurora, que viajava para alguns lugares que necessitavam de auxílio médico, mas, a pedido do próprio Comandante Bucknall, o navio hospital foi selecionado para dar apoio às tropas que britânicas localizadas no porto de Southampton, de onde iriam partir rumo à Normandia.

Era noite, 20h. Bibi havia chegado finalmente em Southampton novamente, a cidade onde viveu por sete meses. Naquela noite, os funcionários do Aurora foram dispensados para relaxar um pouco para o grande dia que ia vir.

— Meninas, conheço um barzinho aqui perto, querem ir lá?
— Abigail perguntou às suas duas amigas. Embora estivesse com Helen esse tempo todo, uma moça chamada Leonor Pires ficava cuidando da bebê enquanto Bibi estivesse ocupada. Tal moça era uma conhecida muito querida da amada de Stein e suas amigas, e trabalhava no navio como assistente.

— Adoraríamos, não é Lulu? — Mila falou bem espontânea.

— Mas é claro! — Respondeu a garota. O trio riu, e seguiu para o tal bar que Abigail descreveu.

O local era bem rústico, mas muito agradável, sua fachada continha cores de tons escuros e detalhes vermelhos, sua porta de entrada era feita de carvalho com uma vidraça onde tinha uma plaquinha de “aberto” e “fechado”. As mulheres entraram e vi-

ram que o bar estava com um bom número de pessoas, dentre estas, soldados, algumas garotas da noite e moças que puderam observar que eram namoradas de alguns dos rapazes que estavam ali.

Elas se escoraram no balcão e pediram uma bebida. No interior do estabelecimento, as paredes tinham uma cor marrom um pouco claro e um chão xadrez. Nas paredes observava-se uísques, chopes, cervejas e outras bebidas que estavam sendo sustentadas por estantes de madeira. Uns 20 minutos depois de chegarem, mais algumas pessoas adentraram no bar chamado Port's Whiskey. Um rapaz, então, esbarrou em Bibi e a fez derramar um pouco de sua bebida.

— Ô, toma cuidado aí moço! — A moça bravejou e olhou para trás.

— Me desculpe, moça! Perdão! — O rapaz falava em inglês assim como ela e se voltou para trás para cumprimentá-la e pedir as devidas desculpas. Foi uma grande surpresa. — Bibi?

— Stein? — Um abraço e um beijo foram instantâneos entre os dois. Ambos pensaram que só se veriam no findar daquela maldita guerra.

— Eu não acredito! — Lulu indagou surpresa com aquele momento tão inesperado. — Tudo bem Stein? Como você vai?

— Estou indo bem, obrigado. E vocês, como estão?

— Estamos bem também e contentes ao revê-lo antes de partir! — Mila respondeu. — Vamos deixá-los a sós! — Ela pegou na mão de Luísa e foram para um outro balcão um pouco menor, onde se sentaram em banquinhos de madeira e ficaram conversando.

— Pensei que só ia te ver depois disso tudo — Bibi deu-lhe outro abraço. — Fiquei tão preocupada!

— Tudo bem, *meine brünette*, agora estamos aqui, juntos!
 — Uma música suave começou a tocar. Alguns casais começaram a dançar em um espaço não muito grande no meio daquele rústico barzinho.

— Me concede está dança milady? — Ele pegou na mão dela gentilmente e a chamou, dando um sorriso.

— Mas é claro, gentil senhor! — Abigail entrou na brincadeira e começaram a dançar agarrados e bem lentamente, seguindo o ritmo da música. Passaram-se 15 minutos sem que dessem uma única palavra. Eles apenas queriam estar abraçados e dançando.

— Lembra-se do nosso primeiro encontro? — Ela o olhou finalmente, quebrando o silêncio.

— Ah, e como me lembro! Foi um dos meus dias mais felizes!
 — Stein respondeu com sinceridade. Bibi o presenteou com um lindo e sincero sorriso.

— Você acha que vai demorar muito?

— Oras, demorar para quê?

— Para nos vermos de novo! — Ela deu um grito. — Digo, para ficarmos juntos novamente!

— Eu espero que não! — Ele a olhou fixamente e lhe disse:
 — Se eu durar nesta guerra, se eu sobreviver a tudo que vamos passar ainda, sabendo que nada será fácil... — Alisou o cabelo da amada e em seguida seu rosto. — Você e nossa menina serão a minha única motivação para permanecer vivo e chegar vivo para vê-las de novo!

Sem querer, ela deixou escapar algumas lágrimas de seu rosto. Ele as limpou e a morena indagou:

— Estas lágrimas que você limpou eram de amor, alegria e saudades! — Pegou no rosto branco dele e olhou os seus olhos azuis e brilhantes. — Eu nunca me apaixonei por homem algum

do jeito que me apaixonei por você, Stein. Isso eu tenho que admitir, eu era torrona. — Ambos deram uma breve risada. — Mas você, apesar de tudo o que passamos juntos, é a pessoa com quem quero passar o resto da minha vida. E mais, tenho certeza que a nossa filha vai se orgulhar dos pais que tem e vai dizer: “Meu pai foi a única pessoa que conseguiu o amor e carinho da minha mãe torrona!” — Eles riram novamente e se aproximaram um do outro.

— Eu te amo! — Ambos falaram ao mesmo tempo um para o outro. Por fim, encostaram seus lábios e se beijaram de forma tão profunda que os demais que estavam ao lado pareciam ter sumido para o dois, desaparecido totalmente, e somente a música era ouvida pelo casal.

Depois de tudo aquilo, eles ainda se divertiram e passaram a noite juntos. Quando deu perto das 22h30, Stein foi deixar sua amada no navio e a mesma o avisou de que Helen estava junto com ela a bordo e assim ele foi vê-la. As duas amigas, Lulu e Mila, já tinham retornado à embarcação meia hora antes deles.

A garota levou o rapaz até o seu quarto, onde a bebê estava dormindo. Ali, ele se despediu de sua filha e matou sua saudade, pegando-a nos braços, dando-lhe vários beijos nas bochechas e fazendo mimos. Logo depois, ele deu um forte abraço em Bibi, que retribuiu com um beijo. Eles se despediram naquela noite, esperando ansiosamente o momento de se verem novamente.





CAPÍTULO 28: *LEVE-A E A PROTEJA-A*

Amanheceu, o grande momento já estava chegando e não iria tardar. Naquela manhã, apesar de ter se despedido de sua família, Stein ainda estava no porto assim como o navio hospital em que Bibi trabalhava. Ele tinha algo para entregar a ela, mas devido à preparação de seu esquadrão, talvez o rapaz não tivesse tempo para ter com a amada. No Aurora, Camila estava com suas amigas na ala médica conferindo os equipamentos e arrumando os leitos.

— Senhorita Camila Almeida? — Era o Dr. Silveira, diretor da ala médica.

— Pois não, doutor! — Ela voltou-se para o senhor meio careca de jaleco branco, camisa listrada, calças marrons e sapatos simples.

— A senhorita foi solicitada junto com mais uma equipe de dez pessoas para auxiliar no navio hospital Vargas! — Ele a olhou fixamente.

— Eu? Mas, qual é o destino? — A garota estava deveras surpresa com tal ordem.

— Deverão auxiliar no mar mediterrâneo, mas irão primeiro ao Brasil para buscar os equipamentos que serão utilizados! — O doutor olhou para as duas amigas de Mila. — Vocês duas permanecerão no Aurora. Por enquanto é isso! — Ele já estava indo embora quando foi chamado novamente pela enfermeira.

— Quando será o embarque?

— Hoje às 16h! — Respondeu enquanto saía do local.

Depois da notícia, Mila sentou-se em uma das camas. Tinha uma cara de preocupação, até que suas companheiras inseparáveis se aproximaram dela.

— Ei amiga, tá tudo bem! — Bibi sentou ao lado dela e deu-lhe um abraço. — Vamos ficar bem!

— É amiga, fica bem. Logo, logo a gente vai se ver e tomar uma bela garrafa de uísque quando essa droga de guerra acabar! — Com seu jeito espontâneo, Luísa acalmou sua amiga. — Vem, vamos arrumar suas coisas!

As duas foram com Camila até seu dormitório, e a ajudaram a fazer as malas. Enquanto ajudava sua amiga, Bibi, que ouviu a conversa, ficou pensando em sua filha e os perigos que ela poderia correr se ficasse no Aurora até o dia da operação. Quando finalmente finalizaram com as malas, Abigail chamou Mila no canto para conversar.

— Amiga, eu queria conversar com você!

— Pode falar meu bem, sou toda ouvidos.

— Eu escutei sua conversa com o Dr. Silveira e queria que você levasse a Helen junto com você!

— O que? Como vou cuidar dela? Estou sendo designada para uma missão, Bibi! — Ela advertiu.

— Eu sei, mas também sei que antes de ir para essa missão, você vai ao Brasil e por isso quero aproveitar para que a minha filha e sua afilhada vá com você! — Bibi segurava nos ombros de Camila e olhava fixamente para ela. — Você a deixaria com a minha mãe. Não quero que Helen fique no Aurora, ainda mais no dia da invasão, em que tudo pode dar certo ou pode dar errado!

— Eu entendo, me desculpe! — Houve um breve silêncio enquanto as duas se abraçavam. — Eu a levarei comigo e cuidarei dela como se fosse minha. Não se preocupe, vou levá-la para a sua mãe e a aviso sobre tudo!

— Muito obrigado, minha amiga!

Depois da conversa, Abigail arrumou as coisas de sua filhinha e as entregou à madrinha de sua filha, que deixou tudo junto a seus pertences. Um bom tempo depois, no porto, Stein conseguiu uma breve e curtíssima folga para tentar falar com sua amada, mas foi chamado novamente. Quando voltava, ele esbarrou com Mila, que estava fora do navio comprando um suco. Era por volta das 15h.

— Camila? Que bom revê-la! — Ele a cumprimentou.

— Iguualmente Stein, mas para onde vai tão apressado? — Ela percebeu sua pressa.

— Estamos nos preparando para a operação! — O rapaz, então, lembrou-se do que tinha de entregar para Bibi e pediu para que a amiga dela lhe entregasse. — Ah, olha, entrega essa carta a Bibi está bem?

— Está bem! — Olhou o relógio. — Ah, meu Deus, tenho que ir!

— Espere, entregue a carta, mas somente se a operação não der certo! — Ele segurou em seu braço.

— Está bem, agora vou! Até mais! — Ela achou estranho tal pedido, mas não se importou muito, pois muitos soldados esta-

vam ansiosos para o dia seguinte e os perigos que iriam enfrentar.

Os dois tomaram caminhos opostos. Um foi às pressas para pegar suas coisas e viajar e o outro tinha que se preparar. Chegando no Aurora, a moça foi depressa pegar suas coisas e avisou às amigas sobre sua ida para pegar o navio que estava aportado também naquele porto. Bibi pegou sua linda menina, deu um beijo em sua testa, deixou escorrer uma lágrima de despedida e a entregou nos braços da amiga.

— Avise a mamãe o que vai acontecer, sim?

— Não se preocupe querida, eu a avisarei!

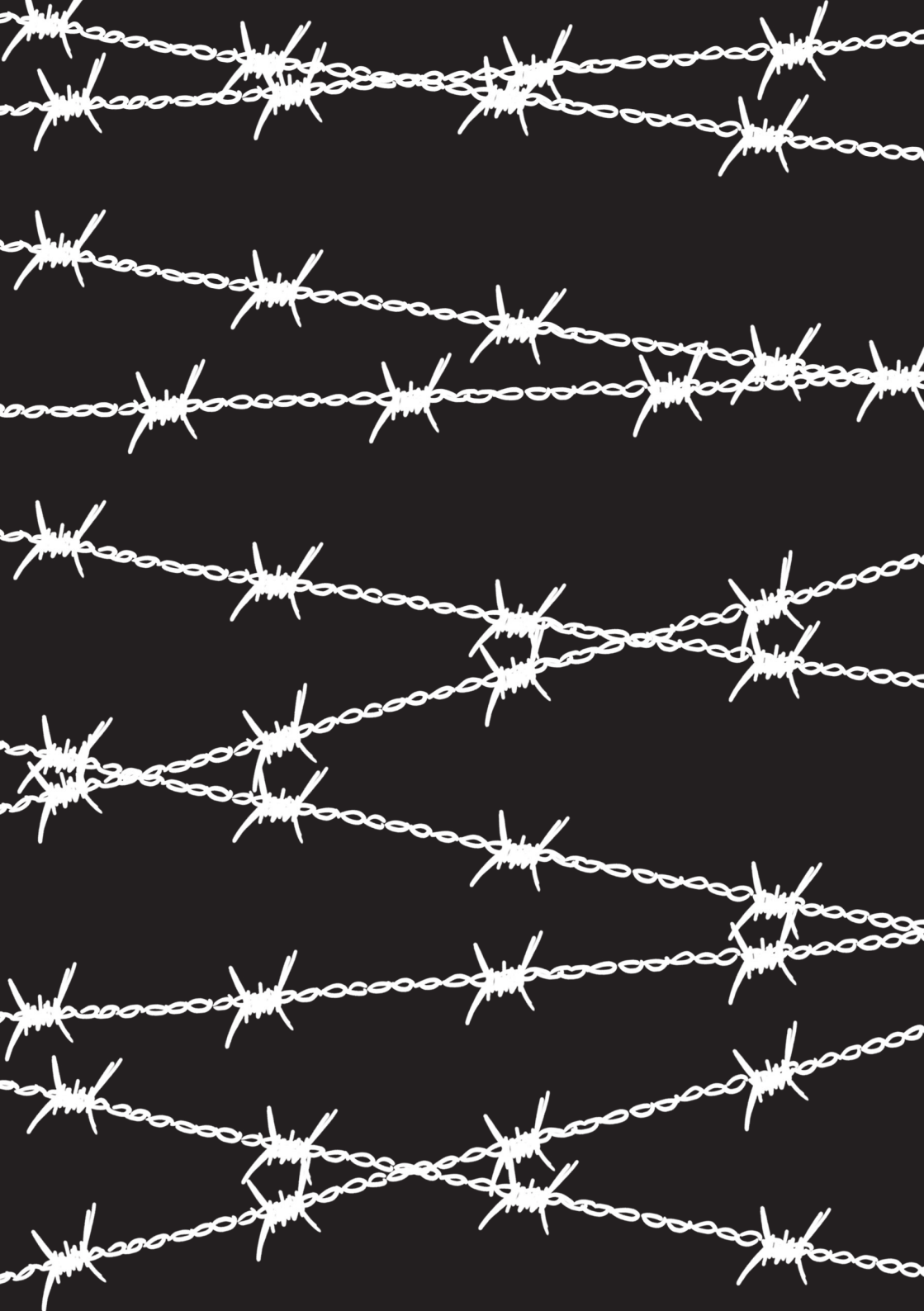
— Cuide bem da minha princesinha! — Uma lágrima caiu de seus olhos.

— Cuidarei dela como se fosse minha vida! — Quando Camila ia dar as costas para rumar para o navio Vargas, Bibi a chamou novamente.

— Ah, Camila!

— Sim!

— Leve-a e a proteja, está bem? — Mila deu um sorriso e um gesto de compreensão, e partiu para o navio. Alguns minutos depois, a moça iniciou sua viagem para o Brasil.





CAPÍTULO 29: *ESTAREI SEMPRE COM VOCÊ*

Praia de Gold, 6 de junho de 1944.

Era inacreditável, o tão esperado dia, o Dia D, finalmente havia chegado. As tropas americanas, britânicas e canadenses haviam saído das respectivas bases navais onde estavam, no Reino Unido, e navegaram sobre o Canal da Mancha rumo à Normandia. Até então, graças a uma estratégia de contraespionagem aliada, os alemães acreditavam que a eminente invasão seria em Passo de Calais ou na Noruega, fazendo com que a poderosa divisão de tanques Panzer fosse realocada para Calais. A região de Gold era protegida pela 352ª e 716ª Divisão de Infantaria da Wehrmacht.

As tropas britânicas, em especial a 50ª Divisão de Infantaria, rumavam para invadir a praia de Gold. Junto com os navios que transportavam soldados, o navio hospital Aurora acompanhava tudo um

pouco distante da frota, já que a embarcação hospitalar estava ali para dar apoio. Abigail, do convés do navio, observa tudo o que acontecia e estava um tanto apreensiva e nervosa para aquele momento.

Nos barcos, muitos soldados estavam ansiosos, e alguns até vomitavam o reforçado banquete que receberam da Marinha, uma vez que os superiores acreditavam que uma boa refeição estimularia os soldados a lutarem e os daria mais energia. Porém, tal crença foi abalada, já que as condições da maré não estavam muito boas. Alguns jovens rapazes que iam com Stein vomitavam com o enjoo que sentiam, deixando-os enfraquecidos fisicamente. O próprio Stein segurava-se para também não vomitar e obteve um certo êxito.

No barco que transportava o capitão desertor havia mais cinquenta homens. Alguns rezavam o pai-nosso, outros seguravam suas armas com muita firmeza, uns tremiam de frio e suavam de tanta ansiedade.

— E então, como vai? — Um cabo chamado Henry Harold iniciou uma conversa com Stein, que não conhecia ninguém dos que estavam ali, já que a maioria dos amigos que fez no exército britânico estava em outro bote.

— Sabe como é né? A situação não ajuda muito para um “vou bem”, mas acho que um “vou indo” serve! — Stein respondeu, sendo sincero. De fato, tal situação não era lá uma das melhores.

— Nisso tenho que concordar, acho que um “vou indo” vem mais a calhar! — Os dois riram. — Qual o seu nome?

— Stein, Ernest Stein!

— É alemão?

— Tenho descendência, moro na Inglaterra desde o ano passado! — Ele não mentiu sobre quem era, mas decidiu omitir o que outrora foi.

— Ah que bom! — Harold deu-lhe uma tapinha nas costas.

— Meu nome é Henry Harold, mas pode me chamar apenas de Henry. — Ambos apertaram as mãos como um cumprimento.

Um momento de silêncio se fez, e logo em seguida fortes rajadas de metralhadoras vindas das fortificações perto da praia foram descarregadas contra os botes que traziam as tropas.

— Abaixem-se, começou! — Um sargento gritou aos demais que estavam no bote de Stein, antes de ser atingido por um dos tiros que o matou instantaneamente.

— Espero que isso não perdure por muito tempo! — Harold indagou a Stein, que estava, assim como ele, abaixado para se proteger das balas.

De repente, as portas da embarcação se abriram, era hora de lutar. Aos poucos, as demais embarcações e blindados iam chegando em Gold, que ainda possuía um canhão alemão ativo que fazia danos até as 16h daquele dia. Ao pisarem nas praias, muitos dos soldados morriam, já que estavam sendo recebidos com uma chuva de balas. Os dez primeiros homens que saíram do barco onde estavam Harold e Stein foram mortos. Estes dois avançaram unidos aos demais e por um golpe de sorte estavam indo bem, apesar das pesadas baixas sofridas.

De longe, Bibi e Lulu observavam tais cenas de tamanho horror e sofrimento. Stein era o único pensamento da jovem garota. A cada momento, a cada segundo e minuto. Como ele está? Será que está ferido? Ou morto? Eram várias e apreensivas dúvidas que corriam por sua mente.

— Vamos entrar um pouco, não há como voltar atrás, a invasão enfim começou! — Lulu alertou sua amiga. Ela tentava consolá-la, pois permanecer ali, observando todo o horror que ocorria, iria deixá-la mais preocupada ainda.

Era pouco mais de 7h30 da manhã. O desembarque já tinha

sido iniciado. Cada vez mais tropas iam surgindo, porém, as baixas eram inevitáveis. Enquanto seguia junto com seu novo amigo, Ernest viu muitos homens serem atingidos e morrerem. Outros eram feridos e permaneciam ali para ao menos tentarem manter-se vivos. Para os dois rapazes, aquilo era uma carnificina, mas que jamais iria superar os acontecimentos ocorridos na praia de Omaha com as tropas americanas.

As horas foram passando, e apesar de sofrerem pesadas baixas, os britânicos não tiveram muita dificuldade para adentrar no solo francês ocupado pela Alemanha Nazista. Porém, havia ainda alguns locais fortificados que não sofreram muitos danos durante um bombardeio aéreo aliado que não foi executado com muito êxito, fazendo com que os alemães resistissem até a tarde daquele mesmo dia.

Quando deu por volta das 9h, mais uma rajada de balas foi realizada pelos alemães, causando mais baixas nas tropas da 50ª Divisão de Infantaria. Naquele momento, alguns soldados haviam sido levados para o Aurora. De repente, um avião da Luftwaffe apareceu no horizonte (alguns ouviram ele se aproximar), e imediatamente três navios posicionaram seus armamentos antiaéreos.

Abigail, que cuidava cautelosamente dos feridos escutou um avião se aproximando, mas não havia tempo de averiguar. Com muita frieza, o avião disparou rajadas de balas contra o navio hospital. A aeronave inimiga deu a volta e então soltou uma bomba que caiu em uma das chaminés do navio. Poucos minutos antes, em meio ao alvoroço dos disparos, Bibi saiu e pode observar Stein que havia parado e fixado seu olhar para o Aurora. Ambos se viram e então, uma grande e estrondosa explosão.

— Stein! — Abigail deu seu último grito.

— Não! — O capitão desertor bravejou com toda a sua força, mas era tarde, tarde demais.

O majestoso navio hospital Aurora fora destruído e naufragado em plena invasão. Tal ação resultou na morte de quinhentos e cinquenta pessoas, entre estes, a equipe médica, um grupo de cinquenta feridos que ali estavam e a tripulação do navio. Foi uma desgraça. O avião, porém, foi abatido violentamente no céu após seu feito contra a embarcação hospitalar.

— Abigail! Não! — Stein continuou gritando e correndo em direção ao navio.

— Stein, espere! — Harold ainda tentou impedi-lo, mas não conseguiu.

O capitão desertor corria desesperadamente. Seu rosto estava vermelho de raiva e dor. Seus olhos não paravam de chorar. O amor de sua vida havia ido embora e sido tirado dele da forma mais cruel que se existe.

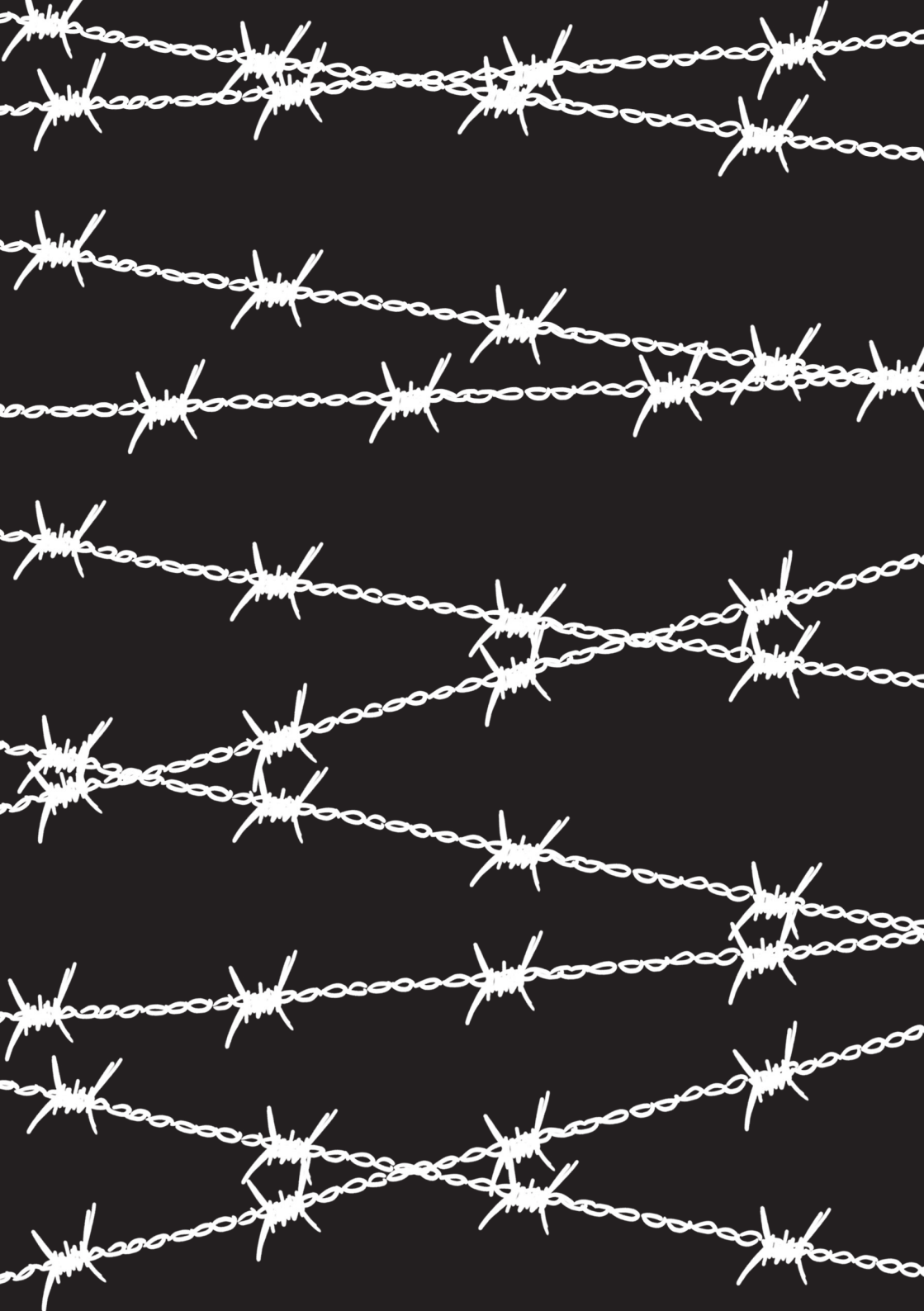
— Protejam-se! — Gritou um tenente quando viu a rajada de balas se aproximando. Stein virou-se, abriu os braços e disse:

— Minha vida acabou, por que devo viver? — Encarou a rajada. — Deus, cuide de minha filha! — Olhou para o céu. — Estarei sempre com você, *meine brünette!* — A rajada o atingiu, perfurando seu tronco inteiro e matando-o naquele mesmo instante.

— Stein! — Henry ainda gritou, mas não adiantava, ele perdeu o amigo que acabara de fazer.

Horas depois, os alemães foram vencidos pelos britânicos e a praia de Gold finalmente foi conquistada. Nos próximos meses que se seguiram, os Aliados conseguiram libertar a França dos nazistas e, pouco depois, o fim da maior guerra já vista foi consumado.

O corpo de Stein foi enterrado no Brasil ao lado do corpo de Bibi, que foi encontrado após o rendimento da resistência alemã em Gold. Ernest Stein foi levado por Harold e pelos companheiros que o capitão desertor havia feito durante os treinamentos no exército britânico.





CAPÍTULO 30: *DEPOIS DO DIA D*

Rio de Janeiro, agosto de 1956.

Depois dos acontecimentos ocorridos no Dia D, Camila ficou sabendo de tudo o que aconteceu e ficou extremamente chocada e abalada. Ela avisou à mãe de Bibi sobre a morte de sua filha e de seu genro, Stein. A avó de Helen ficou abalada e teve uma forte depressão que foi superada graças a sua neta. Após a missão que tinha de cumprir a mando do falecido Dr. Silveira, Mila largou seu serviço e casou-se no final de 1945 com Klaus Hoffman, o amigo de Stein por quem tinha se apaixonado. A garota também soube sobre o passado de Hoffman, ela ficou decepcionada com ele, porém o perdoou não muito tempo depois.

Decidida, Mila resolveu assumir a guarda de Helen, criando-a como se fosse sua filha junto com a dona Helena, que faleceu

cinco anos depois, deixando tudo o que tinha para a sua neta. Quando Helen completou 12 anos, Camila teve uma conversa com a garota, que tinha os mesmos aspectos físicos de Abigail.

— Minha menina, precisamos conversar, tenho algo importante para te contar! — Camila iniciou a conversa, junto com Hoffman.

— Sim mamãe, o que houve? — Ela questionou.

— Uma vez, você me perguntou porque no seu nome tem Bragança e Stein, invés de Almeida e Hoffman, lembra-se? — Klaus olhou para a garota e perguntou.

— Sim, papai eu lembro, e também lembro que o senhor disse que era um assunto complicado! — A garota advertiu.

— Então meu bem, nós na verdade não somos seus pais biológicos! — Camila foi direta dizendo a verdade.

— Não são? — Helen estranhou. — Que papo é esse? Vocês devem estar brincando, não é?

— Infelizmente não, minha garotinha! — Era o jeito carinhoso que Klaus falava com ela. — Eu era amigo de seu pai verdadeiro e Camila era amiga de sua mãe verdadeira! — Hoffman tinha um sotaque alemão, e estava aprendendo o português aos poucos desde que tinha vindo para o Brasil.

— Como assim? — A garota não acreditava.

— É verdade minha pequena, nós não somos seus pais verdadeiros, porém eu jurei para sua mãe, Abigail, que cuidaria de você e a protegeria!

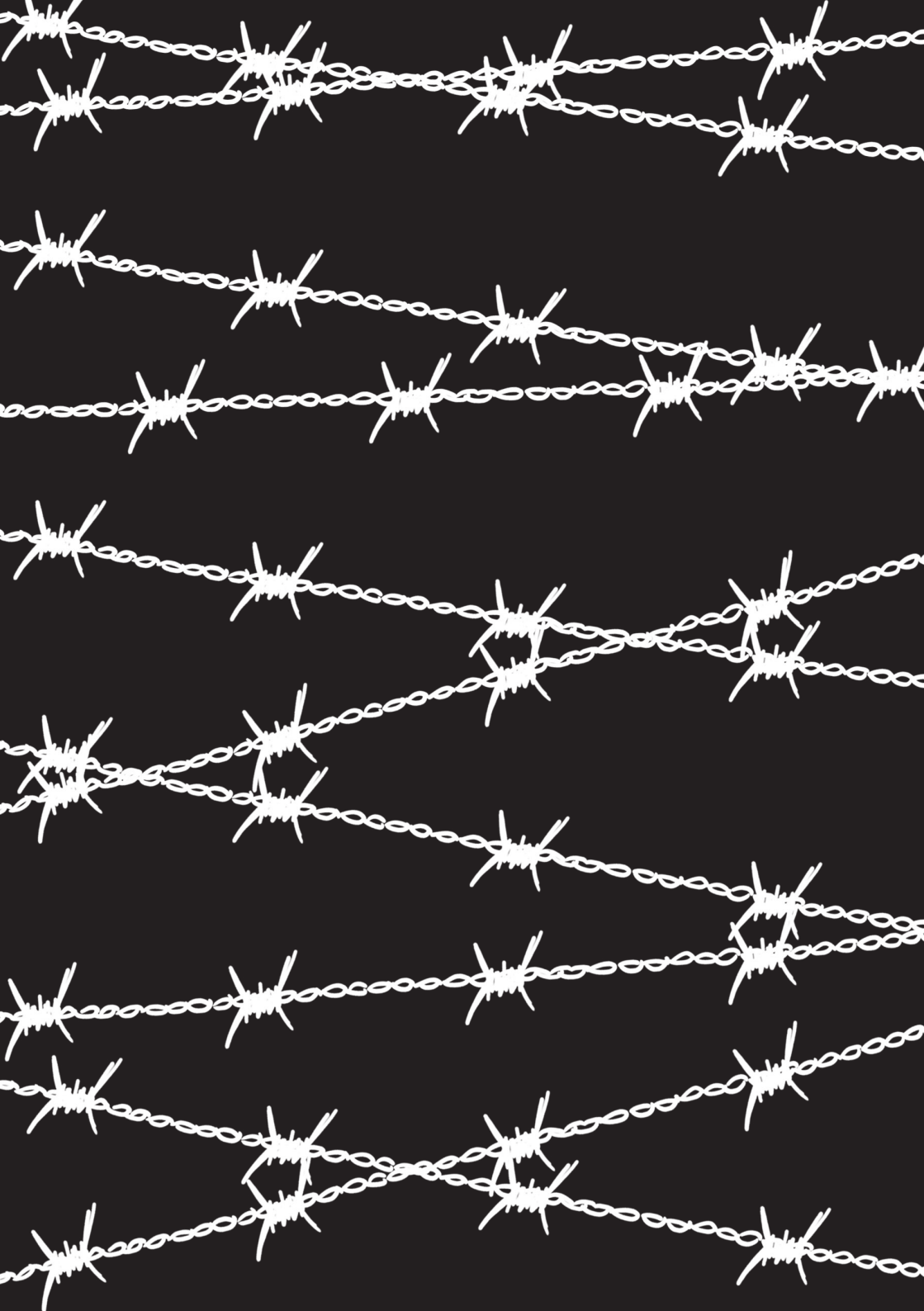
Helen, então, ficou pensativa e olhava para os pais que ela conhecia e ficava imaginando quem seria seus verdadeiros pais. Como eram? O que fizeram? Por onde estão? Eram muitas perguntas a serem feitas, porém sua mãe adotiva tinha as respostas para todas elas.

— Então, quem são os meus pais de verdade? — A garotinha olhava para o casal que lhe criava. Os dois adultos se olharam, e Hoffman gesticulou a cabeça fazendo um sinal de concessão.

— Venha querida, vamos ao seu quarto, vou contar toda a história de seu pai e sua mãe! — Camila a pegou gentilmente pelo punho e a levou para o quarto de Bibi que também era o quarto da garotinha. Como Helen havia herdado tudo de sua avó, o casal e a menina passaram a morar no casarão. A antiga casa de Abigail Bragança.

No quarto, a conversa durou cerca de uma hora, e isto foi o suficiente para Helen entender todos os acontecimentos que colaboraram para que aquela linda menina morasse e fosse criada pelos amigos de seus pais de verdade.

Os anos foram passando, e chegou uma época em que o Brasil estava sob uma ditadura militar instaurada com o Golpe Civil-Militar de 64. Quando completou 21 anos, Helen participava de movimentos em oposição à ditadura e acabou sendo exilada em 1970 na França, voltando para o seu país nove anos depois, com a anistia. Ela casou-se com Eduardo Fernandes e teve três filhos. Em seu retorno para o país, resolveu morar na cidade do Recife, em Pernambuco e vendeu o casarão de sua avó no Rio.





CAPÍTULO 31: *A CARTA*

Recife, dias atuais.

A família de Helen cresceu ao passar do tempo. Ela já era inclusive vovó de quatro netos e algumas características que lembram Abigail, sua mãe biológica e seu pai, Ernest Stein, foram passados pela genética para eles. Por muitas vezes, em sua aconchegante casa em uma área agradável da capital pernambucana, Pedro, Ernesto, Camila e Abigail, seus netos, sentavam-se ao redor dela e imploravam por histórias.

— Vovó, vovó, nos conte aquela história do capitão e da enfermeira, por favor! — Pedro implorava para ela.

— Mas foca na parte do romance! — dizia Camila, que adora ler e escutar histórias de romance.

— Eu prefiro as batalhas! — Ernesto foi bem sincero e olhava

sua avó fixamente.

— Tenham calma meus filhos, tenho certeza de que a história vai satisfazer a todos! — A dona Helen se divertia com eles.

Certo dia, Abigail, a neta mais velha de Helen, estava no quarto xeretando as coisas da avó. Para a menina, era lindo todas as recordações que aquela senhora tinha, mas a mais curiosa delas era uma carta que até mesmo sua avó a proibiu de pegar, por julgar ser de bastante valor.

— O que a moça está fazendo no meu quarto? — Dona Helen a pegou de surpresa.

— Ah, nada, digo, estou olhando suas recordações! — Voltou-se rapidamente para a porta do quarto e gaguejou um pouco.

— Hum, e estava de olho na carta que te proibi de pegar, não é mesmo? — Aproximou-se da menina.

— Sim, vovó, não vou mentir para a senhora! — A menina baixou a cabeça.

— Tudo bem minha flor, agora você pode pegá-la! — Ela lhe disse com um semblante bem agradável.

— O que? Sério? — Abigail ficou surpresa com a reação de sua avó.

— Sim, agora, lembra-se da história que contava para vocês sobre o capitão e a enfermeira?

— Sim, lembro, porquê?

— Porque esta história é real! — A senhorinha sentou-se na cama macia que estava revestida com uma colcha de cor verde musgo. — Esta história é de sua bisavó e de seu bisavô!

— Sério? Não acredito! — A menina já tinha pego a carta. Seus olhos brilhavam naquele momento, principalmente ao saber da verdade.

— Seríssimo, meu bem! — Helen alisou os cabelos cacheados de sua neta que vestia um short jeans, uma blusa rosa e que tinha pele morena assim como ela. — Bom, eu vou sair do quarto e deixarei você lendo esta carta que foi feita pelo meu pai para a minha mãe, caso ele morresse durante a guerra. A minha mãe adotiva, Camila, me entregou depois da conversa que tive com ela sobre o assunto e eu chorei ao ler! — Deu um breve sorriso enquanto via a neta ansiosa para ler. — Leia a carta e você vai ver que apesar de tudo o que fizemos de ruim, Deus sempre nos dá a chance de melhorarmos, só basta a gente querer!

— Que lindo vó, de onde tirou toda essa sabedoria? — A garota estava encantada. Abigail sempre gostou de romances, histórias e aventuras. Era uma amante da literatura assim como sua avó que tinha uma estante cheia de livros de sua época de menina.

— Do tempo, dos anos, da experiência de vida que tive. Agora, leia e depois conversamos melhor, está bem?

— Está bem, vou ler! — A garota indagou feliz enquanto prestava atenção nas sábias palavras de sua avó. Helen então, deu um beijo em sua neta e saiu do quarto. — Agora vamos ver esta carta! — Falou consigo mesma.

Com muito cuidado, Abigail começou a tirar um pequeno pedaço de fita que lacrava o envelope. Quando finalmente o abriu, retirou o papel que estava bem preservado apesar dos seus 75 anos de idade. A garota desdobrou cuidadosamente o papel da carta e a leu. Após isto, saiu do quarto emocionada e conversou com sua avó o dia todo sobre o que tinha lido e entendido daquelas palavras:

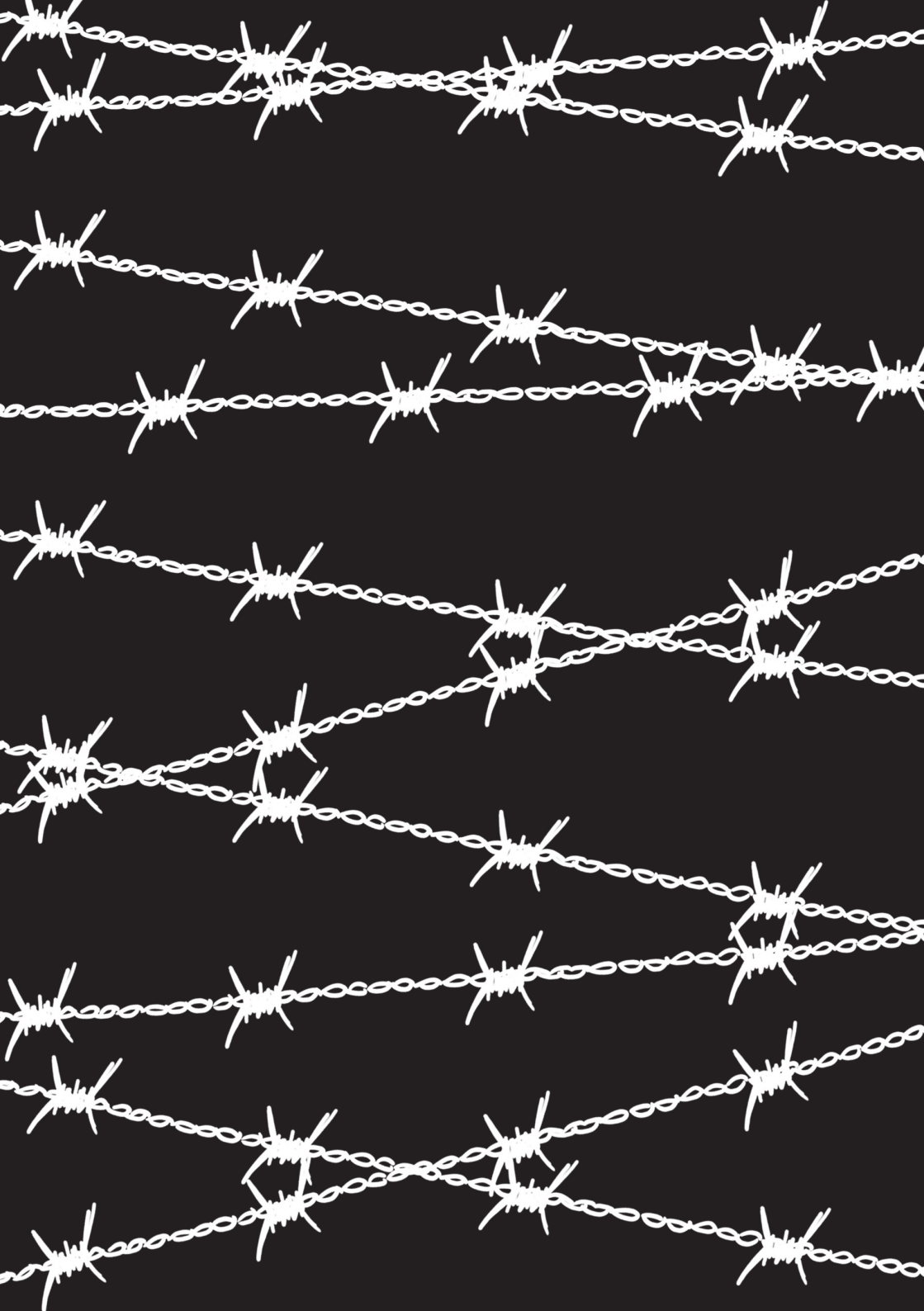
“Querida Bibi, meine brünette, se estiver lendo esta carta talvez eu já esteja morto. Quero que saiba, a princípio, o tamanho amor que sinto por você desde o dia em que nos conhecemos. Sim,

passamos por momentos difíceis, dolorosos e de amargura, mas compensamos com amor, carinho e confiança. Sou grato a você por dar a mim uma nova razão nesta vida. Perdi tudo o que eu tinha e que mais amava, mas eu conheci você, meine brünette, a mulher que me fez acreditar na vida novamente, que trouxe para mim a felicidade e o amor. Nosso fruto é a nossa pequena Helen, nossa menina, por quem me apaixonei no primeiro momento em que soube de sua existência em seu ventre doce e materno.

Sei que fiz coisas ruins nesta vida, você bem sabe, mas me arrependo de tudo, de tudo mesmo. Quero me redimir ao lado dos Aliados e lutar pelo que é certo, lutar pela paz. Queria viver junto com você até o fim de nossas vidas apesar da sentença que terei que pagar após o término desta guerra, se eu sobreviver. Desde já, peço que me perdoe, minha amada Bibi, pelos meus erros, e quero que saiba que eu sempre te amei e sempre hei de te amar até o último fôlego de minha vida.

Estarei sempre com você!”

Stein.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amar em Segredo. Acesso em: 08/03/2019: <https://www.historiadealagoas.com.br/augusto-calheiros-o-patativa-do-norte.html>

In the Mood. Acesso: 08/03/2019: <http://tudosobremusica-porps.blogspot.com/2016/02/a-historia-da-musica-in-mood.html>

April in Paris. Acesso em: 08/03/2019: <https://www.musicontherun.net/2016/10/discos-para-historia-ella-and-louis-ella-fitzgerald-louis-armstrong-1956.html>

Adolfo Hitler. Acesso em: 09/03/2019: <https://www.sohistoria.com.br/biografias/adolf/>

Marechal Gerd Von Rundstedt. Acesso em: 09/03/2019: <https://www.dday-overlord.com/bataille-normandie/portraits/allemands/von-rundstedt>

Rei Jorge VI do Reino Unido. Acesso em: 20/07/2019: <https://www.canallondres.tv/jorge-vi-do-reino-unido-um-rei-improvavel/>

Tenente-General Gerard Bucknall. Acesso em: 29/07/2019: <https://peoplepill.com/people/gerard-bucknall/>

Congress Street, Columbia Street, Bankfield Street, Winkle Street. Acesso em: 12/03/2019: Google Maps



Tipografias utilizadas:

EB Garamond

Abolition

Dharma Gothic E

Papel da capa:

Cartão Supremo 250g

Papel do miolo:

Pólen Soft 80g

Impresso na Copiart.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais. Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



editoraifrn



J. F. BELCHIOR

J. F. Belchior, nome artístico de Joaquim Felipe Torres Belchior, é escritor e estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Nasceu em março de 2004, na cidade do Natal, RN. Filho de pescador e de uma funcionária pública, viveu boa parte de sua vida na cidade de São Bento do Norte, município do interior potiguar e terra natal de seus pais. No ano de 2018, foi morar na cidade de Parnamirim, RN, para iniciar sua vida acadêmica no Instituto Federal do estado, onde começou a aprimorar suas histórias.

O amor, quando surge, é inesperado. Ninguém sabe a hora, nem o momento, nem o lugar. O ano é 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, o maior e mais sangrento conflito armado que a humanidade, em toda a sua história, já presenciou. Em meio a tanto caos, desgraças e coisas horrendas, uma paixão inesperada surge entre um capitão desertor nazista chamado Stein e uma enfermeira brasileira conhecida pelo apelido de Bibi. Juntos, ambos vivem uma grande história de amor, e, pelo simples motivo de se amarem, passam por obstáculos que colocam sua relação amorosa a prova. Foi em uma tarde de fevereiro, na cidade britânica de Southampton, que o casal se apaixonou ao som de “April in Paris”, enquanto dançavam suavemente para lá e para cá no grande salão do Palace of the Seas. A partir daquele momento, a jornada em busca de paz, felicidade e, acima de tudo, da vivência de seu amor, se iniciou. Será que tudo acabará bem? Será que irão conseguir viver seu amor verdadeiro em meio a tanta guerra?

ISBN 978-85-94137-88-3



9 788594 137883 >

